

AVENTURAS DE
BASÍLIO
FERNANDES
ENXERTADO

CAMILO CASTELO BRANCO
AVENTURAS DE
BASÍLIO
FERNANDES
ENXERTADO



Edição de Ivo Castro

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

LISBOA - 2024

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

impresnacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/impresnacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção e paginação: Undo
Revisão: Inês Rodrigues Ferreira
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g
Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: julho 2024
ISBN: 978-972-27-2912-3
Depósito legal: 531409/24
Edição: 1024777

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AVENTURAS
DE
BAZILIO FERNANDES ENXERTADO

LISBOA

Livraria de António Maria Pereira

50 – Rua Augusta – 52

1863

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I

NASCE O HERÓI. A CABEÇA E AS ESPERTEZAS DO MESMO.

Basílio Fernandes é um sujeito de trinta e sete anos, com senso-comum, engraçado a contar histórias de sua vida, ativo negociante de vinhos no Porto, amigo do seu amigo, e bastante dinheiroso – o que é melhor que tudo já dito e por dizer.

Seu pai chamou-se José Fernandes, por alcunha *o Enxertado*. Pegou-lhe a alcunha, porque, sendo ele natural de uma aldeia daquele nome em Trás-os-Montes, quando já era caixeiro, muitas vezes dizia aos seus companheiros de passeata, aos domingos: «O Porto é boa terra; mas lá como o Enxertado ainda não pus os olhos noutra!» A caixeirada, menos sensível à saudade das suas aldeias, ria do moço, e, por mofa, lhe chamava *o Enxertado*, alcunha que ele ajuntou ao seu nome com honras de apelido.

Casou José Fernandes com Bonifácia Teixeira, filha do patrão, que negociava em azeite, depois que enriquecera na sua mercearia do largo de S. Bento.

Basílio foi o primogénito e único. Nascera muito gordo e extraordinariamente volumoso. Tinha a cabeça igual ao restante do corpo, e uns pés dignos pedestais do capitel da irregular coluna. Enquanto ao tamanho descomunal da cabeça, foi isto motivo para muitas alegrias em casa: no parecer daquela mãe ditosa, a grandeza da cabeça era sinal de juízo, e o tamanho das orelhas correlativas sinal de bom coração. O pai, como não tinha ideias suas acerca de orelhas, abundava nas de sua mulher, posto que de via certa soubesse que um mau

vizinho da porta dissera que o seu Basílio era aleijado, e sairia com orelhas de burro, se se demorasse mais três meses no ventre materno.

A casa do merceeiro ia um frade carmelitano de ótimos costumes, ainda parente transversal da senhora Bonifácia. Era opinião do frei Silvestre do Monte do Carmo que a volumosa cabeça do menino significava talento. Este prognóstico abalava mediocrementemente os *ânimos* dos pais, que não sabiam o que era, nem o para que servia neste mundo o talento.

– Se as religiões não acabarem, como por *aí* agouram os *ímpios* – dizia o frade – este menino pode vir a ser um grande sábio numa ordem rica.

– O que eu quero – acudia o pai – *é que* ele seja um negociante fino, e que dobre o património com a sua agênciã.

O prognóstico de frei Silvestre, um ano depois, ficou prejudicado com a mudança do reinado. Acabaram as religiões, agouradas pelos *ímpios*; e a cabeça de Basílio, no entender do frade, ficou sendo uma cabeça inútil, e malograda, a qual devera ter vindo e florescido em orelhas, e ideias do tamanho das orelhas, cinquenta anos antes.

José Fernandes, como o filho tivesse oito anos bem espigados, comprou-lhe um *Abc*, e foi levá-lo à escola. Era a cabeça de Basílio, no dizer do mestre, muito mais dura, e tapada, e maior que a bola de pedra da Torre dos Clérigos. Ao cabo de três meses, Basílio já conhecia um *o* e um *i*; mas, se lhe tirassem o ponto ao *i*, chamava-lhe *o*. O mestre seguia o sistema da pancadaria, sistema o mais racional de todos com cabeças daquele feito. Basílio entrava em casa a chorar, a mãe saía de mantilha a descompor o mestre, o mestre, exauridas as razões, descompunha a senhora Bonifácia, e assim andaram, ora melhor ora pior, até que Basílio aprendeu o abcdário, às direitas, às avessas e salteado.

Aos dez anos, na cabeça do menino, não direi que se fizesse um grande clarão de entendimento, mas seria injustiça negar faíscas àquela pedreneira ferida pelo fuzil da palmatória. Basílio já soletrava; e fazia riscos, tortos *é* verdade; porém, a senhora Bonifácia, tão vaidosa estava daqueles riscos, que andava mostrando às vizinhas

a *matéria* do seu menino: «matéria», naquele tempo, era o que hoje mais polidamente se chama *traslado*.

Naquela idade, entre os dez e onze anos, parou de crescer a cabeça de Basílio. Fenómeno, certamente! O tronco e as extremidades avolumaram-se em boa conformação; a cabeça, porém, ficou esperando o proporcional desenvolvimento das demais partes. Quem deu primeiro por isto foi a discreta senhora Bonifácia, observando que o chapéu burguês dos nove anos lhe ajustava perfeitamente aos onze. Esta razão não é tão judiciosa como parece ao primeiro lanço: o ponto de apoio do chapéu de Basílio eram as orelhas; todos os chapéus lhe assentavam bem, contanto que as orelhas não ficassem inclusas, o que seria impraticável, sem dar ao chapéu a forma de uma canoa transversa.

Que a cabeça não cresceu desde os dez até aos dezenove anos, isso vê-se e mostra-se, apesar da ciência, na série de chapéus correspondentes aos decorridos nove anos, chapéus, que Basílio conserva, datados no forro, por mão de seu tio frei Silvestre, que, nos últimos anos de sua vida, não estudou senão a cabeça do sobrinho, e a estrada da salvação de três confessadas suas, cujo herdeiro ele foi.

Este fenomenal pouso da cabeça exterior parece que, no interno, foi causa de fertilização igualmente pasmosa! Basílio aprendeu a ler, desmentindo o mestre, que apostava pela irremediável negação do idiota. Em escrita, particularmente no bastardinho, deu invejas aos mais louvados condiscípulos. Em contas, desde as quatro operações até quebrados, foi um pasmarr de rapidez e inteligência! Era um reviramento completo!

Agora, diremos de fugida algumas outras espertezas de Basílio Fernandes Enxertado nesta sua puerícia e começos de adolescência.

Paredes meias com a loja de mercearia paterna, morava uma doceira, que expunha no peitoril da janela térrea uns tabuleiros de verga com manjares brancos e pastéis de seu fabrico. Gozavam estes pastéis justos créditos de muito bem feitos, tanto assim que a senhora Bonifácia em dias santificados mandava comprar, além do celamim de tremoços, três pastéis, que merendava com o marido e filho.

Basílio berrava sempre por mais; mas, desde os nove anos, deixou de berrar, porque, segundo ele confessa agora, a respeito de pastéis trazia o bucho tão cheio que lhe chegava com o dedo. Este enchimento de bucho é que é uma esperteza digna de escritura. Basílio, quando o deixavam sozinho na loja, cogulava o chapéu braguês de açúcar da barrica. Três chapéus a botar fora pesavam doze arráteis, e enchiam uma ceira de figos. Assim que ele podia passar a ceira à vizinha, recebia em troca duas dúzias de pastéis, que ele escondia debaixo da cama. Esta permutação durou dez anos, duas vezes por semana. Calcula Basílio que a doceira lucrou pelo menos naquele espaço de tempo, a seis mil réis mensais, a quantia de setecentos e vinte mil réis. Ora, como um filho desta doceira é em nossos dias comendador de duas ordens, Basílio, quando acerta de o ver passar na sua caruagem, costuma dizer: «Aquele negocia as comendas como a mãe negociava os pastéis». Eu não acho graça nenhuma a este remoque; ele, porém, ri-se muito da sua graça; e o comendador ri-se dele.

Outra esperteza de Basílio era a jogar o botãozinho. No pátio do mestre-escola havia uma cova, em roda da qual os rapazes se ajuntavam a jogar os punhados de botões. Basílio tinha uma unha tão certa, que mesmo a distância incrível apostava a incovar o seu botão, e ganhava, na roda do ano, grosas e grosas, que uma adela da rua Chã lhe comprava a cem réis a grosa. Em dia de liquidação deste negócio, Basílio tomava uma fartadela de cavacas de Paranhos, e dava dez réis às almas, que ele invocava sempre que começava a jogar.

A última esperteza de que eu me lembro é ir ele a miúdo ao convento de Vila-Nova onde estava como criada uma prima de seu pai, e ia lá a miúdo dizer que a mãe estava rouca. A criada ia logo buscar um cartucho de rebuçados de avenca, e o velhaco dava com eles no bucho. Estas e outras espertezas conta o meu herói, com tamanha satisfação da sua pessoa, que, aparte a sensaboria dos episódios, a gente de gosto deve ouvi-lo, podendo,¹ para fazer uma ideia da felicidade que Deus dá a certas pessoas, e da felicidade que Deus tira a outras.

II

AS DELÍCIAS PORTUENSES DO PEIXE FRITO ANTES DA CIVILIZAÇÃO. CUSTÓDIA BANHADA PELA LUZ DO SÉCULO. BONIFÁCIA SUSTENTA AS SAUDÁVEIS DOCTRINAS DA ESTUPIDEZ.

A senhora Bonifácia era madrinha da filha de um despachante da alfândega. Orçava a menina pela idade de Basílio. Até aos nove anos chamou-se Bonifácia; depois, como as condiscípulas lhe chasqueassem o nome, crismou-se em Custódia, que era o nome de sua mãe. Não melhorou.

As duas famílias viviam muito chegadas, e iam juntas, em dias santificados, merendar ao Reimão, ou a Valbom, peixe frito, salada e azeitonas.

Este peixe frito era naquele tempo um recreio muito diletto das famílias do Porto, já distintas por abastança comercial. Vivem ainda muitas ilustres matronas, que se pejam agora de contarem as ditosas horas da mocidade, que passaram, no peixe frito de Valbom e do Reimão. Os vinte anos volvidos de progresso, progresso de trevas em que caíram aquelas alegres almas, está-lhes sendo agora mortificação de vergonha, se acaso algum contemporâneo, em hora de sinceridade e talvez poesia, diz a alguma dessas contrafeitas vítimas da civilização: – «Lembra-se a senhora baronesa daquelas felizes tardes do sável assado e das azeitonas de Sevilha em S. Roque da Lameira?» – Esta injuriosa pergunta é feita à ilustre dama, no momento em que ela esconde as mãos grosseiras na lustrosa pele do regalo, ou contorce os pés, saudosos da liberdade antiga, no constrictor polimento, e nas

outras muitas compressas dolorosas com que a austera natureza se está vingando.

Venturosas, a mais não poder, eram as duas famílias, aparentadas espiritualmente, em cada domingo, que Deus mandava a este mundo! A ordem processional da jubilosa caravana era a seguinte: Na frente iam Custódia e Basílio dando-se as mãos. Alguns passos a distância, marchavam num andar mesurado, grave, ponderoso, e solene, José Fernandes Enxertado e seu compadre Manuel José Borges. Alguns passos atrás, iam as senhoras Custódia e Bonifácia, com as mantilhas de durante apanhadas na cintura, as côcas arregaçadas, e os vestidos apanhados, deixando ver meio palmo da saia branca guarnecida de rendas folhudas, ou assarapantada rede de bordados. Sobre os alterosos seios de cada uma, caíam as roscas dos cordões de ouro, com pingentes de vários feitios, como corações, cruzes, meda-lhas de sagrados lenhos, ou outras santas relíquias.

José Fernandes e seu compadre vestiam regularmente casaca de antigo e forte pano amolado, inchourçada na gola, e fina de abas, cujas pontas se cruzavam sobre o artelho. Cada qual tinha sua bengala de cana da Índia, acastoadada de marfim, com cordões pretos e bolas de retrós. No luxo dos berloques dos relógios, José Fernandes Enxertado levava grande vantagem ao compadre, posto que este se considerasse melhor servido em fábrica de relógio, cujo tamanho, nestes nossos dias de coisas insignificantes, daria um regular relógio de parede.

E assim iam os dois afortunados casais, caminho de Valbom ou S. Roque da Lameira. As comadres desenferujavam a língua a falar dos pequenos, do amanhã das teias, dos cevados que estavam engordando, dos furtos das lavadeiras e das maçarocas que fiavam as calaceiras criadas. Os compadres falavam de direitos de alfândega, do modo de enganar o fisco, do contrabando em que alguns vizinhos do Enxertado tinham enriquecido, e da maneira de enriquecerem eles também, posto que Manuel José Borges tinha uns princípios de virtude duros e incombináveis com o ânimo ambicioso do já abastado merceeiro. Os pequenos lá iam adiante, ora garrulando atrás

de alguma lagartixa, ora colhendo das ribas marginais do caminho alguma flor silvestre ou amora madura, com que enfarruscavam os beiços, e tiravam dali matéria para muito riso, ao qual os pais e mães ajuntavam a sua complacente gargalhada.

Chegados ao quintalejo, onde se comia o peixe frito, abancavam debaixo de uma parreira, em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas cuidadosamente dobradas pelo festo, e eles as casacas com igual esmero.

Depois, vinha a bandeja vidrada do sável, regulando a duas postas por cabeça, e um alguidar de alface, que as esposas temperavam, e os maridos mexiam, dizendo cada um seu anexim, sempre o mesmo, a respeito da salada; por exemplo: «quer-se temperada por um cego» e o outro infalivelmente, juntava: «e mexida por um doido». E com isto riam até dizerem que já lhes doíam as barrigas.

A caneca do vinho era comum dos seis. Os meninos limpavam os beiços, para beberem, como é de razão que faça toda a gente; mas Basílio, por brevidade de tempo, ou distração, limpava os seus ao canhão da jaqueta. – «Não sejas porco, Basílio!» – dizia a Custódinha; e o menino, em despique da repreensão, tirava-lhe o lencinho bordado da correia afivelada da cintura, e enxugava nele os beiços, oleosos. A menina gritava, a mãe franzia o sobrolho, e Bonifácia e o marido achavam graça à travessura do *cabeçudo*, como a pequena raivosamente lhe chamava.

Esta alegre cena repetia-se sempre, quatro vezes por mês desde março até setembro, e no coração do inverno, em domingo soalheiro, lá iam ao linguado, à tainha ou ao arroz de marisco.

Acabaram-se estas funçanatas, depois de catorze ditosos anos. Custódia tinha ido, ao entrar nos quinze, para casa de uma professora de piano, onde encontrou condiscípulas, cuja convivência em dias feriados lhe comprazia mais que os passeios a Valbom. Estas meninas eram já daquelas que principiavam a escarnicar das costumeiras burguesas do peixe frito, porque suas mães se haviam já policiado, e davam bailes onde iam doutores, autoridades e fidalgos das províncias do norte. Custódia, ouvindo isto, foi de má vontade às

últimas merendas, e aí de pior semblante recebeu os chistes e selvagens brinquedos de Basílio, cuja cabeça, como dissemos, já não vegetava nesse tempo; mas nem por isso em jeitos e maneiras o mazorro do rapaz se compusera melhor.

Era de ver que Custódia lhe retirasse a pouco e pouco a confiança dos anos pueris; ele, porém, teimava em lhe puxar pela saia, e atirar-lhe bolinhas de pão à cara, quando estavam merendando. Os gestos enfadados da menina desagradavam à senhora Bonifácia, que descomedidamente dizia à comadre:

– A minha afilhada está-se fazendo muito discreta! Vossemecê não vê aqueles modos de serigaita, desde que toca no cravo?

– É que ela está quási senhora, e bem vê, minha comadre, que os génios mudam com os tempos – dizia a senhora Custódia.

– Ora mudam! ela é que se está a querer fazer alguém que vem de algures! Quando o meu Basílio lhe diz alguma graça, ela faz uma careta, e berra: «Deixe-me, que me amarrota».

– Pois ela! – tornava a prudente comadre – coitada! tem lá os seus vestidinhos de cassa, e não quer que lhos amarrotem. Nós, senhora comadre, quando éramos da idade dela, fazíamos o mesmo.

– Sabe que mais, comadrinha? – replicava a senhora Bonifácia, cada vez mais assanhada com as satisfações meio prudentes e meio irónicas de Custódia. – Dê-lhe nas ventas para trás à rapariga, senão olhe que não sei, mas... boa saída não lhe dá ela... Isto de meninas, quando entram a cuidar que são bonitas, e a olharem muito para a sombra... a coisa não vai boa!... Eu, se fosse a vossemecê, comadre Custódia, o que fazia era mandá-la trabalhar em casa. Tocar piano? de que serve tocar piano?! Deixe isso lá às ricas, e cuide de fazer a sua filha boa mulher de casa, e arranjadeira, que é o que quer um marido!

– Pois sim, sim – atalhou Custódia – mas a comadre que quer?! O meu Manuel embirrou p'ro piano, e não há remédio a dar-lhe. Depois, quer também que ela cante, e aprenda o francês...

– Ai! que está o mundo perdido! – clamou Bonifácia, com as mãos na cabeça. – Ó mulher! meu compadre está doido?

– Agora está! bendito seja o Senhor, doido não está ele.

– Aprender francês uma rapariga que não tem, por morte dos pais, senão o dia e a noite!... Jesus, santo nome de Deus! Padre, filho, e espírito santo! Esta cá me fica! Ó comadre, vossemecê diga ao seu homem que tenha juízo; e, se lho não quer dizer, digo-lho eu, ou mando lá o meu José! Vocês botam a perder a moça! Estão a encher-lhe a pele de vento, e depois verão como ela vai por esses ares fora que não há quem tenha mão nela!

– Não há de ser assim, se Deus quiser – redarguiu pacificamente Custódia, lançando a mantilha com disfarçado enfadamento. – Lá por ela ser pobre, isso, comadre Bonifácia, pobres só são os da graça de Deus. Os ricos comem três vezes, e os pobres uma.

– Ó mulher!² – interrompeu a merceeira – Não vá zangada, que eu não lhe disse isto por ter mais alguma coisa que vossemecê. Bem sabe que soberba é coisa que não entra em minha casa. Há muitos anos que nos conhecemos, e eu nunca me envergonhei de andar com vossemecê por essas ruas da cidade.

– Pois a senhora comadre não tinha de que se envergonhar! Meu marido é pobre, mas honrado como os mais que o são, e mais do que muitos que passam por o serem.

– Quem lhe diz menos disso?

– Ninguém, louvado Deus! isto veio à conta de vossemecê dizer que andava comigo pelas ruas. Pedi-lhe eu alguma coisa, comadre?

– Não, e se pedisse havia de achar-me.

– Quando íamos a Valbom, o seu homem pagava uma vez, e o meu outra.

– Olha que mulher!... Abre-te-núncio! quem lhe fala agora em pagar?

– Queria eu dizer, senhora comadre, que os pobres não pesam aos ricos, e que eu, com a minha pobreza, dou tantas esmolas como vossemecê com a sua abundância.

– Ó mulher! – retorquiu já abespinhada a mãe de Basílio – Eu estou-lhe a falar na Custódia, e vossemecê a dar à cravelha p'ro outro lado!

– A Custódia há de aprender o que seu pai quiser que aprenda. A senhora não tem nada com isso; e ela, se fizer o mal, p'ra si o faz! Adeusinho, fique com a graça de Deus.

– Venha cá, comadre!...

A senhora Custódia não retrocedeu: ia a fumar e a resmungar, como quem dissera menos do que devia.

Bonifácia amesendou-se no esteirão com um arremesso de raiva concentrada, e murmurou:

– Má mês p'ra ela! Olha a pobretana que soberba tem! Comigo ao peixe frito não tornas tu! Anda lá que estás criando uma filha daquela casta! Assim é que o demónio as quer! Francês e piano! Ora, já viram!? Eu sou rica, e não quero que o meu Basílio aprenda mais do que sabe; e ela que não tem onde caia morta... Eu t'arrenego, coisa ruim!

E, assim monologando, ia cosendo uma saca de carregar arroz, enquanto Basílio passava a ceira do açúcar à vizinha dos pastéis.

III

O HERÓI EM MANGAS DE CAMISA.

Manuel José Borges era inclinado a grandezas, e andava de más avenças com a mediania dos seus recursos. Claramente se nos revela o arrojado ânimo do despachante da alfândega, que faz ensinar piano à filha, e tenciona ilustrá-la com a língua francesa, geografia e história.

Custódia... Já não era Custódia. Aí a temos agora com um terceiro nome. Aceite-ma o leitor segunda vez crismada em Etelvina, e desculpe-a, que o nome da primeira crisma era tão desgracioso e plebeu como o do batismo.

Custou dissabores à mãe este desprezo do seu nome; porém, o pai apoiara e deferira ao requerimento da filha, documentado com sinceras lágrimas e sedutoras carícias. E que as condiscípulas a molestavam com risinhos; e, de mais a mais, a mestra tomara uma cozinheira chamada Custódia, e as meninas travessas, para estrema-rem a condiscípula da criada, faziam o favor injurioso de a denominarem *Custódia 1.^a*

Etelvina, pois, com mudar o nome, até no espírito se sentiu mais senhoril. Esta aparente futilidade deixa de ser absurda, se meditarmos que, no sexo forte, há casos destes: tal sujeito, que ontem humildemente se assinava com um apelido vulgar, acrescenta ou substitui a capricho a herança dos modestos avós, e como que sente algum grande efeito de uma operação tão simples. A índole mesma do homem se recompõe, ao que parece. Creio que era o ator Kean

que pensava heroicamente na estação em que representasse o papel de Coriolano ou César. Não é muito que a mudança de apelidos, proveniente de um desejo de nobilitar com eles o nome, influa muito no moral da pessoa. Um homem, chamado Pedro Dias, não tem obrigação de ser tão levantado de espíritos como outro que se chama Pedro Mascarenhas. Mudai o plebeu *Dias* no heráldico *Mascarenhas*, e tereis feito de Kean um César. É comédia, isso é verdade; mas o que é este mundo senão comédia?

Etelvina aprendera a dançar, e com muita elegância o fazia. Aqui vem o relanço de se dizer algumas poucas palavras do exterior desta menina, que vai em dezoito anos, idade em que a natureza não tem mais que dar.

Era Etelvina pouco de si enquanto a carnes, construída mui a sabor dos melhores poetas, os quais folgam muito de vestir ossos de flores, como os rapazes que sobre um pauzinho formam vistoso palmito de cerejas.

A magreza, porém, era grande parte para os cativantes realces da elegância: isto gozam as senhoras magras, que formam a cintura onde lhes apraz, e corrigem a natureza, sovina em ilhargas e ombros, com algumas pastas de algodão, espécie de fofó ninho onde o amor se esconde, armando ciladas a incautos.

Etelvina, bem amestrada por algumas condiscípulas de compleição delicada, vestia-se a primor, e tão farta dos relevos, que mais ferem olhos de duvidosa castidade, que sua mãe, a comedida senhora Custódia, a primeira vez que assim a viu *tirada das canelas*, como plebeiramente dizia, lembrou-se dos agouros de Bonifácia, assim formulados no anterior capítulo: «Vocês botam a perder a moça: estão a encher-lhe a pele de vento, e depois verão como ela vai por esses ares fora que não há quem tenha mão nela».

Voltando ao esboço dos encantos de Etelvina, afora os artifícios e composturas necessárias, hei de dizer em muita verdade que a filha de Manuel José Borges tinha dons naturais, que bastavam a distingui-la entre muitas meninas simpáticas, senão bonitas. Olhos negros, e cabelos negros em rosto oval e pálido, lábios breves e escarlates,

nariz fino coando no cetim das cartilagens uma luz rosada, brilhantes dentes, que pareciam querer velar sua modesta beleza na brevidade do sorriso... Se isto não é riqueza natural para muito valor de uns dezoito anos, não sei bem o que é formosura!

Excetuarei pé e mão. Aí é que a natureza obedeceu ao característico daquela família. Etelvina flagelava os pés, com a paciência de uma chinesa, e aleijava as mãos no intuito de aperfeiçoá-las. Era a desgraça da triste menina; mas mal sabia ela que tinha compensações de sobra para se não lastimar nem macerar-se em ocultos suplícios, e tais que poderia ganhar o céu com muito menos, se aspirasse à bem-aventurança infinita, e não a um pequeno pé. Faz pena este desconcerto; mas é verdade! Pobres mulheres, que tanto sofrem por amor de nós, e nós barbaramente rimos disto! Eu não; nem tu, meu prezado Karr, que já protestaste contra o riso insultador dos que zombam da mulher idosa que nos quer mentir mocidade para nosso bem!

Etelvina, como se disse, dançava com suma graça, a graça de 1847, que não era esta pesada, hirta, britânica, e funerária andadura das contradanças dos nossos dias. Onde a seriedade se foi anichar! Nas danças!...

Viu-a o pai bailar com três amigas, que a visitaram num domingo de tarde, e gostou muito da prenda. A senhora Custódia, que contrangidamente aceitava o *dom* das condiscípulas de sua filha, conformou-se com o gosto de seu marido, e achou que a sua Etelvina a dançar era muito mais bonita e airosa que as outras. Era isto verdade, nada encarecida por amor maternal.

Sucedeu, dias volvidos, algumas famílias do comércio mediano combinarem alugar uma espaçosa casa onde se reunissem aos domingos, e formassem bailes, concorridos por pessoas capazes, segundo a rigorosa escolha da direção. Deu-se logo execução à inocente e civilizadora traça. Alugaram casa na rua de Santo António do Penedo, a casa chamada do *Cristóvinho*.

Muitos caixeiros se alistaram na sociedade, que foi mitologicamente chamada Terpsicore. Dançavam ali, desde as três horas da

tarde, exercitando-se, os caixeiros que, ao anoitecer, iam vestir as casacas para voltarem.

Manuel José Borges foi convidado a pertencer à sociedade na qualidade de diretor. Aceitou a honra, e o encargo de levar sua família aos bailes domingueiros.

Era coisa nova para D. Custódia o baile. (Seria teima descortês não antepor o *dom* ao nome da consorte de um diretor da Terpsicore!). Chegara aos quarenta e dois anos a digna esposa do laborioso despachante sem saber o que era vestir-se em corpo, e sair de casa sem a sua mantilha.

Etelvina fez impressão, quando entrou na sala. Vestia de branco, como as suas três amigas, filhas de um negociante de sola da rua do Souto, com as quais, já notadas por sua elegância, se vestiu. Era a rainha do baile; todos os caixeiros sabiam dizer que era ela a rainha do baile.

D. Custódia, como é de ver, quis que sua filha, no fim de cada contradança, fosse sentar-se à beira dela; porém, no terceiro convite, a cautelosa mãe consultou o marido por estes termos:

– Ó Manuelzinho, olha que a menina já bota os bofes pela boca fora! Não a deixes bailar mais.

– Isso não pode ser – respondeu o despachante, que se prezava de saber as leis da etiqueta. – É incivilidade rejeitar os convites. Deixa dançar a pequena, que está no seu tempo.

Neste lanço, entrou na sala Basílio Fernandes Enxertado, que era sócio fundador da Terpsicore.

– Já viste a rainha do baile? – perguntou-lhe um retroseiro vizinho.

– Quem é?! – acudiu ele.

– Acolá a tens: é a filha do Manuel Borges despachante.

– A Custodinha?! É verdade! deixa-me lá ir.

– Conhece-la?

– Ora, se conheço! é afilhada de minha mãe.

Basílio chegou ao pé de Etelvina, no momento em que ela se erguia para ir dançar com um sujeito de bigode e pera, aspeito nada comercial, e maneiras delicadas.

– Estás por cá, Custodinha! – disse Basílio com toda a sincera e brutal alegria de quem não via a sua amiga de infância, desde a última merenda de Valbom, um ano antes.

Etelvina purpureou-se levemente, quando Basílio a interrogou pelo seu abominável ex-nome de Custódia, e não respondeu.

O sujeito, que a tinha já encostada ao braço para romper a valsa, encarou Basílio de certo modo, e logo em Etelvina com ar de estranheza; e, vendo que nem ele repetia a pergunta, nem ela respondia à palerma suspensão do enfiado moço, entrou no redemoinho dos valsantes, deu algumas voltas e parou no lado fronteiro.

Basílio, quando os viu parar, rompeu por entre os pares que dançavam, e foi direito à afilhada de sua mãe. Estava a menina respondendo aos reparos do seu parceiro, que lhe perguntara o nome dela, acrescentando: – «Disseram-me que v. ex.^a se chamava Etelvina; e aquele sujeito, que me pareceu tolo, chamou-lhe Custódia.» – Nisto, chegou Basílio, e disse-lhe com desabrimento:

– Já me não conheces, ó Custódia?

– Conheço, porque não hei de eu conhecer-te? – balbuciou Etelvina.

– Podia ser, porque já te não vejo há mais de ano. A última vez foi no peixe frito em Valbom. Lembras-te?

Etelvina corou; e o parceiro, que tinha estado em Sintra, onde a música em frente do Paço se chamava o *peixe frito*, cuidou que os portuenses, por imitação, também assim denominavam os seus recreios filarmónicos em Valbom.

– Estás uma mulher, Custódia! – continuou Basílio.

– Esta senhora não se chama Custódia – disse o sujeito.

– Não?! ora essa! quer o senhor ensinar-me a mim como ela se chama? – perguntou Basílio com mal-humorado riso.

– Sou Etelvina – acudiu a menina.

– Então mudaste outra vez?! – tornou Basílio – Se assim vais, gastas os nomes todos!

O filho de Bonifácia achou que tivera graça, e riu-se muito da sua lembrança.

O desconhecido do bigode cingiu outra vez Etelvina, girou algumas voltas, e foi sentá-la ao pé da mãe, que suava de atrigada, por vê-la andar tanto tempo ao redor e julgar que sua filha estava oirada.

Este sujeito, antipático aos caixeiros, era um provinciano, filho do diretor da alfândega de Bragança. Chamava-se Henrique Pestana. Teria vinte e cinco anos. A presença era insinuante, distinta, e como de pessoa habituada a viver em salas e tratar senhoras. Havia ele cursado a faculdade de direito até ao terceiro ano, sempre mimoso de *rr*: daí em diante, como a vida sujeita lhe não quadrasse, Henrique fez da batina e capa um pretexto para a mesada, e criou renome de bom jogador de bilhar, ótimo bebedor de *cognac*, e – o que mais espanta – renome de talento!

Isso tinha Coimbra de há quinze anos. Se um moço palavroso, satírico, desleixado em sua compostura, ébrio, insultador de verdadeais, maldizente de mestres, não conseguia a estimação pública, era pelo menos certo granjear fama de talento, e um desgraçado prestígio entre seus contemporâneos mais convizinhos dos seus vícios. Estava inscrito no número de tais glorificações Henrique Pestana, e tinha invejosos amigos que andavam à porfia de o igualarem, ao menos, na faculdade absorvente dos líquidos, já que não podiam emparelhá-lo no gume do sarcasmo e esquisitice das zombarias.

O pai de Henrique, pessoa de meã fortuna, sacrificava-se à formação do seu único filho, e sacrificava-se ainda já depois que Henrique deixara a universidade, e fora para Lisboa onde vivera dois anos uma folgada e libertina vida. Ameaçado de abandono pelo pai, saiu de Lisboa, em direção a Bragança, e obteve licença do velho para demorar-se no Porto, durante a época do carnaval, que era naquele tempo, o que Veneza talvez não fosse nunca.

Alguns condiscípulos portuenses, e nomeadamente Alberto da Gama, e o literato Ervedosa, os dois mais desbragados estúrdios do Porto de 1847, acamaradaram-se com o velho confrade de Coimbra, e reviveram as bambochatas de avinhada memória.

Alberto da Gama, como filho de um negociante de algodões, conseguira ser aceito na sociedade Terpsicore; e o literato, que se fazia

medonho com a insolência cáustica do seu noticiário, obtivera fazer-se aprovar, não obstante uma maioria de vinte e sete favas negras no primeiro escrutínio. A fava é, desde muito, a representante das consciências que opinam sobre o mérito das outras.

Henrique fora apresentado aos diretores da Terpsicore por Alberto da Gama, e comportou-se cavalheiramente no primeiro baile, bem como o Ervedosa, que, num excesso de longanimidade, escreveu, numa local de meia coluna, que o serviço fora profuso, e que as damas, em número de cinquenta, podiam disputar beleza às circassianas, e virtude às onze mil virgens. Com o que, diretores e pais de família ficaram contentíssimos; e, no baile seguinte, que é este em que estamos, ofereceram a Ervedosa um caldo de galinha, uma hora antes da distribuição geral, que era às duas horas da madrugada.

Henrique, depois que Etelvina, esbofada de valsar, se sentara ao lado da mãe, foi procurar Ervedosa e Alberto da Gama, e encontrou-os na dispensa, comendo pão-de-ló, e provando (provando, santo Deus!... tresfegando, é o termo) os vinhos velhos, diáfanos e límpidos como topázios, com grande gáudio de alguns diretores não menos perdulários que beberrões.

Arranchou Henrique ao destroço da garrafeira económica, enquanto o mais liberal dos diretores, dando vivas à bela rapaziada, mandava, a expensas suas exclusivamente, buscar um pipote de Douro de 1830 para suprir o desfalque.

Os três amigos saíram da dispensa com um crescimento de vida, e uma felicidade tão sincera e suprema, qual a não sentiria a humanidade, se voltasse às condições bem-aventuradas de Eva e Adão, como o naturalista Buffon as imaginou.

Entraram à sala, onde as muitas luzes, a música e as mulheres de branco e rosa, lhes acrisolaram o arrobo das visões.

– É aquela! – disse Henrique, indigitando Etelvina, que passava arrebatada nos braços de um caixeiro.

– É filha do meu despachante – disse Alberto. – Já lhe quis fazer a corte, cheguei a mandar-lhe um ramo de flores pela criada da mes- tra, e ela pôs as flores ao seu Santo António.

– Sabe falar aquela mulher? – perguntou Ervedosa.

– Correntemente – disse Henrique. – Perguntei-lhe se nesta sala estava o objeto dos seus cultos, e ela respondeu-me que não tinha objeto de cultos. Depois, abordou-nos um peludo de cabeça quadrada chamando-lhe Custódia.

– Chama-se Custódia ela? – atalhou o literato.

– Chamou-se Custódia: agora é Etelvina... Amo-a! Sabem vocês o que é amar com o coração num banho de vinho do Porto? Amo-a, como Séneca amava a virtude num banho de água; e como Marat amava a liberdade num banho de sangue!

– Eu também a amo! – exclamou Ervedosa, a trejeitar truanescamente, chamando assim a atenção de alguns homens gordos e graves. – Vou-lhe dizer que a amo como a lua ama o lago, e o lago as estrelas, e as estrelas o lago!

– Não berres que nos observam e põe-nos fora! – interrompeu Alberto, simulando uma seriedade que o verniz dos olhos e as dificuldades em manter o aprumo desmentiam.

A eloquência do noticiarista não se abafava com meras considerações. Prosseguiu declamando, e o bacharel rindo, e Henrique Pestana cascalhando também dos trejeitos iracundos dos burgueses, que se iam perfilando em roda. Um destes, mais cioso da seriedade prescrevida nos estatutos da Terpsicore (capítulo 2.º, § 3.º), sacudiu os braços e a cabeça, manifestando sua indignação, e tirou do peito estas judiciosas palavras:

– Aqui anda vinho de mais, ou eu não sou António José da Silva! Ao que os seus amigos, unânimes em tino e opinião, responderam:

– Estão que se não lambem! Cuidam que isto é taverna! *etc.*

Ervedosa mediu de alto a baixo os qualificadores do seu vinho, e disse:

– Onagros! que estúpida Circeia fez destes cerdos homens de casaca?!

Posto que os iliteratos burgueses não entendessem a mitológica apóstrofe, adivinharam instintivamente que eram insultados em

suas casacas, pelo menos, em razão do que, o mais lacónico de todos replicou:

– Fora, bêbados!

Alberto, mais insofrido que o jornalista, e mais conhecedor dos sujeitos que tão grosseiramente o invetivavam, começou discorrendo acerca de cada um dos cinco presentes diretores da Terpsicore. Ervedosa e Henrique compunham um coro de gargalhadas, ao estrondo das quais acudiram muitos caixeiros, e Basílio Fernandes Enxertado, de pior semblante que os mais.

– Ponham-se fora estes pandilhas! – vociferava um diretor, merceiro da rua das Congostas.

– Fora! fora! – conclamaram em grita descomposta os outros, sendo algum tão ousado que chegou a empurrar Henrique.

Este ousado era Basílio, cujos assomos brutais se explicam pelo ciúme, ciúme que rebentara juntamente com a primeira florinha de amor de sua alma; florinha não; melhor se dirá cardo de amor, que lhe estava picando o coração, com toda a fereza do instinto selvagem, que assanha o gato aos primeiros calores da paixão pela fêmea, requestada de outros.

Henrique Pestana, sentindo-se empurrado pelo inoxovedo que fizera corar Etelvina, deu-lhe com as costas da mão direita enluvada uma sonora bofetada na face. Arremeteram contra Henrique alguns que vinham de roldão com outros agressores. Alberto e Ervedosa iam inovelados na chusma; o bacharel, porém, vendo-se em risco de ser espalmado contra uma porta, subiu de um salto ao costado de um burguês, que o sacudia de si com frenéticos repelões.

Soava rijo o baque das quedas ao descer as escadas aquela tumultuosa chusma, e os murros iam já tangidos ao acaso, de modo que uns aos outros os caixeiros se iam equivocadamente socando. Fora causa deste pugilato às cegas ter Ervedosa quebrado a lâmpada que alumia as escadas. Quando o ladrilho do pátio se aplanou, e a luz do lampião da rua fez que os inimigos se reconhecessem, a guerra ia ser de novo travada com infausto sucesso para os três perturbadores da ordem.

Aconteceu, porém, que Alberto e Henrique tivessem carruagem a esperá-los para irem dali a outros bailes carnavalescos, e que o boleiro de Alberto fosse um valentão, afeito a quinhoar das extravagâncias do freguês, que liberalmente lhe pagava a coragem. Apenas o boleiro ouviu o estrondo e vozeria na escada, saltou do trem ao pátio, reconheceu a voz de Alberto que chamava, e avançou contra os agressores compactos, empunhando uma temerosa navalha. Fizeram todos pé atrás, exceto Basílio, que não tinha mão do seu furor, e se atirara com unhas e dentes ao pescoço de Henrique. O boleiro tomou-lhe as abas da casaca, sem mais intento que sacudi-lo por elas; porém, como quer que a casaca fosse muito larga, por ser do pai, Basílio, ao despregar as garras do pescoço de Henrique, sentiu que a casaca lhe fugia do corpo, e achou-se em mangas de camisa. O ébrio boleiro, agitando o troféu, saiu à rua, cavalgou, deu de esporas, e chamou a grandes brados os três amigos, que a muito custo se puderam desapressar da multidão, que os cerrava outra vez, e conseguiram entrar na carruagem.

Basílio Fernandes seguiu ainda a locomotiva, pedindo a casaca a uma pasmada patrulha que o mandou queixar-se a um regedor, visto que a polícia municipal não podia andar atrás de ladrões que despiam os passageiros dentro das carruagens.

Enquanto Basílio se ia, em mangas de camisa, a casa, no propósito de vestir a jaqueta, e pedir justiça às leis, a sua casaca, arvorada na portinhola da carruagem dos ébrios, passeava as ruas do Porto, e entrava alçada num cabo de vassoira no sórdido teatro de Liceiras, até que uma loureira entrajada de pastora, com consentimento de Ervedosa, enfiou a casaca do honesto José Fernandes Enxertado, e a qual já tinha perdido nas mãos de um gaiato a aba esquerda.

Que destino teve a pudibunda casaca do casamento, do batizado, do dia natalício, do voto eleitoral, da semana santa, e da festa das almas de Santa Catarina, cuja mordomia andava desde muito em José Fernandes!

Que destino!...

Ali, naquela funesta noite, se desfez a pedaços nos ombros de uma colareja, que baforava aguardente e peste por todos os poros!³

IV

AFOGA-SE BASÍLIO E DESAFOGA-SE MILAGROSAMENTE.

Conta Basílio Fernandes que sua mãe se apiedara dele, e o salvara das iras paternas inventando que a casaca fora roubada da parreira do quintal, onde estava a assoalhar. Diz mais que tivera casaca nova, depois de haver metido nessa empresa alguns amigos de seu pai, diretores da Terpsicore.

Os bailes continuaram em boa ordem até à primavera de 1848. Escusado é dizer que Alberto, Henrique e Ervedosa foram expulsos, como indecentes, mediante um triplicado ofício da direção. O literato, porém, imaginoso em toda a casta de escândalo, em um dos bailes mascarados da Terpsicore, com os seus dignos amigos, mascarados em membros do conselho dos dez, entraram subitamente na cozinha da sociedade, e roubaram com violência três galinhas, que ferviam na panela, agravando o crime com a circunstância de sacudirem à cara do cozinheiro a água fervente das galinhas emergidas do pote. Este facto foi publicado nos jornais daquele tempo, e censurado em termos severos pelos redatores, a quem estava confiada a moralização da terra e o desbaste dos muitos vadios, que a deslustravam.

Basílio, desde aquela noite, ficou amando a afilhada de sua mãe, com uma paixão digna de pessoa, que pudesse ser tratada mais seriamente num romance. Há aí ferventes e magníficos afetos que morrem obscuros por causa dos indivíduos. Tais amores são assuntos estragados, que nem aos romancistas aproveitam. É pena! Deu

Basílio em não comer, e entrou a desmedrar. Via-o Bonifácia com olhos de mãe; entrou-lhe n' alma e arrancou-lhe o segredo de envolta com algumas dúzias de suspiros puxados de dentro.

Bonifácia, comovida, e ao mesmo tempo consolada com a pequenez dos motivos de tamanha angústia, exclamou:

– Ó menino, eu cuidei que tinhas outra coisa!... Quando mal, nunca maleitas, diz o ditado. (A senhora Bonifácia tinha cabedal de anexins, que aplicava a *trôchemôche*.) Lá o gostares da moça, Basílio, isso não tira nem põe. É tributo que pagou teu pai e teus avós. Que estás tu aí a chorar? Quem te quita de gostares da minha afilhada?

– Ela não me quer – atalhou Basílio entalado de grossos suspiros.

– Não te quer?! – disse roxa de raiva a senhora Bonifácia.

– Não, senhora mãe: anda lá namoriscada de um figurão que estudou para doutor, e não me dá cavaco.

– Olha a valdevinos que se penteia p'ros doutores! – tornou a senhora Bonifácia, metendo as mãos nos sovacos, e bamboando a cabeça, postura muito sua, quando a indignação lhe senhoreava o génio regularmente fleumático. – Pois a delambida atreve-se a fazer-se de manto de seda com o meu filho! Ela!... que não tem nada de seu, senão o palmito da cara, que, a falar a verdade, não é lá essas coisas *por i além!* Há melhores caras que a sua, e de mais a mais, raparigas de teres, que tomaram elas o meu filho! Sabes que mais, Basílio? que a leve a breca, e mais não leva coisa boa! Deus me perdoe! Meninas não te cansam nesse Porto. Quando for tempo de casares, tu verás como elas te aparecem a pedir de boca, filhas de negociantes, e dotadas.

– Não que eu não quero outra! – interrompeu Basílio, embebendo uma lágrima bugalhuda no canhão da jaqueta de cotim. – Gosto dela, e de mais nenhuma. Se não casar com ela, atiro-me ao poço.

– Credo! tu estás endemoninhado, rapaz! Olha que, se teu pai te ouve isso, não te quero estar no coiro! Pois tu estás assim azoinado por a moça?! Olha que eu mando-te benzer, Basílio! Aí anda feitiçaria, Deus me valha!

Não estancavam as lágrimas do mazorro jovem, nem os soluços consentiam àquele peito desafogar-se em palavras. A mãe afligida

aconchegou do peito a grande e dura cabeça do filho, e abarcou-a nos braços com carinhoso amplexo.

A maviosa cena foi presenciada por José Fernandes, que entrava inesperadamente, para encher dois sacos do milho da grande caixa, que era o principal adorno da sala.

– Que é isso?! – exclamou o merceeiro. – vocês estão a choramingar? Falem! desentupam-se!

– Não queres ouvir, José? – disse a senhora Bonifácia, erguendo-se do tamborete, e escondendo as mãos nos sovacos. – Não queres ouvir? A tua afilhada faz-se fina com o nosso Basílio, e anda lá a doidejar com um paralvilho.

– E tu que te importa isso, e mais ele?! – perguntou José Fernandes. – Deixa-a lá, que a leve o demo. Não é nossa parente nem aderente. E então vocês choram à conta disso? Que dianho tens tu, Basílio?!

O moço, como tivesse⁴ os gorgomilos prenhes de soluços, não respondeu. Insistiu o merceeiro na pergunta, engrossando a voz. A mãe indiscreta, mal cuidando as ruins conseqüências da revelação, chamou o marido lá dentro, e contou-lhe o afeto de Basílio a Etelvina.

– Ah! pois ele é isso? – disse José Fernandes, sorrindo de certa maneira, que assustou a esposa. – O rapaz anda desenfadado. Isso passa-lhe depressa, se Deus quiser... Anda tu daí ajudar-me a encher os sacos de milho.

Foi a senhora Bonifácia, ainda suspeitosa do ar agradável do marido, que, no dizer dela à comadre Custódia, não era boa rês, quando se ria com certo jeito.

Estava o primeiro saco de cinco alqueires cheio, quando José Fernandes chamou Basílio. Entrou o rapaz cabisbaixo, esperou as ordens do pai, que estava enchendo o segundo saco.

– Rapaz – tornou José Fernandes – põe ao lombo este saco, e leva-o à loja.

Basílio ficou passado, e pôs os olhos em sua mãe, que exclamou em tom de afetuosa súplica:

– Ó José, tu queres que o teu filho carregue com este saco?

– Quero, e há de levá-lo. Eu te tiro o cio, pedaço de mariola! Vamos! saco às costas, e é andar com as ventas p'ra diante!

– Eu te ajudo, Basílio! – tornou a senhora Bonifácia lagrimosa. – pega tu de um lado, que eu pego do outro.

– Não quero! – bradou iracundo o merceeiro. – há de levá-lo sozinho, e, se me estás a ralar a paciência, olha que lhos ponho ambos ao lombo!

Bonifácia acocorou-se a um canto a soluçar, enquanto o marido ajudava a erguer a carga sobre o ombro do moço, que se dobrava e gemia:

– Leva, e vem buscar o outro depressa. O vício há de sair-te do corpo – disse ainda o austero burguês.

Basílio tinha pulso, e nascera para aquilo. Foi e veio sem lesão de nervo ou músculo. Pegou no segundo saco, sem erguer os olhos do chão.

– Depois – disse ainda o pai – ajuda o carreiro, que está na rua, a carregar duzentas ceiras de figos, dez sacas de arroz, e seis quintais de bacalhau, percebeste?... Não respondes, Basílio? percebeste?

– Percebi, sim, senhor.

– Ora vamos! é andar; eu te porei o diabo fora do corpo.

Basílio, com grande espanto dos vizinhos, ajudou a carregar a fazenda, puxou ao cordame passado pelos estadulhos do carro,⁵ e esteve com a aguilhada diante dos bois, enquanto o carreiro foi beber uma pinga, com que José Fernandes costumava alegrar os carrejões dos lojistas seus fregueses estabelecidos nas povoações do Minho. Terminado este serviço, o merceeiro chamou o filho para diante das balanças de pau, e mandou pesar algumas barricas de açúcar, e sacas de arroz, na qual ocupação o prendeu em todo o dia.

Quinze, ou mais seriam os dias desta dura iniciação, até que o rapaz, quer se constipasse na humidade do armazém, quer se lhe desmanchasse o sistema nervoso, começou a queixar-se de frio, e a tremer. Não obstante os sudoríferos, a febre sobreveio, agravada por delírios, e com todos os sintomas de escarlatina. Esteve debruçado nos alçapões do reino escuro o desventurado Basílio, que, em suas

exaltações febris, denunciava o estado pecador da sua alma, dizendo mil branduras, à mistura com pragas, à ingrata Etelvina.

A lastimosa mãe acusava o marido da morte do filho, lançando-lhe à cara o trabalho de moiro, que lhe dera, até que o pobre menino perdeu a saúde. José Fernandes, já arrependido de sua dureza, e remordido pelo remorso, fez voto de aliviar o filho da labutação dos armazéns, se ele arrijasse da doença.

As muitas orações e promessas da senhora Bonifácia, auxiliadas pela medicina, e um pouquinho pela natureza robusta do enfermo, salvaram-no. A convalescença foi muito desvelada tanto por a mãe como pelo pai, que cumpriu rigorosamente o seu voto.

No gozo de sua inteira saúde, Basílio sentia o coração cada vez mais derrancado. À proporção que as forças da matéria se recobravam, também as da alma puxavam por ele. A mãe sabia isto, era sua discreta confidente, aconselhava-o, queria desviá-lo da tolice; porém, ensinada pela experiência, não dizia palavra ao marido a tal respeito.

No último domingo de julho de 1848, era a celebrada romaria de Santa Ana de Oliveira, situada a curta distância do antigo convento daquele nome, na margem esquerda do Douro, a uma légua do Porto. É esta uma das popularíssimas festas, que, apesar da descrença, do despoetisamento das turbas, e da apagada e tediosa civilização, prevalece ainda com algum brilho do seu antigo resplendor. Há quinze anos, abalavam-se os espíritos na véspera da festa de Santa Ana de Oliveira. A alvorada deste dia era uma alvorada de geral alegria na classe comercial, e nos homens mecânicos da laboriosa cidade. Ao repontar a aurora do belo dia de julho, o Douro que banha o Porto, desde o cais da Corticeira até o de Massarelos, retratava em suas águas serenas e cristalinas as bandeiras e listrões de vistosas cores, que os últimos bafejos da viração matutina ondulavam brandamente, sobre os mastros dos barquinhos, e na orla dos pavilhões que os defendiam do calor. Ao lampejar tremendo do sol nas cristas da serra doirada, lá naqueles tão poéticos longes das montanhas, começavam as famílias a desembocar das estreitas ruas de Miragaia, das arcarias escuras de Cima-do-muro, da majestosa rua de S. João, e de

quantos becos descem do antigo burgo, que lá se está esboroando aos pés da catedral.

Que formoso de ver-se era o espetáculo observado da outra margem do rio, das praias da gentil Gaia, que, vista de longe, faz pensar que por ali demora ainda a encantadora castelã, dando às suas colinas, que tão barbaramente a viram morrer, alguns toques da sua mágica varinha! Também do lado d'além, àquela hora, os botes embandeirados recolhiam as sécias de Vila-Nova, as trigueiras do Candal, as mocetonas da Bandeira e Santo Ovídio, aquela formosa casta de mulheres, que ainda semelham em alguns dotes as estatuárias mulheres da beira-mar, que tu, leitor cansado de belezas pintadas e estofadas, deves ir, uma vez, procurar em Espinho, em Ovar, em Ílhavo, naquela raça fenícia, enquanto a mim, a menos imaculada de estranho sangue, que ainda se viu na Europa.

Enquanto ranchos de senhoras, umas de rosa, outras de branco, outras de azul, todas lindas a mais não poder, saltavam aos barquinhos com grande alarido de guinchos, já de fingido medo, já de expansiva e doida alegria, outros botes se iam cogulando de músicos, uns de profissão, outros curiosos. O flautista, no seu barco, gemia as primeiras melodias do seu mavioso instrumento, enquanto a orquestra se não ordenava; além, noutro barco, o violonista tirava algumas alegres rebecadas, que alvorotavam os ânimos; num barquinho, mais ao longe, já um solitário romeiro fazia como chorar o seu violão, para que a dama prevenida lhe entendesse no som plangente dos bordões a suave tristeza que lhe ia na alma. Um moço inquieto, da proa da sua gôndola, assoprava pela trompa uns sons desentoados, que faziam rir as moças. Tudo ali saía bem; tudo agradava a novos e velhos; os próprios pais consentiam que suas filhas palestrassem dos seus barquinhos para os barquinhos que lhes vinham na alheta, ou vogavam a par, obrigados pela ciosa pujança dos remadores.

Depois, lá ia rio acima aquela galharda esquadriha,⁶ por uma e outra margem, com suas afinadas músicas. De alguns barcos rompiam, a intervalos, dúzias de foguetes, que eram grande parte no

tumultuoso júbilo daqueles felizes. Quem iria triste ali? Os namorados, somente os namorados; mas a tristeza destes que alegria terá o céu que se lhe compare!? A tristeza de namorados! Que doce fel aquele! que voluptuoso veneno filtram as rosas que todo o ar lhes perfumam! que bem-estar do coração, nunca mais sentido, senão um ano, nas existências mais ricas de ventura!

Lá ia, pois, rio acima a mais ditosa gente do mundo sublunar naquela manhã de 26 de julho de 1848.

Alguns botes desatracavam mais tarde do cais da Ribeira; e, entre estes, um, mais que todos, arrancava, a quatro remos, para se ajuntar à embandeirada esquadriha. À proa ia sentado Basílio Fernandes Enxertado, com sua jaqueta e calça brancas, e chapéu de palha com fita azul, e um caprichoso laço caído sobre o ombro esquerdo. Ali, pelas alturas da Pedra-Salgada, os possantes barqueiros já brandamente cortavam o rio, que se alargava e adormecia em berço de cintilantes areias: é que Basílio tinha alcançado o batel em que ia Etelvina com seu pai e mãe, e com as suas amigas de colégio filhas do surrador da rua do Souto.

Manuel José Borges, quando conheceu o filho de seu compadre, exclamou:

– Salta cá para o nosso barco, se queres.
– Deixa-o ir, – acudiu a senhora Custódia – deixa-o ir, que vai bem.

– Porquê?! tu que tens contra o rapaz?
– Ora!... eu cá sei!... – respondeu a briosa mulher, que nunca esquecera as insolências de sua soberba comadre. – A senhora Bonifácia que é mais do que nós, e eu não quero que ela pense que lhe faço festa ao filho porque temos uma filha para casar...

– Deus me livre! – exclamou Etelvina.

As três meninas riram do susto da sua amiga, e disseram alternadamente:

– Casar com aquele trolha!...
– Eu cá botava-me a afogar! Antes morte que tal sorte!
– Tem cara de lorpa; cara mesmo de Basílio.

– Calem-se, meninas. – disse o despachante – olhem que ele pode ouvi-las, e eu não quero ficar mal com meu compadre. Se ele quiser saltar no nosso barco, deixai-o saltar.

Com efeito, Basílio mandara remar contra o bote de Manuel José Borges. Etelvina ia roxa de raiva; e a senhora D. Custódia, voltando as costas com arremesso a Basílio, resmoneava censurando a tola civilidade do marido.

Atracaram os dois barcos, e o moço deu o pulo; mas tão fora do equilíbrio que escorregou sobre o cesto que levava o jantar, e quasi o emborcava.

As filhas do surrador deram em rir indelicadamente do desastre. Etelvina fez um gesto de aborrecida, encarando de revés o infausto Basílio, que se agachara a endireitar o cesto. A cara do moço era carneira vermelha, e fumegava de vergonha. Exceto o despachante, ninguém houve compaixão daquele atribulado espírito. Custódia, com os cotovelos sobre os joelhos, e a cara entre as mãos, olhava-o com desabrido enfado, e o mesmo ao marido que repreendia as gargalhadas das incivis meninas da rua do Souto.

– Senta-te pr'aqui, Basílio, – disse o senhor Borges – isso não é nada.

– Vou-me embora p'ro meu barco e perdoará – respondeu o moço. – Não sirvo p'ra mangações.

– Pois quem manga contigo, Basílio?!

– São cá estas senhorinhas que me parecem tolas... As grandes figuras, que quem as vir não há de dizer que são as surradeiras da rua do Souto!... Eu bem sei porque é isto... bem sei... estão arranjados...

– Isto quê, senhor Basílio?! – acudiu impetuosa a senhora D. Custódia.

– Cuidam que eu sou asno? – retorquiu o moço, ganhando coragem com a qual deu uma cor de brios à vergonha da queda, e do tombo do cesto.

– Asno sei eu que é! – replicou a mãe de Etelvina, com aplausos de gargalhada das meninas surradoras.

– Vossemecê é capa da filha! – bradou Basílio, quando lançava a perna, por sobre o bordo do barco, ao outro que atracara.

Custódia erguera-se de golpe, agarrando-o pela lapela esquerda da jaqueta, e vociferando enfurecida:

– Venha cá, seu grande mariola! Há de aí dizer porque sou eu capa da minha filha!

– Deixe-me! – gritava Basílio – deixe-me, que me rompe!

– Não! – acudiu Manuel José Borges, botando-lhe a mão com desabrimento. – Não vais sem dizer aí o que vem a ser essas porcas palavras que deitaste pela boca fora, pedaço de velhaco!

Basílio puxava por si das mãos do irado despachante, e estava com medo.

As pequenas fizeram-se amarelas de terror; e os barqueiros de Basílio, que tinham vantajosamente ajustado o passeio, deram ares de quem não assistiria neutral à violência.

Neste comenos, chegava outro barquinho, rente com o do despachante.

Eram Henrique, Alberto, e Ervedosa. Parou o bote, no mais aceso do conflito, quando Basílio era puxado pelos seus quatro barqueiros das unhas do despachante, cuja honra era notoriamente furiosa, se a calúnia lhe cravava o dente.

Ervedosa e os companheiros desfecharam das mandíbulas, um pouco suspensas e abertas de espanto, estrondosa gargalhada, com a qual o despachante se descuidou da presa, e Basílio pôde escapular-se.

O barco afastou-se; e o moço, de longe, exclamou:

– Lá está o amantético da sua filha, ó tia Custódia! Ali o tem bem a jeito; chame-o lá p'ro seu barco, que aquele é que lhe serve à sua filha!

Henrique, enquanto Ervedosa descarregava um tiroteio de maçãs martingis sobre Basílio, mandara remar contra o barco do insultador, que escancarava umas risadas de embriagado. Alberto, porém, opôs-se ao ataque, achando vergonhosa uma batalha naval com tão baixo inimigo.

Os botes remaram, distanciando-se, até à praia, que borda a quinta de Oliveira.

O despachante e a família desembarcaram primeiro, e desapareceram entre o arvoredo.

Henrique e os companheiros seguiram o rancho das meninas, que não ousavam rir ante o aspeto carrancudo de Manuel José Borges.

Basílio associou-se a alguns artistas que afinavam os instrumentos na praia, e faziam as primeiras libações das limonadas, que se faziam apeteecer debaixo das frondes dos choupos.

Neste rancho se encorporou Basílio, já conhecido de alguns fabricantes, que se tinham em seus tamancos de valentes, e figadais inimigos dos *casacas*. O filho do respeitável Enxertado contou ingenuamente os ridículos contratempos que sofrera, e moveu a comiseiração dos artistas, que protestaram vingá-lo no arraial.

Durante o dia não se azou o ensejo de travar-se a desordem. Henrique e os dois destinados holocaustos andavam sempre em companhia do administrador de Vila-Nova que fora condiscípulo de todos, e impunha medo aos agressores.

À noite, porém, quando os barcos desciam para o Porto, deu-se um conflito, cujo horror anda impresso nos jornais da cidade invicta do ano de 1848.

A seguinte local é do estilo de Ervedosa. Posto que enflorada com demasias de mau gosto, o essencial dela é verdadeiro, e por tal a transcrevemos:

DESASTRE. As claras águas do pátrio Douro foram ontem à noite turvadas por algumas gotas de sangue, que pareciam de cágado, pelo vivo escarlata delas. É o caso que, vogava serenamente um bote com três cavalheiros, rio abaixo, quando a mais brutal arremetida de alguns membros da baixa plebe foi de encontro ao bote, com grande grita de injúrias menos pungentes que o fartum do vinho que exalavam os ditos. Os cavalheiros defenderam-se corajosamente do bando de canibais, e conseguiram submergir o mais

furioso de todos, um tal Basílio Enxertado, que três vezes mergulhou, sujando de vinho as águas de prata, e outras tantas veio à tona mostrando a cabeça hedionda. Ao quarto mergulho, os companheiros, cegos de sua bebedeira, não viram que se ia ao fundo aquela existência na flor da estupidez; um dos três cavalheiros, porém, espreitando o local onde se espojava a alimária, conseguiu segurá-la pelas orelhas, que davam excelente pega a quatro homens. Infelizmente para a zoologia comparada, o tal Basílio emergiu com aspecto cadavérico; e passou como coisa morta. Alguém, todavia, se lembrou de pôr de pernas ao ar o bruto e sacudi-lo; lembrança esta que deu em resultado um copioso vomitório de carrascão, à volta com indigestas rodela de linguiça. Basílio Enxertado foi desde o cais dos Guindais conduzido numa cadeirinha a casa do pai, depois de pagar ao fisco os direitos de meia pipa de vinho, que, ao parecer dos afeidores, lhe entumecia os intestinos grossos. Pede-se ao senhor José Enxertado, pai deste feio enxerto dos envinagrados cascos de Sileno, que tenha a suja prole em resguardo, sob pena de lha desfazerem em adubo dos nabais de S. Cosme.

**BASÍLIO POETA. CONQUISTA UM TACHO.
O QUE LHE ACONTECEU NA CAPOEIRA.**

No próximo mês de outubro, elegeram prelada as freiras de Santa Clara.

O Porto, em 1848, era um viveiro de poetas.

Ninguém sabe hoje que fim levaram as dezenas de mancebos bafejados pela inspiração, e que lavavam o rosto macilento nas águas da Castália.

Estreavam-se nos outeiros, e aí granjeavam renome, que prometia glórias à nação, e principalmente ao Porto, que os maldizentes acoimavam de torrão ingrato ao cultivo das letras. Levaram sumiço quâsi todos!

O abadessado de 1848 fora muito animado. Ali apareceram as relíquias dos famigerados poetas de 1820. Alguns, já palpados pela mão fria da morte, com a podagra⁷ nos joelhos, lá foram dar o derradeiro adeus àquela fórmula da sociedade antiga, ao improvisar em outeiro, ao dulcíssimo dialogar com freiras, freiras já fanhosas, mas ainda aquecidas de uma faúla da velha chama.

Não sei que melancolia me dava a presença do ancião, que, do interior da cadeirinha, levada a ombros de prestantes galegos, orgulhosos da apolínea carga, pedia o mote, e com voz convulsa do catarro glosava em termos tão maviosos e sentidos como deviam tê-lo sido trinta anos antes, naquele mesmo local, onde o coração lhe saltara veementemente apaixonado! Era isto bem de magoar quem

como eu, desde os primeiros alvares da puerícia, me ficava cismando nesta escuridade da velhice, em que todo meu viver são saudades. A que vem eu falar de mim?

Não é despropositadamente. Cabe-me porção deste capítulo, que não anda inserido nas minhas biografias.

Aqui hei de confessar, com a mão no rosto rubro de pejo honroso, que vendi a minha musa, e fui grande parte nos desgostos novos do senhor Basílio Fernandes Enxertado.

Foi assim.

Acabava eu de recitar, mediante o auxílio de um rolo aceso, um soneto, tão de *improviso*, que já tinha o assunto em minha casa, oito dias antes. Era o assunto:

Amor é vida, é alma; amor é tudo

Lembra-me o terceto final:

Eu venho aqui provar com estro agudo
Que amor é céu na terra, é paraíso;
Amor é vida, é alma; amor é tudo

Da modéstia do estro agudo admirou-se toda a gente, e muita manifestou sua admiração com estrondo de risada e assobio: modo estranho entre nós, mas usado em Grécia e Roma, quando o caso pedia as duas expressões sublimadas do contentamento: o riso, e o assobio.

Estava eu adoçando a veia com os bolos da freira que me dava os motes, quando senti no ombro direito a mão pesada de Basílio, que eu já conhecia dos bailes da Terpsicore, em que eu fiz proezas de solo-inglês.

- Queria-lhe uma palavra, disse-me ele.
- Às suas ordens.
- Aqui em particular.
- Lá vou.

E segui-o até debaixo das janelas gradeadas em que era costume as criadas das freiras conversarem os seus poetas e prosadores, regalandos de bolos e asneiras à tripa-forra.

- O senhor faz-me um favor? – disse ele.
- Se estiver na minha mão...
- Ora, se está! Faz favor de vir aqui abaixo.

E levou-me mais para o escuro de duas paredes, que formavam um recanto.

– O senhor há de perdoar o meu ousio. – prosseguiu ele com lorpa acanhamento – eu tinha gana de botar uns versos a um tacho...

– Como assim, – atalhei eu – quer o senhor fazer um guisado de versos!?... Com semelhante comestível andariam mais gordos os poetas!

Eu já sabia que *tacho* é sinónimo de criada de convento nos mosteiros do norte; quis eu, porém, gracejar com o bom do Enxertado, que era bruto até captar a simpatia de quem como eu se afeiçoa a todos os viventes irracionais.

E continuei:

– O senhor Basílio namora uma criadinha, e deseja glosar-lhe alguma coifa de quartos de marmelada, mediante uns versinhos glosados.

- É como diz.
- Pois aqui estou às ordens.
- O senhor há de perdoar – tornou ele.
- Está perdoado.
- Não que eu queria dizer-lhe...
- Diga, senhor Basílio.
- Tenho minha aquela...
- Tem sua aquela?
- Sim... quero dizer que tenho vergonha...
- Ora! deixe-se disso... Fale. Quer versos? Já sei. Peça-lhe o mote.
- Pois sim; mas eu quero pagar o seu trabalho. Dou-lhe um pinto por cada verso.

– Por cada verso?! Veja lá que se arruína! Uma décima tem dez versos; cada décima, pelas suas contas, são dez pintos.

– Isso não, que me não chega o que trago; mas faça o senhor os versos, que eu fico-lhe a dever.

– Não, senhor; a sua intenção era dar-me um pinto por cada décima. Está feito o contrato. Peça lá o assunto.

Acercou-se Basílio da parede, e disse:

– Alecrim!

– Rosmaninho! – respondeu o *tacho* com gracioso espivitado.

– Venha mote.

– Lá vai mote:

És o meu amado bem.

Retirei-me cautelosamente, e Basílio seguiu-me até às escadas do Codessal, onde não chegavam os poetas de inspiração rebelde.

Compus a décima; ensinei-lha a decorar, depois a recitar em voz alta. Findo este leve trabalho, Basílio deu-me o primeiro cruzado novo. Foi a décima muito aplaudida, e repetida três vezes, com admirável fidelidade de memória, e até graça na declamação.

Quem diria!

Basílio levou a palma entre os provençais dos tachos. Às três horas da manhã ele e eu e a criada éramos os restantes do grande concurso que o frio do outubro dispersara. Fiz doze décimas, e um soneto, que foi pago como duas décimas. Liquidei – réis, seis mil setecentos e vinte, e benzi-me com eles, que foi o primeiro e mais saboroso fruto do meu espírito, assoldado a Basílio Enxertado, por amor de Brígida Rosa, que era a graça da servinha monástica.

Como disse, pesa sobre mim um terço pelo menos da responsabilidade dos ulteriores infortúnios do meu herói.

Brígida apaixonou-se pelo seu poeta, e ele cegamente por Brígida, que, no tocante a cara, valia mais que Etelvina, se me é fiel a memória; de costumes, porém, devo crer que estivesse algum tanto estragada, apesar da pureza atmosférica do convento.

Devia ser ela quem animou Basílio ao destempero de saltar à cerca do mosteiro pelo lanço mais acessível da muralha. Foi ali pelo *Postigo-do-Sol*, entre a primeira e segunda ameia, que o temerário escalou o pomar, com ajuda de uma escada de pau, segurada por um caixeiro, já useiro e vezeiro de quejandos assaltos à ternura de outros tachos, abominavelmente viciosos.

O salto para o interior da cerca era sem risco. Basílio, às duas horas da manhã, estava nas hortas das freiras, orientando-se, segundo as indicações de Brígida, na portinha que devia encontrar cerrada.

O luar resplandecia como a luz do sol.

Costumava o pomareiro madrugar, em noites claras, para dar caça à toupeira que lavrava as hortas. O leitor do Rossio não sabe decerto o que é caçar toupeiras, e de sua ignorância lhe dou sinceros parabéns: sinal é que a sua vida corre saboreada entre as delícias urbanas da civilização, estranhas à rusticidade do trato aldeão, onde estas coisas de toupeiras se aprendem.

Abrira o hortelão a porta do seu casebre com ruído. Basílio cuidou que era Brígida, e alegrou-se; breve, porém, descortinou o vulto do homem e o roçar da sachola toupeiricida⁸ na tranqueira da porta.

Doeu-lhe a barriga de medo. Esta volta de intestinos – que é o que era – desmente algum tanto o ânimo afoito do invasor de mosteiros! Pensou em guindar-se ao ponto donde descera; mas o coadjutor do delito só, uma hora depois, convencionara passar a escada para dentro.

Corria rente com a muralha uma álea de árvores fruteiras. Basílio foi indo de gatinhas bem cosido com o muro em direção oposta à do hortelão, que tossia grosso para aliviar a garganta do pigarro da água-ardente. Ao cabo do renque de árvores, lobrigou Basílio um cardenho, que pegava com outros casebres do mosteiro. Arrastou-se até lá, e achou cerrada uma porta. Bateu-lhe o peito de júbilo, conjecturando que Brígida estava ali. Empurrou de mansinho a porta, e murmurou:

– Brigidinha!

Como não ouvisse resposta, cuidou que ela tivesse adormecido.

Abriu mais a porta, para caber. Os gonzos deram um som ríspido. Basílio estremeceu: foi que estrugiu lá no interior do casebre um estrídulo cacarejar de galinhas. Era a capoeira das monjas.

O hortelão, que ouvira os cacarejos, entendeu que a raposa entrara no galinheiro, e deu a correr na direção do cardenho. Viu-o Basílio, e teve segunda e maior dor de barriga. Transido de susto, aceitou a primeira lembrança que lhe ocorreu: enfiou pelo escuro dentro. O resultado foi que as espavoridas galinhas bateram as asas, esvoaçando contra as paredes. Uma, ou mais das aves, bateram-lhe em cheio na cara, arranhando-lha com as unhas. O infeliz acorrou-se a um cantinho, tremendo como varas verdes.

Chegou o pomareiro à porta, e bradou:

– Passa fora, diabo!

Basílio encolheu-se, e as galinhas debateram-se com redobrado pavor.

– Passa fora! – tornou o hortelão, batendo estrondosamente na porta com o olho da enxada.

As freiras, que moravam nas celas superiores à capoeira, como despertassem ao trom das pancadas, que ecoavam nos dormitórios, saltaram alarmadas dos seus leitos, e fizeram gritaria. As mais corajosas abriram as janelas que davam para o pomar, e chamaram o hortelão aflitas.

– Não é nada, senhoras! – disse ele. – sou eu que estou a espantar a raposa, que anda nas galinhas; mas o diabo, Deus me perdoe, ainda não saiu, e as aves saltam que tem coisa má! Se as senhoras mandassem uma candeia pela porta de lá, talvez que eu pudesse dar uma sacholada na raposa.

A priora, que estava a ouvir, mandou uma criada com uma lanterna abrir a porta, que comunicava da cozinha com a capoeira.

Basílio, quando ouviu o rodar das chaves de outras portas mais afastadas, julgou-se perdido.

O terror tem sido, algumas vezes, o mais avisado conselheiro nas angústias. Muitas vitórias, que a história atribui ao denodo dos

generais, foi o ímpeto da resolução extrema do medo que lhas deu. A batalha das Canas, da Farsália, de Narwa, de Austerlitz sem o terror dos vencedores, seriam meros recontros sem consequências.

O terror foi a salvação de Basílio, se não inteira, muito de aproveitar, e invejar em semelhantes entalas. Quando a chave da vizinha porta entrava já na fechadura, o desesperado moço lançou mão em redor de si, e encontrou uma ripa encostada à parede. Agarrou dela, e deu nos poleiros, às cegas, bordoadas de alto a baixo. As galinhas, que já estavam a sossegar, revoaram de novo com maior estrépito. Ao abrir-se a porta, um turvolinho delas bateu de chofre na criada, que deixou cair a lanterna, e despediu um grito agudo, dando a correr, e a bradar que vira um fantasma na capoeira.

Correu a notícia no convento: ergueu-se toda a gente, e acenderam-se velas nos oratórios particulares, e nas ermidas do claustro.

Entretanto, o pomareiro, que não tinha ideias bem precisas acerca de fantasmas, deliberou entrar às escuras na capoeira, e espancar as trevas com o cabo da sachola.

Basílio compreendeu o perigo, e invocou ainda a opinião salvadora do seu medo.

Tinha ele ainda a ripa nas mãos, quando o pomareiro fez o primeiro bote, acompanhado de esconjúrios como «salta diabo!» e outros que tais.

Qualquer de nós, se tivesse uma discreta libra na algibeira, comprava a integridade das costas, e o silêncio do hortelão; Basílio, porém, insciente da condição corruptível dos hortelãos de freiras, ou desprovido da libra bem empregada no resguardo de um escândalo, tomou, como melhor dos argumentos, a *ultima ratio*, a razão dos déspotas, o argumento da ripa, com a qual desceu uma formidável espadelada na orelha esquerda do hortelão.

Fez pé atrás o afoito lutador com fantasmas, exclamando:

– Com dez milheiros de diabos! Aqui estão ladrões!

E ajuntou, bradando às freiras e moças que espreitavam temerosas por entre as grades:

– São ladrões! Já levei uma paulada na cabeça!

A criada, que fugira, contou que deixara a porta da capoeira aberta. Razão de maior terror nas mães! Ficando a porta aberta, os ladrões estavam no interior do convento. Não houve mulher que ousasse ir fechar ao menos a porta da cozinha. As mais corajosas saíram às janelas, que abrem para o largo fronteiro ao convento, chamando a patrulha, e o capelão, morador na casa contígua. As patrulhas haviam já recolhido. O capelão acudiu ao chamamento de muitas vozes, e perdeu a cor, quando lhe disseram que andavam ladrões no interior do convento. Refletindo, porém, serenou do sobressalto, e disse à criada:

– Quem sabe se são ladrões!... ladrões... não sei!...

– Ladrões de corações... disse a moça, que tinha sido criada com as freiras, e assistiu a outros assaltos de inofensivos salteadores.

– Ora aí está! – tornou o capelão, vestindo-se vagarosamente, para dar tempo a que os ladrões saíssem sem escândalo. O hortelão fora chamar soldados à estação do governo civil, que lhe ficava à mão. Basílio ouvia o reboliço interior do mosteiro, quanto lho permitiam as galinhas sempre irrequietas. Deram-lhe, porém, tempo de pensar nas consequências da sua situação. O alvitre, que lhe venceu o ânimo perplexo, foi o mais despropositado de todos. Em vez de sair da capoeira para a cerca, e ir ao muro, onde pode ser que o estivesse esperando o desmoralizado caixeiro, saiu pela porta de comunicação interior com o convento, no intuito de esconder-se às pesquisas da municipal, que o pomareiro altamente dissera que ia chamar.

Achou-se Basílio em plena escuridão, tateando umas bancas de pedras, que lhe estorvavam o passo. Foi palpando até topar um armário, cujas portadas abriu. No interior do armário estavam rimas de tachos (sinceros tachos, e não criadas) de fabricar doce. Um cantinho estava devoluto. Basílio agachou-se ali sem dar o mais leve rumor; fechou as portadas sobre si, e ajustou a orelha à fresta.

Momentos depois andavam soldados, com o capelão à frente, nos dormitórios. O padre sorria velhacamente sob capa; os soldados curavam mais de ver as caras tresnoitadas das moças, que de farejar

ladrões. Não obstante, ao entrarem na cozinha, contígua ao palheiro, calaram baioneta, a pedido do pomareiro.

Atravessaram a cozinha, e passaram com precaução à capoeira. As galinhas esvoaçaram de novo, e a tropa recuou; mas, refeita de ânimo, investiu de baioneta apontada. Nem vestígio de ladroeira, e menos ainda de raposa. As aves estavam todas vivas.

– Fugiram para o pomar! – disse o hortelão.

O padre, incrédulo, duvidou da afirmativa do pomareiro; este porém, mostrando-lhe a orelha ensanguentada, tornou a situação mais temerosa.

Saíram todos a explorar a cerca, e voltaram a percorrer os baixos do mosteiro.

Rompia já o sol, quando os soldados saíram, e o capelão acabou de formar o seu juízo, que era o mais chegado à verdade, posto que involvesse calúnia a uma religiosa mais pecadora que as suas irmãs. O voto unânime das religiosas e criadas foi que andava trasgo no convento, a alma penada talvez de uma má freira que havia ali morrido quarenta anos antes. Todas as servas do Senhor se proveram de água benta, para abluções noturnas, em caso de necessidade.

E que fazia Brígida Rosa nestas aperturas de Basílio?

Brígida estivera até às duas horas e meia encostada à porta por onde a sua amiga costumava receber o caixeiro. A moça tinha passado a noite anterior em colóquio com um albardeiro, disposto a matrimoniar-se; andava mal dormida; começou a pingar com sono, e cabeceou até cair de todo. Ao estrondo das sacholadas do hortelão na porta da capoeira, acordou atarantada, e entendeu que era com ela a bulha e inferneira que ia nos dormitórios. Correu escada acima, e, a muito custo, conseguiu meter-se ao quarto, quando a ama atribulada a estava chamando. Despiu-se para se vestir, e compôs a mais inocente e espantada das caras. Ajudou à busca do convento; e (que fino olho!) na cozinha deu fé de estar aberto o armário, onde farejou o amado Basílio! São estes faros uns como mistérios do coração amante, que não podem ser definidos mesmo em sombra! Uma servilheta qualquer, em palpites desta

ordem, é tão subtil como a magnética compleição da mais nervosa marquesa!

A cozinha, chamada do refeitório, desde que as freiras cessaram de comer em comunidade, deixou de servir, exceto nas temporadas de maior fabrico de doce para embarque. Tinha isto Basílio a seu favor, sem o saber. Esperava ele mui assustado que, a horas de acender o lume, seria descoberto entre as caçarolas, e entregue ao poder da justiça. Consolava-o a ideia de que o regedor era compadre de seu pai; ainda assim, a lembrança da sua falta em casa, quando o pai fosse ao almoço, os sustos da mãe, e a coça, sobre a vergonha que o esperava, espremeram-lhe sinceras lágrimas.

Há desgraças tamanhas, que chegam a ser sublimes! É pena que tais desgraças andem por sujeitos como Basílio! Deviam ser exclusivo de homens não vulgares.

Seriam dez horas, quando Enxertado sentiu debilidade, que ele, em sua consciência, chamava fome. Vejam o que é o estômago! que despreendimento das outras vísceras mais nobres! que absoluto egoísmo! que miserável saco de baixeiras e imundícies! Nem ali se calou a ignóbil víscera, que parece ter feito teatro de suas gritarias os parlamentos, as academias, e até os púlpitos, não falando nos jornais, que esses tenho eu já em conta de terceira membrana do estômago.

Basílio estava agoniado. Ousou abrir um todo-nada do armário, e espreitar, a ver se descobria comestíveis. Nada, inteiramente nada! A aridez do antro de Ugolino naquilo tudo! Por um triz que não desfalece, antes de ouvir o conselho da sua desesperada fome!

Onde estavas tu, Brígida Rosa, que não acodes, nem adivinhas que o teu leal amator medita, antropófago de si mesmo, comer as próprias orelhas, se as puder alcançar com os dentes!

Brígida responde dignamente a esta apóstrofe do leitor sensível. Ela aí entra na cozinha, com o quer que seja no regaço. Basílio cheirou-a, Basílio viu-a, Basílio estoira de alegria; abre as portas, e exclama:

– Ó Brígida!

– Cala-te! – murmura a moça – que, se te descobrem, vamos p’ra a cadeia. Tens fome, Basílio?

– Fome de palmo.

– Toma.

E deu-lhe um bom naco de boi cozido, meio salpicão, e obra de um arrátel de figos de comadre.

– Come, que eu volto já.

Basílio esteve a estrangular-se com o tamanho do bocado. Adão, faltando ao prometido a Deus, comeu o pomo vedado com delícias iguais às do seu descendente Basílio Fernandes Enxertado, transgressor dos deveres sociais, e mormente dos estatutos dos mosteiros.

Voltou Brígida afreimada e medrosa.

– Soube-te bem? – disse ela.

– Como gaitas. Pões-me lá fora?

– Lá fora onde?

– Na rua.

– Tu estás doido! Como queres tu sair p’ra rua agora de dia?

– Diz-me por onde se vai ter à portaria, que eu escapo-me.

– Pois não escapaste! Estávamos aviados! Deixa-te estar, e à noite sairás.

– Por onde?

– Por onde entraste. A Escolástica já escreveu ao Timóteo pedindo-lhe que te lance a escada à meia noite.

Esta Escolástica era o tacho amante do caixeiro.

– E tu vens cá ter até eu me ir embora? – interrogou Basílio.

– Se puder, venho; mas, esta noite, dorme cá dentro o capelão, e mais dois padres. As freiras velhas dizem que anda cá um espírito. Parece-me que não posso passar para cá. Adeus, adeus, que me chamam. Logo trago-te mais de comer.

Basílio teve sono: deu-lhe na fraqueza o salpicão, e a meia garrafa de vinho velho, que Brígida trouxera na segunda visita.

E adormeceu, como pedra, aquela, entre tantos tormentos, felicíssima e bruta alma!

Uma hora da tarde seria, quando uma freira velha e duas criadas desceram à cozinha para examinarem a capoeira, e borrifá-la de água benta.

A madre ia pisando receiosa as lajes da cozinha, e olhando a todos os lados e recantos, com o seráfico intento de espantar o diabo, se diabo estivesse por ali esperando a noite para recomençar suas tropelias.

Numa destas observações estava ela, quando o adormecido Basílio, sonhando que os soldados da municipal lhe botavam as unhas, sacudiu uma perna, a perna bateu com o pé numa rima de caçarolas de cobre, e a rima, tombando de encontro à porta do armário, abriu-a, e foi a terra com espantoso fragor.

A freira deu três gritos, as criadas gritaram também, e fugiram, desamparando a velhinha, que perdeu os sentidos, e caiu no lajedo.

Basílio acordou, ergueu-se, viu ainda as criadas que fugiam ululando, e a velha prostrada e arquejante, persignando-se atrapalhadamente.

Como te salvarás desta esparrela que a desfortuna te arma, infeliz amigo, que eu empurrei a esse abismo com a minha venal habilidade de fazer décimas?

O anjo-custódio dos estúpidos cobriu-o com as suas asas! Com que outra imagem poderia eu fazer a apologia da felicidade deste simpático tolo?!

Basílio sai da cozinha apavorado, atravessa o casebre da capoeira, salta para o pomar, corre como doido através das hortas, chega à alterosa parede, vê na extrema do muro um carro de lenha, que entra por um portão aberto; corre ao portão, transpõe-o com velocidade de gamo, e acha-se na rua, em pleno ar, livre de perigo, e apenas observado pelo carreteiro que olha espantado para o sujeito, e faz o seu juízo a respeito da virtude das freiras.

As criadas da madre fulminada vieram com toda a comunidade. Viram os tachos dispersos no chão. Ergueram a monja, que nunca mais foi escorreita. Despejaram canadas de água benta na cozinha, e nunca mais dormiram uma noite sossegada, salvo Brígida Rosa

que dormia perfeitamente, e a sua amiga Escolástica, que, apesar do exemplo, continuou a ser o escândalo e a inveja de Brígida.

Assim terminou esta aventura de Basílio Fernandes Enxertado. Peço perdão à sociedade, e às freiras de Santa Clara particularmente da parte que eu tive nestes imorais sucessos.

VI

A PAIXÃO FATAL DO HERÓI. MEMÓRIAS DOS NOSSOS DIAS.

Henrique Pestana, bem que estragado e perdido no conceito do mundo, era capaz de amar, e fazer-se bom pela regeneração do amor.

Afeiçoar-se a Etelvina principiou como brinquedo, apontando talvez a um alvo imoral; porém, como quer que a filha do despachante recusasse aceitar-lhe a terceira carta, depois que recebeu a segunda menos honesta que a primeira, Henrique foi obrigado a pensar na seriedade da sua tentativa.

Corria no Porto a atoarda de ser rico Manuel José Borges. Os louvados de sua riqueza eram os censores da educação, que ele dava à filha, e do luxo com que a levava a bailes de negociantes, à missa dos Congregados, e ao teatro lírico. Para assentarem a mais aceitável das hipóteses, com que no Porto superficialmente se explicam muitas *fortunas*, diziam que ele roubara a fazenda nacional contrabandeando, e tivera rasca em certos roubos memoráveis da alfândega.

Qualquer que fosse a origem dos supostos cabedais do despachante, Henrique de si para si transigiu com os costumes, e achou que nenhuma fonte é impura, quando um serafim como Etelvina lhe purifica as águas. Neste louvável entendimento das coisas, deliberou Henrique Pestana pedir Etelvina a seu pai.

Solicitado a dizer quem era, respondeu a Manuel José Borges que era académico de Coimbra, filho do diretor da alfândega de Bragança, e presuntivo herdeiro de tios ricos.

O pai de Etelvina disse que sua filha não tinha dote, e precisava marido que pudesse mantê-la com a decência de sua educação; e, portanto, ajuntou ele:

– Se vossa senhoria quer assim minha filha, e tem o necessário para ambos, e ela anuir, eu não os estorvo de se unirem.

Henrique mudou de cor; mas, em honra sua, importa dizer-se que reprovou com o coração a baixeza do espírito calculista. Pediu alguns dias de espera – os necessários para consultar o pai – e retirou-se muito nas boas graças de Manuel José Borges, e da senhora D. Custódia, que foi chamada à sala.

Já Henrique sabia que seu pai, a não se opor a um casamento pobre, lhe negaria as migalhas da sua mesa. Era pois escusado rogar-lhe o apoio numa loucura mais fatal que todas as outras.

Pensou o moço em granjear por si mesmo a subsistência de sua mulher; ponderou os quilates da sua inteligência, e, como se visse inútil para tudo, tentou primeiro a carreira de publicista, a qual abandonou quando viu que o empresário da gazeta lhe pagava os artigos com bilhetes de entrada nos teatros; e, a falar a verdade, no dizer de Ervedosa, liberalmente lhos pagava.

Voltou o rosto para empregos, e resolveu ir a Lisboa requerer uma coisa que ele não sabia o que era. Solicitou recursos do pai, que lhos negou, intimando-o a recolher-se a casa.

Foi Henrique para Bragança com o coração lanhado de saudades; e de lá, com sincera dor, escreveu a Manuel José Borges, contando-lhe a cruel impossibilidade de haver os recursos precisos para o decente estado de sua mulher.

Etelvina viu esta carta, e chorou amargas lágrimas. Amava-o ela com o apego do primeiro, do virginal e santo amor dos dezoito anos. Habitara-se a ver realizada a esperança de ser a esposa do galante moço, que muitas vizinhas lhe quizeram disputar. Foi golpe fundo o desengano, golpe que devia quebrar-lhe as cores, se ela não fosse mulher; e nascida de mais a mais nestes últimos anos, em que todas as meninas nascem gastas como dantes morriam as macróbias.

Com o paternal propósito de mitigar as saudades de Etelvina, o carinhoso pai tomou um terço da assinatura de camarote de quarta ordem no teatro lírico, e levou-a três domingos de tarde áfios ao espetáculo trágico da *Degolação dos Inocentes*.

Etelvina foi-se distraíndo, principalmente com as barras cor de alecrim de um vestido de seda azul, que o pai lhe comprou, e um chapéu escarlata com flores brancas.

Estava cada vez mais sécia a feiticeira rapariga, e prendada como poucas.

A notícia da sua muita habilidade no cravo, e no canto, chegou aos diretores da Filarmónica da rua das Hortas, que a convidaram a ter distinta parte nos seus saraus.

Informou-se do que era, e foi pessoalmente examinar a Filarmónica o despachante.

Viu que aos rapazes era defeso conversar com as senhoras.

Viu que apenas se podiam entrever os dois sexos mediante uma vidraça, entre a sala das senhoras e o topo de uma escada.

Viu mais que os sócios diretores da Filarmónica, encarregados de levarem as cantoras ou pianistas ao tablado do piano, eram sujeitos de bons costumes, e que pagavam décima.

Viu, e consentiu em levar a sua Etelvina à Filarmónica.

Estes requisitos aparentemente demasiados, justificava-os Manuel José Borges com o funesto resultado dos bailes da Terpsicore. A paixão malograda da menina abriu-lhe os olhos à razão, que alumia muitos outros pais de família da recomendável cidade.

Basílio Fernandes Enxertado também era da Filarmónica. Para toda a gente era coisa de espanto ver as mãos largas de José Fernandes, avaro na fama, para aquele filho, grandemente gastador! Não faltava a uma récita italiana, e aplaudia com luva amarela, ou pateava com bota de polimento. Saía do teatro, e pagava lutas ceias de ostras e salame na *Águia d'ouro*. Alugava cavalo aos domingos e ia jantar à Foz, ou à Ponte-da-Pedra. Era sócio da Assembleia, da Tália, da Mnemósine, da Terpsicore, da Filarmónica e de muitas outras sociedades recreativas e dispendiosas! Como é que o fona José Fernandes,

toda a vida labutando, se dispndia assim com o filho, vocação decidida para uma estroinice estúpida, estroinice peculiar dos mancebos dinheirosos e extravagantes do Porto?!

Em verdade o merceeiro do largo de S. Bento, desde aquela doença, em que o filho esteve a ir-se, perdeu a dignidade moral de pai, e deu largas ao temperamento afdalgado do rapaz. Gostava ele que os vizinhos lhe dissessem: «Teu filho tem ares de fidalgo! Olha que não se parece contigo, José!». Gostava disto e ia de entranhas lavadas dizer à senhora Bonifácia que os vizinhos achavam que o seu Basílio não se parecia nada com o pai. E a virtuosa esposa dizia: «Pois olha que é teu, José!», como se pela cabeça de José Fernandes pudessem passar suspeitas da procedência de seu filho, que era a cara dele *escrita e escarrada*, como dizia a senhora Bonifácia no seu vasconço plebeu.

Cumpre, porém, saber que Basílio, afora a mesada que seu pai lhe dava, recebia outra de sua mãe, e forrageava nas gavetas uma diária, que era grande parte no suprimento das despesas que davam quebranto aos observadores.

Sem lhos encarecerem, os haveres do especieiro passavam por grandes. Basílio, filho único, era o que, lá no Porto, dizem *sorte-grande*. Meninas, filhas de comerciantes, já comendadores, e com o baronato d'olho, não se dedignavam de lhe receberem as olhadelas no teatro, e na Filarmónica.

A espirituosa Celina, por amor de quem um poeta se batera com um romancista, achou-o engraçado, ouvindo-lhe dizer uma asneira de proporções agigantadas.

A pudenda Fortunata, que nunca punha olhos em homens, perguntou à mãezinha se pareceria mal olhar no teatro para Basílio.

A requestada Corina, que três brasileiros disputavam, achou que o frisado de Basílio era fantasioso, sem atender ao volume da cabeça.

Basílio Enxertado era artigo de diálogos entre meninas, que pareciam pombas do céu cansadas de volitarem neste mau ar que os homens expellem dos pulmões corrompidos.

Tal era a voga do amante de Brígida Rosa, quando Etelvina apareceu na Filarmónica, tocando e cantando com agilidade e voz admiráveis.

Viu-a Basílio; e para logo das cinzas mal extintas do seu amor de infância ressaltaram labaredas. Não estava em si o moço. Pôs nariz à fatal vidraça, e ali se esteve até que Etelvina saiu. E ela que o vira, e também admirada do gracioso buço e dos cabelos tufados a ferro, e ao perpassar por ele, relanceou-lhe de soslaio os derramados olhos, e disse lá consigo: «Se eu quisesse...».

Este *se eu quisesse* prendia com uma conversação, que ela escutara entre duas meninas da rua das Flores, que lhe ficavam atrás da sua cadeira.⁹

Dizia uma:

- O Basílio está hoje muito amável contigo.
- Já reparei.
- E tu?
- Eu olho; mas desconfio que ele está olhando para esta.
- Quem é esta?
- É a que cantou há pouco.
- Ah! a filha do despachante?
- Sim.
- Ora!... pois tu crês...
- Eu sei cá!... Acha-la bonita?
- É muito desmaiada.
- Olha, Carolina, não te parece que é para ela que está olhando?
- Não: é para ti.
- Pode ser...
- Ele já lá não passa?
- Às vezes...
- E tu casavas com ele?
- Se te parece!... Tem mais de duzentos contos.
- Trezentos disse meu pai.
- Eu já ouvi dizer quatrocentos.
- Bem bom!

- Dizem que ele é muito alarve.
- Acho que não!... Tem rapaziadas, como todos.

Etelvina foi tirada nesta ocasião para ir cantar, e Basílio desapareceu da vidraça, donde não podia vê-la, e foi surdir a sua cabeça inconfundível por cima dos braços dos rebecões da orquestra.

As meninas da rua das Flores, quando a aplaudida Etelvina voltou a sentar-se, disseram:

- Ele lá está já na vidraça!
- Tem bom gosto!
- Tem!..
- Está a mangar com ela. Aquilo passa-lhe em sabendo quem ela é.

Aqui está a razão do mental «se eu quisesse» da filha do despachante, que descia orgulhoso dela.

Basílio seguiu-a até ao portal. Chovia a cântaros. O moço saiu à rua, onde estavam duas carruagens.

- Aluga-se alguma? – perguntou aos boleiros de ambas.
- Responderam-lhe que estavam alugadas.
- Não importa: dou uma moeda, se levarem duas pessoas à rua de Santa Catarina.

A oferta era tentadora. Os pintos tiniram nas algibeiras do proponente, e logo na mão de um boleiro, que picou a parelha para o portal.

Basílio foi ao pé de Manuel Borges, e disse-lhe:

- Ali tem a carruagem às suas ordens, senhor Borges.

O despachante oscilou; a corda de chuva não estiava; encarou na filha, e disse, vendo-lhe o ar de aprovação:

- Obrigado, senhor Basílio... Aceito, porque fui sempre seu amigo, e sou-o desde criança, de seu pai.

A carruagem partiu.

Dizia Manuel José Borges à filha:

- Foi um rasgo bonito de civilidade o do rapaz!
- Também acho.
- Parece outro homem.

– Também notei isso, meu papá!
 – Gostei deste rasgo de civilidade! e tu?
 – Também... Quem havia de dizer que aquele bruto...
 – É o uso do mundo que faz estas mudanças. E está um perfeito rapaz!

– Decerto, papá!
 – Não reparaste que a cabeça já não parece tamanha?!...
 – Está mais pequena, está: compôs-se muito!
 – Aquilo é que é riqueza!
 – Acho que sim...
 – Fazes lá uma pequena ideia! Trezentos contos dou eu pelo que ele há de vir a ter, em lhe morrendo um dos pais. Quem o apanhará!... Por aí alguma filha de fidalgo empenhado...

- Quem sabe!... atalhou Etelvina.
- Porque dizes tu isso, menina? – tornou jubilosamente o pai.
- Sei cá!... disse isto...
- Ó filha, se tu o pilhavas!...
- Quem sabe!... Estamos neste mundo...
- Se tal fazes, Etelvina, metes tudo num chinelo!

Aparearam da carruagem, e mandaram muitos agradecimentos a Basílio. Etelvina chamou o boleiro, que desandava o trem, tirou do *bouquet* uma dália, deu-lha, e disse:

– Entregue esta flor ao senhor Basílio, e muitos recados e agradecimentos.

– Bem lembrada! – exclamou o pai, apertando-a nos braços.

Basílio recebeu a flor; e, na exaltação da sua alegria deu três pintos ao boleiro, e foi dali para casa, e recolheu-se poeta ao seu quarto, poeta sim, tão poeta como Petrarca na noite em que mereceu o primeiro sorriso de Laura.

O amor iguala todos os homens.

Reparem que o coração de Quasimodo amava mais que o coração de Narciso.

Estas duas entidades fabulosas espelham a verdade absurda da condição da espécie humana, a mais ilógica de todas as espécies.

VII

O CORAÇÃO INIMIGO DAS PERNAS.

– Como tu vens alegre, menina! – dizia a senhora D. Custódia – e tu também, Manuelzinho! Vocês viram passarinho novo lá na festa!... E, com que então, de sege, heim?

– Ora!... se te parece!... – respondeu o radioso marido. – Pudera não!... Admiras-te, Custódia?... Deixa estar, que, se as cartas não mentem, ainda hás de passear em carruagem com libré da tua filha.

– Lá me quis parecer... – acudiu Custódia. – A nossa Etelvina deu no goto a algum brasileiro... Adivinhei?

– Não precisa de brasileiros, se quiser ser rica. Mulher! olha que nós temos sido umas azémolas em dar de mão ao Basílio. Se eu não fosse tão desgarrado do alheio há muito que a nossa filha estava casada com ele; mas tu embirraste com o rapaz, e fizeste aquele despautério quando íamos para Santa Ana de Oliveira... Valha-te Deus, valha-te Deus!...

– Então ele quer casar com a Etelvina? Ó gentes! lá por minha causa, se o arranjo faz conta, não haja dúvida!

– Ponto é que ela trabalhe nisso... Fazes lá ideia como ele está com a pequena? Ela te contará o bonito rasgo de civilidade que ele praticou!... Se o visses, pasmavas! Está um perfeito cavalheiro, com uns ares de pessoa de bem, que é mesmo um espanto... E a flor? – prosseguiu o despachante sorrindo e batendo as palmas.

– Que é isso da flor? – perguntou Custódia.

– Foi uma ideia da tua filha, linda, linda ideia! Vês? se eu te não educasse entre senhoras, Etelvina, aposto se tu tinhas a feliz lembrança de lhe mandar a flor!... não há coração que resista a uma coisa assim!

Etelvina foi com sua mãe para o quarto; e o despachante, febril de alegria, ficou passeando e gesticulando. Não sei se todos os pais pobres são miseravelmente temperados à maneira daquele, quando os embriaga a esperança de atirarem de um para outro dia ao meio da sideral sociedade dos ricos mais um planeta no valor de trezentos contos. Todos absolve e respeito em sua ridícula, e, às vezes, repugnante satisfação. O mundo ensinou-lhes uma felicidade, que é falsa; e eles curam de dar a suas filhas a felicidade, que o mundo festeja e inveja. Noutras eras, igual alegria alvoroçava um pai que dava sua filha esposa a Jesus Cristo, sequestrando-a para sempre dos gozos da vida, dos gozos lícitos, quando menos. Então, dizia-se felicidade a vida monástica; hoje as pompas, qualquer que seja o esqualor da chaga escondida, formam um contraste sordidamente material com o supremo bem das gerações de há dois séculos. Vamos com os tempos, e escusemos a inconsideração dos pais, que não podem ficar duzentos anos à retaguarda do restante do género humano.

Enquanto às meninas, seria maior destempero ainda o argui-las. É uma estólida sem-razão pretender que elas raciocinem, prevejam, amputem o sexto sentido, que seus pais lhes cultivaram e aperfeiçoaram com diabólico esmero. A área das suas cogitações é estreitíssima; o impulsor do seu espírito é o livro, rigorosamente copiado do vivo da atualidade. A terna alma vai-se entalhando imagens, que não arrastam à vida desregrada, mas aformosentam as concomitâncias do vício, que está sendo aquele gentil satan, outrora tentador das beatas lindas.

Pelo conseguinte, aqui deixo estampados os meus parabéns aos pais, e às filhas.

E também me congratulo com o ditoso Basílio Fernandes Enxertado; porquanto, no dia seguinte, que era um domingo de abril de 1850, passando ele na rua de Santa Catarina, batendo rijo a calçada,

mediante as ferraduras do mais garboso ginete de alquilaria, viu Etelvina, com o cotovelo no peitoral da janela, a face encostada à mão, e as fitas encarnadas dos cabelos serpenteando sobre as polpas de braço alvo e lustroso de cetim.

Basílio esporeou o cavalo, de jeito que o bruto lhe compreendeu a vontade, já empinando-se, já ladeando, a galões de muito garbo para ambos.

Etelvina gostou disto.

Sorriu-se para ela o cavaleiro, levando a mão ao chapéu. A menina sorriu também com mais familiar trejeito, e disse:

- Cautela, Basílio!
- Que é? – perguntou ele.
- Que tenhas cuidado com o cavalo, que é bravo.
- Não tem dúvida.

O moço queria prosseguir o diálogo; mas a felicidade aturdiu-o. Ouvir-se tratar pelo antigo *tu!*... Aqueles modos dela tão amigos!... E isto, depois das glórias da Filarmónica! à hora em que tanta gente falava nela, como raridade em formosura, e primeira garganta do Porto!... O leitor, cujo espírito está para o espírito de Basílio na proporção que toda a gente reconhece, talvez, em passo análogo, se desse ares de Basílio, e metesse esporas ao cavalo para fugir depressa com a sua expectativa felicidade! A mim me sucedeu tantas vezes isto, quando a idade o permitia, que desejei ser Basílio, ou coisa assim, para me levantar onde a fama me tinha posto; desde, porém, que Basílio me contou suas aventuras, acabei de entender que era infalível a máxima, escrita por aí algures deste mirífico estudo sobre pessoas do meu conhecimento: e vem a ser que «o amor iguala todos os homens».

E todas as mulheres?

Isso é que não. Desde que eu disse que conhecia vinte variedades, haverá seis anos, já estremei da confusão caótica de suas excelências mais três exemplares. São achegas que vou carreando para maior edifício, se Deus me der vida, e as vinte e três variedades me não tolherem.

Ora, vamos lá, em boa paz, com elas e com eles, à história.

Minutos depois, Basílio estava de volta, filistriando com o ginete. Não estacou o animal, que arremetia fumegante, sacudindo a espuma às clinas.

– Cautela! – exclamou Etelevina.

O herói sorriu, e exacerbou as feridas dos ilhais com esporadas, que seriam apenas bárbaras, se não fossem estúpidas.

O oprimido cavalo empinou-se quási a prumo. O cavaleiro punziu-o com os acicates, cuidando que era aquele o preceito hípico para lhe abaixar as patas. O ginete enfurecido arremessou-se num corcovo com desamparado ímpeto, e tamanhos sacões fez uns após outros que cuspiu Basílio da sela a distância de meia vara, deixando-lhe as rédeas nas mãos, e um estribo com um loro no pé.

Etelevina expediu um guincho, e fugiu da janela. As vizinhas também fugiram para se rirem dentro. É que Basílio rasgara as pantalonas em sítio, onde o dono do cavalo dizia depois que o cavaleiro devia levar dois pontapés.

Ergueu-se Basílio a coxear, e por instinto, ou frio, levou as mãos ao rasgão das calças: teve vergonha o infeliz!

A este tempo, assomava à janela Etelevina com sua mãe.

– Faz favor de subir? – exclamava a segunda.

– Vem, Basílio, vem, se podes! – disse a menina com afligido alvoroço.

E saiu à rua o criado para o ajudar.

– Não é preciso – disse Basílio, arrastando penosamente a perna direita, e tanto que um segundo depois, não podia dar passada, subindo os degraus nos braços do galego, e, do meio para cima, ajudado por D. Custódia e sua filha.

O cirurgião, chamado logo, pô-lo a tratamento de bichas e sangria. O gemebundo moço respondia com dolorosas caretas às moderadas carícias de Etelevina. Preparava-se-lhe uma cama, quando ele pediu que lhe mandassem buscar uma sege. Queria D. Custódia (quanto mudada daquilo que viram as águas do Douro!) que ele se recolhesse à cama, e Etelevina, corando o necessário em tal

conjuntura, afoitou-se a pedir-lhe que se tratasse em casa das pessoas tão suas amigas, quási parentas, que os pais não levariam isso a mal.

Basílio, mal recobrado ainda da sua vergonha, antes queria afastar-se das testemunhas do seu desastre. E que testemunhas! a mulher amada! Esta dor chegava-lhe mais à medula dos ossos que a contusão do fémur, da rótula, e da tibia. Tudo sofrera, mais ou menos, salvo a cabeça cuja espessura craniana era invulnerável, ou então cabeça era aquela que a Providência velava para desígnios misteriosos.

Deu ele, como razão de sair, a ansiedade de seus pais, quando soubessem da queda.

Àquela hora já eles sabiam que o filho quebrara as pernas. Deram-lhes assim a notícia.

Bonifácia atirou com a mantilha às costas, o marido saiu mesmo de tamancos, e carapuça azul, e foram ao longo da rua de Santa Catarina até ao local da catástrofe.

Ali lhes apontaram a casa para onde entrara Basílio.

– Acolá mora o compadre Manuel José! – disse José Fernandes.

– É verdade.

– Queres tu ver que o namoro pegou outra vez? – tornou o especeiro.

– Vamos lá; agora o que lá vai, lá vai – replicou a consternada mãe.

Entraram na saleta, onde o facultativo empachava com panos molhados em água-ardente as pernas de Basílio.

Bonifácia deu um ai agudíssimo, e correu a abraçar o filho. José Fernandes ficou à porta, duvidoso se devia entrar com os tamancos na sala esteirada.

– Faz favor de entrar, senhor compadre – disse D. Custódia.

– Dê-me a sua mão, meu padrinho! – disse Etelvina.

– Deus te abençoe – respondeu o merceiro.

– Minha madrinha – tornou Etelvina com afetuosa humildade, – o Basílio não tem nada quebrado.

– Não? – exclamou Bonifácia – Foi Santo António... Ainda bem que vossemecê morava aqui, senhora comadre.

– E então? – disse José Fernandes. – queres cá uma sege? é preciso ir tratar isso p'ra casa a preceito.

– Chegou agora a sege – disse Etelevina. – Já se tinha mandado buscar.

– Vamos, filho, olha se podes mexer-te.

Basílio amparou-se nos braços do pai e do cirurgião; despediu-se das hospedeiras senhoras em palavras cortadas de gemidos, e entrou com a mãe na sege.

José Fernandes agradeceu à comadre o favor de recolher o rapaz, e acrescentou com bonacheirona lhaneza:

– Não sei por que andávamos de mal! Estão feitas as pazes; dê cá recados ao compadre, e diga-lhe que apareça, e vocês, se quiserem, aquela casa está às ordens. Ainda havemos de ir um domingo ao peixe frito a Valbom!... Ó comadre! que tempo aquele! Como a gente se divertia com tão pouco dinheiro! Vossemecê não lhe dá vontade de chorar, quando se vê velha, e bota a vista pelo tempo que não torna?

– Ora, se choro, senhor compadre!... Tomara-me naquele tempo!...

– Isso é que é verdade... Então; sem mais; adeusinho, comadre, até à vista... Diga ao cirurgião que vá lá receber a casa a espórtula, e vocês, se quiserem alguma coisa, lá estamos... Ouviu? Cá lhes mando um queijo flamengo, que saiu daquela casta, e duas ceiras de figos do Algarve.

– Muito agradecida.

– Adeus, minha afilhada; adeus, comadre! Amigos como dantes!

VIII
COM COMENDAS E BOLOS SE ENGANAM OS TOLOS.

Basílio Enxertado era de boa carnadura. As contusões desapareceram. Com oito dias de cama, a razão de duas galinhas por dia, ergueu-se forte, e mais gordo.

A imprensa do Porto fez crónica deste sucesso. Basílio, por luxo, era assinante dos quatro jornais da terra, e dava ceias de ostras e salame, como se disse, aos redatores das locais. O próprio Ervedosa, que fizera pazes com Basílio numa dessas ceias, deu a notícia da enfermidade do seu anfitrião, como a daria com respeito ao presidente da câmara, a um diretor de companhia, ao prior da Santíssima Trindade, ou assim outro magnate sobre quem a sociedade do Porto tem sempre posto o olho atencioso. Vários amigos meus lhe chamaram em letra redonda a flor da mocidade portuense; e eu mesmo, dando a nova funesta da queda, chamei-lhe *inteligente*; mas, como na oração havia dois agentes, ele um, e o cavalo outro, o público fez-me o favor de duvidar se eu chamava inteligente o cavalo, ou o Basílio.

Saiu à rua o ilustre convalescente, e foi de carruagem pagar a visita a Manuel José Borges, que duas vezes o visitara, em companhia de D. Custódia.

Etelvina, segundo o despachante disse em particular a Basílio, desde a fatal queda, nunca mais foi boa! O sobressalto, o desgosto, e o receio de que alguma entranha se deslocasse no interior do seu companheiro de infância, adoentaram-na até cair de cama, e ter febre.

Isto era mentira.

Feia traça aquela a que um pai se prestava, de mais a mais aconselhando-a! Baixo sentir o de uma menina de dezenove anos, que quer realçar seus méritos com embustes e imposturas nauseabundas!

Engoliu a arara o palerma. Palerma, digo eu! quantas engoli eu assim! quantas tem engolido o leitor! quantas engoliremos até que a sepultura nos engula!...

E chorou o pobre tolo, quando tal ouviu! Ora, digam-me se não está uma bela alma naquele corpo, e grande alma talvez naquela grande cabeça, onde graves psicologistas dizem que ela se aloja!

Foi por isso que Basílio, sem consultar a vontade de seu pai, apenas a medicina lho permitiu, foi visitar a família Borges.

Etelvina estava ainda de cama. Como arranjaría ela o quebrado das cores, aquele emaciado de cútis, e olheiras tão violetas, que faziam amor e dó? Eu sei cá! As mulheres fazem tudo de si para fazerem o que querem de nós!

Di-la-íeis a sair de sob as asas negras da morte! O seu articular palavras era um fatigante arfar de peito, onde, a cada instante, levava a mão, como a soffrear os saltos do coração, que a presença de Basílio alvorotara.

De um lado do leito dela estava Manuel José Borges, entre alegre e lacrimoso, dizendo com meiga acentuação:

– Aqui está o senhor Basílio, filha; o nosso Basílio. Agora, se não sais desse abatimento, perdemos as esperanças de te curarmos.

– Não que uma coisa assim! – dizia D. Custódia, do outro lado do leito. – Uma amizade como esta não me consta! Ora vê tu, Manuel! Como estas duas crianças, nascidas e criadas ao mesmo tempo, ficaram sempre a quererem-se!

– Isso não é tanto como a senhora diz – atalhou Basílio. – Eu cá, sim; mas olha... enfim, não falemos no que lá vai.

Etelvina fez um trejeito de rosto magoado, e murmurou:

– Nunca me compreendeste...

– Olha a tratá-lo por tu! – interrompeu o despachante, fingindo espanto.

– E que tem lá, isso? – disse o Enxertado. – Nós éramos como irmãos.

– Mas o senhor agora está um homem... – replicou o pai da menina – e ela está uma mulher...

– Com o coração da criancinha de há oito anos – acrescentou a débil enferma, pondo os olhos no teto, e cruzando as mãos no peito.

Não temos outras tolices que historiar nesta primeira visita.

Na semana imediata a filha do despachante gozou novo triunfo na Filarmónica. A juventude masculina do Porto achou-a mais formosa que da primeira vez. Dava-lhe o palor de oito dias de cama aquele mórbido quebranto, que eu imagino ser a cor especial da mulher amada.

As mulheres amadas conhece-as pela cor quem quiser estudá-las entre os dezoito e trinta anos. Errados poetas e romancistas escrevem que o amor alegra os temperamentos melancólicos, e dá vertigens de prazer aos temperamentos alegres. Em prática não é assim. A mulher, que se crê amada, e se compraz de o ser, elanguesce como a flor muito beijada: centuplica-se-lhe a ternura, o mimo, a denguiça, um não sei quê em que ela acha outro não sei quê de adoração de si mesma. Qualquer menina, ainda ontem folgazã num baile, vede-a, no baile de hoje, como está angelicamente cismadora, devaneada, assim como noiva que se peja de o ser de vinte e quatro horas: o segredo de tão estranha transformação sabe-o aquele moço de aspeito brando, que a está contemplando de longe, e ontem lhe disse que saberia morrer não conseguindo ser amado dela.

– Pois seja assim, me diz o leitor condescendente; mas que paridade há aí entre os espontâneos e sublimes afetos da mística inocente que ama, e o despejado cálculo da filha do despachante, que quer trezentos contos sobre as gibas do dromedário que a deseja?

O que há, meu amigo?

Há o que havia entre o cacho de uvas, que a natureza fizera, e o cacho de uvas, que fizera Apeles. Um passarinho veio depinicar na obra do pintor, cuidando que era a obra da natureza. A vossa mística inocente era como as uvas da natureza; Etelvina, a despejada

calculista, era como as uvas do pintor. Os passarinhos, as vítimas logradas destas similhaças, somos nós. Quem se não recear de enganos tais, há de ser pássaro muito bisnau.

Voltando à Filarmónica.

Fez espécie em muita gente sair Basílio Enxertado com Etelvina pelo braço, findo o sarau, e entrar com ela, e com o despachante na carruagem.

Alguns negociantes de grosso trato, sócios da Filarmónica, avistaram o seu amigo José Fernandes, carregando a mão no ânimo do especieiro contra o despachante, que, conluiado com a rapariga, lhe andava enviscando a pascacice do filho.

Ora isto, quando José Fernandes já trazia pedra no sapato, devia dar de si alguma eventualidade contrária aos bem encaminhados intentos do despachante, que a cobiça apeara da sua antiga honra.

Ouviu o especieiro a opinião sensata do boticário da rua Chã, amigo antigo que o defunto frade lhe dera, e calou-se com o negócio para não espantar a caça, como o previsto farmacopola lhe dizia.

Dias volvidos, José Fernandes disse ao filho:

– Ouve cá, Basílio. Tenho cá meu ferro por ver que tu não tens uma comenda. A minha vontade é que tu figures mais que outros muitos, que não têm um terço da nossa fortuna. Olha tu aquele Francisco Gonçalves da Reboleira, que é filho de um tamanqueiro que eu mandei vir do Enxertado, e saiu comendador há mais de um ano! Olha o Amaro de Cima-de-Vila que ainda há dez anos tinha uma tenda de adelo, e já é também comendador! Um mestre-escola, que morava ali à Sé, quando eu casei, é deputado, e tem muitas veneras. Não te falo nos barões e viscondes, que eu conheci, uns a venderem vinagre em odres, e outros a remarem em barcos de pipas, outros a venderem sardinha, e outros, que são filhos de lacaios, netos de moleiros, e bisnetos do diabo que os carregue! A gente, que nos quer mal de inveja, diz por aí que eu sou um bruto, e tu és outro, porque os governos não fazem cabedal de nós! Pois eu sempre queria mostrar a estes tratantes que tu, se não és comendador, é porque não tens querido. E sabes tu, rapaz?

A minha vontade era que fosses mais uns pozinhos do que comendador! Queres tu, Basílio?

– Ora! quem dera!... Eu já estive... – acudiu o moço, com a cara iluminada de júbilo – já estive p’ra tocar ao pai nisto; mas acovardei-me.

– Ainda bem que te acho disposto! Tu vais trabalhar para ser barão.

– Barão!... Isso será de mais!

– De mais algum conto de réis, rapaz! Pelo resto fico eu. O que há a fazer-se é ir a Lisboa, com algumas cartas, que eu te arranjaréi. Trata de te preparar, que o vapor sai amanhã. Dito e feito!

Basílio passou da alegria exuberante a um recolhimento doloroso.

José Fernandes fingiu-se estranho à mudança, e continuou:

– Enquanto te não fazem barão, divertes-te, e gastas à tua vontade na capital. Levas ordem franca; mas não faças asneiras. Dá o teu passeio de sege; em cavalhadas não te metas, ouviste? Vai-te regalar, rapaz; vai ver mundo e volta com bastantes figas para enterrares pelos olhos dentro destes invejosos!... Deixa-me ir arranjar as cartas.

Saiu o especieiro, e o filho ficou pensativo. Deixar assim de súbito Etelvina! deixá-la na crise da paixão! ser traído na ausência, ou achá-la morta de saudade quando voltasse!...

Por outro lado, voltar com um título, e valer mais assim aos olhos dela.

A vaidade, depois de larga e indecisa luta, venceu o amor, com o especioso argumento de engrandecer o objeto amado com a coroa de baronesa.

Prescindir de despedir-se é que ele não pôde. Foi.

Estava Etelvina sentada ao piano, suspirando uma ária da *Linda de Chamounix*. Basílio entrou à sala, e vendo-a sozinha deu graças ao anjo do amor que lhe propiciava ensejo de se abrir francamente com ela.

– Estás sozinha, Etelvina? – disse ele com voz tremente.

– Estou: os pais saíram a fazer visitas. Eu estou ainda muito débil, e não pude acompanhá-los. Quanto folgo de estar a sós contigo, meu Basílio!

– Também eu, meu amor! também eu. Andava morto por poder dizer-te que...

– Que me amas?

– Adivinhaste!

– Que não adivinha um coração amante?!...

– Mas estou apoquentado...

– Que tens, Basiliozinho?

– Que hei de ter!... Vou ausentar-me...

– Ausentares-te!? Céus!...

– Por algum tempo...

– Cruel! e podes?!

– Vou a Lisboa...

– A Lisboa?!... Lá me vais esquecer, ingrato!

– Não digas isso, amada Etelvina! Eu vou buscar um título de barão...

– De barão?... Para quem?

– Para mim...

– Oh!...

– É meu pai que quer. Gostas que eu vá?

– Que bárbara pergunta me fazes, Basílio!... Gostar que vás dar a outra o coração, que é meu desde que balbuciámos as primeiras palavras dos nossos brinquedos!...

– Juro-te que serei fiel até à morte!... Não chores!...

Etelvina levava o lenço aos olhos. E chorava a valer! Arranjou umas lágrimas como um químico as faria com uma pouca d'água, mucos, soda, muriato de soda, fosfato e cal. Ora, como Etelvina não tinha à mão estas substâncias componentes das lágrimas, havemos de conjecturar que ela era dotada de umas ardilosas glândulas lagrimais de que ainda a fisiologia não penetrou o mistério!

– Não chores, meu bem amado! – instou Basílio, beijando-lhe a mão, que brandamente lhe tirou dos olhos. – Se não queres que eu vá a Lisboa, antes quero não ser barão e ficar mal com meu pai, que desagradar-te.

– Vai, – acudiu Etelevina – vai a Lisboa, meu anjo; mas, se de volta, me não aches viva, sabe tu que saudades me mataram, Basílio.

– Ora! – tornou ele – não digas isso! Tu não hás de morrer, não, lindinha?...

E ela a ansiar de modo que, se não fosse ridícula, seria bela com aqueles arquejos de peito, debaixo da transparente escumilha do corpete. E Basílio, a ver aquilo, se não fosse um tolo, tolo como os poetas, seria um sátiro, como é toda a gente que encontra nos sentidos a sua razão eficiente de ser e sentir.

Etelevina pôs termo à comédia, quando ouviu nas escadas o chilrear das suas amigas da rua do Souto. Levantou-se, enxugou os olhos, e disse:

– Vai, vai, Basílio, que eu creio na tua fidelidade. Não desobedeças, por amor de mim, a teu pai. Não precisas de ser barão para que eu te ame mais; mas bom é que o sejas para que aos olhos da sociedade valhas tanto como os barões.

As gárrulas meninas do surrador vinham dar à sua amiga a fausta nova de que o pai delas recebera o hábito de Cristo, que lho mandara de Lisboa o tio regedor, que tinha ido arranjar para o filho um lugar de escrivão. O surrador, no auge de sua satisfação, resolvera dar um jantar na Ponte da Travaje às pessoas da sua amizade, encarregando as meninas de convidarem a família Borges. Este sucesso deu novo rebate às ambições nobiliárquicas de Basílio, e Etelevina esteve por um cabelinho a dar parte às suas amigas de que ia ser baronesa. E, se o não fez tão categoricamente, a tolice levou as mesmas voltas. Logo que Basílio saiu, ficou ela contando às amigas o seu casamento com ele, e a causa que o levava a Lisboa.

As travessas e, no seu tanto, espirituosas raparigas, lembradas daquele episódio de Santa Ana de Oliveira, riam sem reboço da transfiguração da sua amiga, chanceando com gracejos a lorpice do rapaz, que Etelevina defendia, defendendo-se a si vitoriosamente com a louvável confissão de que tinha bastante juízo para obedecer à vontade de seu pai, e para apreciar trezentos contos.

– E aquele pobre Henrique? – dizia a mais sentimental das filhas do cavaleiro de Cristo, e surrador de coiros de vitela na rua do Souto.

– Eu sei cá do Henrique! – disse descomovida Etelvina. – Que quer ele que eu faça? Escreveu ao papai, desligando-se por enquanto da sua palavra. Estou desembaraçada; posso amar quem eu quiser, não achas, Cacilda?

– Mas tu ainda há pouco recebeste carta dele.

– Recebi; e que tem isso?

– Não te dizia ele que espera herdar de uma tia muito doente?

– Ora!... sapatos de defunto!

– Isso não é assim, Etelvina! O Henrique era digno de ser mais lealmente correspondido.

– Mas meu pai quer que eu case com Basílio. Tu, no meu caso, desobedecias?

– Desobedecia, se tivesse mais coração do que tu, menina. Pobre Henrique!... Queira Deus que não sejas castigada, Etelvina!...

– Ora, deixa-me... Castigada por quê? Castigadas são as que deixam passar o seu tempo, sem aproveitarem os rápidos anos da mocidade. Esteja eu agora à espera que morra a tia do Henrique, e sem certeza de que ele, em se vendo rico, não vá amar outra que tenha de seu. Vocês falam assim porque têm bons dotes; se estivessem na minha posição, casavam-se com o primeiro rapaz, ou velho rico, que as quisesse.

Tinha razão a filha do despachante. O tempo justificou-a.

As três meninas do cavaleiro de Cristo estão casadas, cada uma com seu alapuzado, revelho, e repugnante chatim vindo do novo mundo. A mais espirituosa, aquela Cacilda que dizia: «pobre Henrique!» essa então aceitou um marido, que tem um sedenho permanente no cachaço, e ela cura-lhe a ferida, e está sempre a ver quando a alma do chaguento esposo lhe foge por entre o seroto e os fios.

Tinhas razão, Etelvina! Deus te dê felicidade, assim como a sociedade te deu juízo!

IX

BASÍLIO ENTRE AS SENHORAS RAPOSEIRAS, E O MAIS QUE SE DISSER.

Em dezembro de 1849 vi Basílio Fernandes Enxertado em Lisboa, numa janela do hotel de Itália, que defrontava com o Marrare. Estava ele chamando a atenção chocarreira de um grupo de peraltas, que estanciavam à porta do botequim. Olhei também, e então vi e reconheci o meu primeiro editor de trovas.

Que tinha ele que fizesse rir a nata da juventude lisboeta?

Era o *robe-de-chambre* de veludo encarnado, com requifes de veludo preto, e cordões e borlas de seda amarela, e o boné de seda azul, com matizes a oiro, e borlas de oiro também. Parecia assim como coisa de príncipe; mas não estava mal ajeitado.

Fez-me ele a honra de me conhecer, e sinal para subir.

Os sujeitos do grupo destacaram um para saber de mim quem era aquele homem impagável.

Respondi que eram quatrocentos contos.

– Oh! – exclamou o comissionado, e foi transmitir a resposta aos comitentes, que exclamaram:

– Ah!

Recebeu-me Basílio rodiziando as borlas do *robe-de-chambre*, com esbelto donaire, e modos de conde de alta comédia.

– Por Lisboa, senhor Basílio?

– É verdade: cheguei ontem. Vim ver a capital.

– E que lhe parece?

– Ainda não saí. Enjoei muito na viagem, e tenho estado a dormir. Gosta deste *chambre*? Vi isto, numa loja de alfaiate da rua do Alecrim quando vinha de bordo, e comprei-o. É da primeira elegância, hein? quinze libras!

Este dizer assim desempenado de Basílio, o metal de voz, o trejeitar de braços, o todo tão outro do que eu conhecera meses antes, assombrar-me-ia, se eu não tivesse presenciado mudanças igualmente estupendas. Não pode dar-se razão séria nem jocosa destas transfigurações feitas pelo dinheiro, pelo mundo que cerca e civiliza o homem dinheiroso, pela atmosfera que respiram os pulmões robustecidos por sangue bem clarificado pelo oiro. Incapaz de resolver este problema todo psicológico, já cuidei que a mudança estava no meu modo de ver, e não nos indivíduos aparentemente transformados. Aconteceu alguma vez ter eu refletido na sensaboria e acanhamento de sujeitos havidos como sábios; mas sábios em toda a horrorosa ignorância da pobreza: com pejo declaro que me pareceram insofríveis, senão aparvados. Ao mesmo tempo, sucedia dar atento ouvido ao palavreado de sujeitos, que revolviam metais nas algibeiras, arpejando com o somido o fraseado por sem dúvida boçal: pois, custe embora o meu descrédito esta confissão, afiguraram-se-me dotados de eloquência natural e inculta estes ricos, que andavam atassalhados nos dentes dos folhetinistas, à conta da sua sobre-humana estupidez. Por estas e outras, é que eu cheguei a suspeitar da anomalia dos meus olhos, atribuindo a culpa disto à miserável condição humana.

Foi Basílio tirar da sua carteira umas cartas, perguntando-me se eu conhecia as pessoas, a quem vinham destinadas. Eram as cartas para três notáveis capitalistas, um dos quais sucedeu ser meu conhecido.

– São ordens para dinheiro? – perguntei eu.

– E para mais alguma coisa. Assim como assim, vou-lhe contar o que há. Você é amigo velho. Ainda me lembro daquelas décimas em Santa Clara...

– Cale-se, homem, que ainda me mordem remorsos... Aquela sua aventura do convento!...

- Basílio sentou-se no sofá, e pôs as pernas ao alto para rir melhor. E eu continuei:
- Que é feito do *tacho*?
 - Pois não sabe?
 - Não; você não me disse mais nada.
 - Tirei-a do convento, e tive-a regalada como uma princesa; mas aquilo não me convinha, e fiz que minha mãe lhe desse seiscentos mil réis para ela casar com um correeiro da rua de Santo António.
 - Está bom... estimo muito. Assim é que se faz.
 - Você sabe que eu tenho um namoro sério no Porto?
 - A Etelvininha? Quando ela foi à Filarmónica dei logo fé. Você andava em pancas!
 - Se lhe parece!... que tal a acha?
 - É uma interessante menina, sim, senhor.
 - Estou doido por ela; e caso.
 - Seu pai contente?
 - Qual!... mas isso não põe, nem tira! Ponto é querer um homem...
 - Admiro, pois, que o senhor Enxertado venha para Lisboa na maior crise da sua paixão!
 - Eu lhe conto; era isso que eu ia explicar-lhe. Meu pai quer que eu seja barão.
 - Sim?
 - É verdade. Você que lhe parece?
 - Parece-me bem. Entendo agora que o senhor vem a Lisboa fazer-se barão.
 - É como diz. Estas cartas são para isso.
 - Está bom! dou-lhe os parabéns sinceros. Quando o senhor quiser, irei ensinar-lhe onde moram estes sujeitos.
 - Vamos lá hoje; e o mais acertado é irmos já. Quanto mais depressa se concluir o negócio, melhor. Que dirão os do Porto quando me virem barão?
 - Admiram-se de você não ir visconde. Seu pai, querendo dispendar mais algum conto de réis pode arranjar-lhe título menos vulgar. O baronato anda já muito por baixo.

– Quanto custa ser visconde? você sabe?

– Eu não tenho negociado nisso; mas podemos averiguar. Talvez que o almanaque deste ano traga os preços dos títulos.

Basílio recebeu-me seriamente a reflexão, e vestiu-se.

Saímos a entregar as cartas.

Disse-me, depois, Basílio que os sujeitos o tinham recebido muito afavelmente, e o haviam convidado a hospedar-se em sua casa, ou a passar as noites em familiar intimidade, sem lhe tocarem na matéria do título.

Volvidos alguns dias, encontrei Basílio em Sintra, com a família do comendador Raposeira, um dos três capitalistas a quem trouxera cartas.

A família Raposeira andava em celebridade. As filhas do comendador eram galantes, namoradeiras, adoidadas, e presuntivamente ricas: excesso de qualidades recomendáveis para serem célebres, amadas, e galanteadas por todo o galã distinto.

Basílio apartou-se do grupo, em obséquio a mim.

Tivemos este diálogo:

– Parabéns, meu caro senhor Basílio! Está relacionado com quatro das mais formosas senhoras de Lisboa.

– Isso são! – disse ele, sorvendo e exalando três fumaradas do charuto. – E são finas, que é preciso saber a gente o que diz para falar com elas.

– Pois então veja lá como se sai. Não deixe ficar mal a rapaziada portuense. As senhoras de cá ajuízam mal dos patrícios do meu amigo. Mostre que já veio civilizado para Lisboa.

– Não tem dúvida, que eu falo pouco; mas elas tratam-me como se eu fosse de casa.

– E conhecem-se há menos de quinze dias!... O amor tem esses repentinos de familiaridade. Dar-se-á caso que o senhor Basílio Fernandes tenha esquecido a Etelvina?

– Qual!? esquecê-la eu! Ora essa! Amor só a ela: cá com estas não passa de palavrório. Divirto-me enquanto me não dão o título.

– É verdade... como está isso de título?

– Já se falou ao ministro do reino. O decreto lavra-se por estes quinze dias.

– Baratinho?

– Ainda não sei, nem me importa. Isso é lá com meu pai.

– Sabe quem eu vi em Lisboa ontem? Aquele Henrique Pestana, que amou a D. Etelvina. Veio liquidar uma herança de alguns contos de réis, que lhe deixou uma tia que morreu em Chaves. Segundo me ele disse, vai casar-se, e vem residir em Lisboa. Estive quase a perguntar-lhe se ainda se lembrava de Etelvina; mas, como o nosso conhecimento não autoriza intimidades, absteve-me.

– Bem se lhe importa dele a minha Etelvina! – atalhou Basílio. – Aquela está segura. Quer você ler uma carta que ontem recebi?

– Não, senhor... eu creio na lealdade da menina...

– Há de ver: tenha paciência.

Mais por desfastio, que por curiosidade, li. Era uma carta não vulgar em estilo. Um dos períodos dizia, pouco mais ou menos, isto:

«A tua riqueza não me seduz, Basílio. Para mim valerias mais sem fortuna nem título. É tão fácil a uma senhora com dignidade e qualidades amáveis merecer e obter um marido rico, meu Basílio, que o menor galardão dos meus méritos, se alguns tenho, seria casar rica. Não cuides, pois, que me prendem os teus contos de réis. No dia em que eu só vir em ti dinheiro, esqueço-te, e ver-te-ei sem inveja passar aos braços doutra.»

Confessarei que estas linhas me deram alto conceito da sua redatora! Notável e nobre singularidade a desta menina portuense! Exemplo novo, e talvez único nos fastos matrimoniais da cidade da Virgem!

Disse eu a Basílio, entregando-lhe a carta:

– Rara mulher é essa que a sua boa fortuna lhe deparou! Seja digno dela, não a sacrificando a inconsequentes passatempos...

– Não tenha medo – disse Basílio, sacudindo-me a mão com elegância de inglês, e com a força de galego, que ele tinha. – Deixe-me

ir às meninas, que estão à espera. Logo vou-lhe dar cavaco ao Victor.

Esta promessa de *cavaco* de Basílio Enxertado foi-me consoladora perspetiva!

Quando me ia recolhendo ao hotel, encontrei o comendador Raposeira, meu conhecido. Falei-lhe no portuense Basílio Enxertado, que encontrara com as meninas. O comendador perguntou-me em miúdos o inventário da fortuna do merceeiro José Fernandes. Respondi concisamente que lhe orçavam quatrocentos contos. Autorizado por semelhantes averiguações, ousei perguntar em que pé estava o negócio do baronato. O comendador riu-se, chamou-me de parte, confiou-se à minha discricção, e mostrou-me uma carta de um seu amigo visconde, que lhe apresentava Basílio. Rezava a carta a história da afeição de Basílio a uma rapariga pobre, da qual o pai dele queria afastá-lo, sem fazer bulha. Neste plano, o mandava a Lisboa com pretexto de arranjar o baronato; esperando que, em alguns meses de ausência, se esquecesse. Enquanto ao título, José Fernandes, podendo ser, não se lhe dava de dar até duzentas libras por ele, visto que o rapaz o queria para figurar; o essencial, porém, das instâncias dos amigos de José Fernandes era entreterem-lhe o rapaz em Lisboa, e distraírem-lho, à custa mesmo de muito dinheiro, até que ele mostrasse indiferença pela moça do Porto.

O comendador Raposeira deu-me a entender que o rapaz estava quási esquecido, visto que já fizera uma declaração um pouco grosseira a uma das suas meninas. Enquanto ao título, acrescentou o benemérito da confiança do visconde amigo de José Fernandes, não se falava por ora nisso, nem o dinheiro oferecido era bastante, posto que a mercadoria estivesse de rastos.

Dias depois tornei para o Porto, e acertei de ir em companhia de Henrique Pestana.

X

EM QUE ENTRA O AUTOR.

Navegava o vapor em mar de leite, por uma formosa noite de agosto. Subi ao tombadilho, quando nasceu a lua, aí pelas alturas das Berlengas. Encontrei Henrique Pestana no convés, contemplando a via-láctea. Ousei interromper-lhe o enlevo com estas palavras:

– Bem-aventurados aqueles que pedem às estrelas o segredo do sonho de suas noivas!

– Cismava nela: adivinhou! – respondeu ele.

– Invejo-lhe o contentamento! Deve de ser ditosíssimo o homem de sua idade, senhor Pestana, que vem de liquidar uma herança, e vai, por uma noite destas, buscar a mulher, que ama, a esposa, a companheira da felicidade!

– Pois creia que estou muito aquém da verdadeira felicidade.

– Como assim?! – repliquei.

– Falta-me a confiança na mulher, que amo.

– E casa-se?

– Sacrifico o futuro bem-estar aos ardores do coração. Você conhece a mulher com quem vou casar.

– Pode ser...

– É aquela Etelvina dos bailes da Terpsicore.

– Etelvina!? – exclamei.

– O ar espantado com que me faz a pergunta! Obrigame a pedir-lhe explicações.

– Explicações... Eu lhe digo...

– Sei o que vai dizer-me. Etlvina aceitou a corte de um tal Basílio Enxertado.

– Parece-me que sim...

– Aí tem o senhor a causa da minha desconfiança: é a nuvem negra do meu céu essa fraqueza; posto que, até certo ponto, fui eu quem deu motivo...

– Nesse caso...

– Meu pai negava-me consentimento, e, pior ainda, recursos para eu sustentar minha mulher, que não tem dote. Escrevi ao pai dela, contando-lhe a recusa do meu, e desligando-o da palavra dada. Até aqui sou eu o culpado. Porém, como ao mesmo tempo escrevi a Etlvina, pedindo-lhe que esperasse o futuro, e ela...

– Não esperou o futuro, e aceitou a corte de Basílio...

– E você tem a certeza disso? – interrompeu Henrique.

– Se tenho a certeza?! você é que parece tê-la.

– Desconfio apenas.

– Ah! desconfia apenas...

– Porque Etlvina escreveu-me sempre, com maior ou menor intervalo, assegurando-me que, apesar da vontade de seu pai, havia de amar-me sempre, e esperar enquanto pudesse...

– Ótimo! Vê-se que ela enganava o pai e Basílio para ir contempORIZANDO. Não me parece que deva inspirar-lhe desconfiança uma menina, que adotou na tática do coração a estratégia fabiana. Muito injustos somos com as pobres mulheres! Nem sequer lhes perdoamos que, por amor de nós, sejam velhacas com os pais e com os nossos concorrentes!

– Isso é assim! – atalhou Henrique –; mas você, no meu caso, antes queria que Etlvina esperasse a sofrer e a chorar, e não a mentir.

– Está enganado redondamente. Eu, no seu lugar, queria que ela não macerasse os olhos a chorar, nem murchasse as rosas da face a sofrer. Fez ela muito bem. Adivinho que a senhora D. Etlvina, logo que viu realizadas as esperanças de ser sua esposa, graças à herança, rompeu manifestamente com o pai e com o Enxertado.

– Assim devo supô-lo; mas o estilo da última carta, que recebi em Lisboa, deixa-me cá numas entredúvidas... Eu lhe mostro a você a carta. Chegue-se aqui...

Acercámo-nos da lanterna do leme, e ouvi ler esta carta:

«A tua riqueza não me seduz, Henrique. Para mim valerias mais sem fortuna. É tão fácil a uma senhora com dignidade e qualidades amáveis merecer e obter um marido rico, meu amor, que o menor galardão dos meus méritos, se alguns tenho, seria casar rica. Não cuides pois que me prendem os teus contos de réis. No dia em que eu só vir em ti dinheiro, esqueço-te, e ver-te-ei sem inveja passar aos braços doutra.»

Repare o leitor que esta carta é uma textual cópia da outra, que Basílio me fez ler, mudados os nomes, e subtraída na segunda linha a palavra «título», que não vinha a propósito.

Considerem como eu ficaria atónito desta irrisória travessura da menina do Porto!

O riso, como eu o mordesse entre os beiços, rebentou-me pelos narizes.

Henrique achou estúpido o espirro, e tinha razão. Fitou-me com desagradável semblante, e disse:

– O senhor parece-me tolo!

Um homem de coração, como eu era, desculpa estas injúrias. O pobre Henrique recebera como zombaria da carta da sua amada aquele imperdoável frouxo de riso. Ouvi apelidar-me de tolo; e, por um cabelo, lhe não disse quanto podia dizer em minha justificação. Gaguejei não sei que palermas desculpas, que azedaram mais Henrique. Queria eu motivar o riso com o falso melindre das senhoras em geral no aceitarem maridos dinheirosos; porém, a tese, sobre ser falsíssima, saiu tão mal raciocinada, que cheguei a envergonhar-me da deficiência das minhas ideias de improviso.

O resultado foi que Henrique Pestana voltou-me as costas, e desceu à câmara. Pior seria, se terceira pessoa testemunhasse o

facto. As testemunhas das afrontas são as que dão valentia aos afrontados.

Entrava o vapor a barra do Porto, quando tornei a ver Henrique. Não me encarava e fugia de mim. Ainda me aproximei no intento de me justificar.

Refleti, antes de chamá-lo a ouvir-me. Que ia eu fazer? Prejudicar o futuro de Etelvina a troco de captar a estima de Henrique. Preferi perder um conhecido a desacreditar uma senhora, que não valia menos que outras muito do meu maior respeito e admiração. Não, senhores: optei por ser tolo ou mau no conceito de Henrique, e assim fiquei.

Vivia eu em alguma intimidade com o literato Ervedosa.

Interessava-me saber o andamento das relações de Etelvina com Henrique, cujo confidente era o escritor.

Um dia, depois de um mês, em que Henrique solicitara debalde o cumprimento da palavra de Manuel José Borges, entregou-me Ervedosa uma carta de Henrique, assim redigida:

«Como acho incompreensível o carácter de Etelvina, começo a compreender que a sua gargalhada de 26 de agosto era profundamente significativa. Espanta-me o seu silêncio, depois que eu lhe voltei as costas! Se você sofreu silencioso, podendo, talvez, justificar-se, sou obrigado a respeitá-lo, como homem esquisitamente honrado. Seja o que for peço-lhe encarecidamente que me dê ocasião de nos encontrarmos.

henrique pestana

^{s/}_C 10 19 de setembro de 1851.»

O literato acrescentou à carta largos esclarecimentos que eu abrevio. Etelvina respondia às solicitações de Henrique em termos nevoentots, algumas vezes ridículos, e sempre incompreensíveis. Intimada a responder categoricamente se sim ou não queria casar, tergiversava, pedindo espera para sua final deliberação, ou atribuindo a obediência filial a perplexidade de que era acusada por Henrique. Manuel José Borges, a quem o rapaz se dirigira, respondera que sua filha mudara muito

de gênio, vivia muito consigo, e tinha suas tendências para o beatério; ou então, encolhendo os ombros, dizia que Etelvina era inexplicável. Não obstante, o despachante animava Henrique a não desesperar.

O leitor e eu compreendemos isto com menos explicações. Era o caso que a menina andava boiando, segurando-se às duas amarras. Basílio dizia-lhe que estava a chegar com o título; Henrique já tinha chegado com uma dúzia de contos de réis. A poligamia seria um grande bem, podendo a menina decidir-se pelos dois; mas a pressão das leis canônicas punha aquele coração a tormentos.

Isto indignou-me! Tive pena de Henrique, e asco de Etelvina.

Disse eu a Ervedosa que podia o seu amigo procurar-me quando quisesse.

Eis aqui a suma do nosso diálogo.

Disse ele:

– Você, que me permitiu aqui vir, é que vai dar-me a razão da sua risada. Se pode dar-ma, peço-lha, como homem de coração ao homem que se presa de o ter. Sabe o senhor quanta gravidade tem o passo que vou dar? Se há uma indignidade na vida desta mulher, o futuro há de descobrir-ma. Se eu for então marido dela, seremos dois desgraçados, e você será grande parte na causa da...

– Sua desgraça? – atalhei eu. – Não me faltava mais nada! Com que então...

– Claro está! Você sabe que Etelvina é indigna de mim.

– Não sei.

– Não sabe que as frases da carta que ouviu ler, escondem um intento velhaco? Seja franco.

– A carta, que eu ouvi ler, prova, enquanto a mim, que a senhora D. Etelvina é uma senhora esperta e bem alumiada do facho da civilização de 1851; ora, o merecimento da esperteza é causa a que o senhor Pestana julgue Etelvina indigna de si?

– Pedia-lhe seriedade, a possível seriedade, meu amigo – disse Henrique.

O tom, em que ele me atalhou, impressionou-me. Não quis refletir; abri o coração à verdade que o oprimia para sair; disse tudo.

Henrique abraçou-me, aclamando-me seu salvador, seu redentor, seu primeiro amigo.

Fiquei contente da boa ação. Arrancar à sórdida armadilha um homem d'alma, levantá-lo da indignidade,¹¹ restituir-lhe a paz, o coração, e a liberdade, oh! pareceu-me isto um feito digno da medalha da Humanitária, que ainda então não tinha nascido no Porto, mas já andava fundada no ânimo dos varões pios de lá.

Vociferou Henrique improperios contra Etelvina. Andou pelos cafés a ridiculizá-la. Pediu ao seu amigo Ervedosa que a metesse num folhetim. Esteve a menina três semanas em folhetim, exibida à mofa da gente, a quem o mesmíssimo Pestana andava desvelando o pseudónimo, e interpretando as alusões.

Cheguei a condoer-me da filha do despachante, e arrependi-me da meritória ação de a denunciar à zombaria pública. Escarneciam-na criaturas do seu sexo a quem ela podia dar lições de sã moral e lealdade no amor, criaturas que nem estilo tinham sequer, e repetiam sem gramática, e de viva voz, a quatro ou mais pretendentes o que Etelvina escrevera, com exemplar correção, a dois, somente a dois!

Chegou ao conhecimento dela que Henrique Pestana andava mostrando e escarnecendo as suas cartas. Foram as meninas do surrador que lho disseram, como suas amigas íntimas. Etelvina sofreu, receando que a irrisão chegasse ao conhecimento de Basílio Fernandes. Pensou em desarmar com brandura as iras do despeitado amante; escreveu-lhe com tanto pungimento e humildade que Henrique, se não se envergonhou da publicidade que dera à fraqueza da pobre menina, teve dó, pelo menos.

Amor profundo é que ele tinha à infiel; amor imenso como costuma ser o que se dá à mulher, que o não merece; amor, que, abraçado pelo ciúme, dispara todas as suas gemas e flores em explosão de lama; amor que tanto eleva como abisma; amor que faz de um malvado um anjo, de um santo um algoz, de um irracional um poeta, e de uma alma sublimada um brutal infamador. Era este o amor de Henrique à amada de Basílio Fernandes.

XI

VANTAGENS DO ROUBO CONTRA OS INCONVENIENTES DA PREDESTINAÇÃO, SEGUNDO BALZAC.

Entretanto, o filho de José Fernandes estava, em Lisboa, pasmado da mudança que se fazia em sua alma.

Guilhermina, uma das quatro filhas do comendador Raposeira, tirou-o à sorte numa loteria que fizeram as quatro irmãs, a ver qual delas o faria seu marido.

Era bonita, e lida nas melhores novelas do tempo esta Guilhermina. Sabia o *Judeu Errante*, o *Martim o enjeitado*, os *Mistérios de Paris*, e andava decorando, em Sintra, a *Salamandra*. Dizia ela que, a não poder amar um querubim, só amaria Eugénio Sue; mas, à falta do anjo e do romancista, amou Basílio Fernandes Enxertado, que valia mais que ambos os outros.

Basílio, tal qual como um mancebo de coração finamente temperado, sentia-se cativo de Guilhermina, porque a viu sentada numa rocha da serra, com os olhos no mar.

Há pessoas muito mal informadas do coração humano. Cuidam estas que certos homens do feitio de Basílio recebem as impressões por uns nervos que não são os nervos por onde calam os filtros das paixões de *Werther* e de *Amaury*. Crasso erro!

Há um ideal comum de todos, ideal que dispensa consumo de ideias; coisa em si materialíssima, que se chama ideal, em virtude da tácita convenção, feita há cinco mil anos, de nos enganarmos uns aos outros, e cada qual a si.

Este íman, que puxa por todos, tanto abala este moço contemplativo, que se morre de saudades do eco, como aquele agreste habitante das montanhas, que se deleita na esperança da plangana chorumenta que lhe há de, à ceia, carregar o sono, e doirar os sonhos. Este, e aquele, em presença da mesma mulher, sob a pressão da mesma electricidade, hão de estremecer por igual, amar com igual veemência, e arrobarem-se nos mesmos enlevos. Acontecerá ao moço culto, que aprendeu a língua das paixões, exprimir a sua; enquanto o filho das montanhas, o analfabeto, abafados os órgãos expansivos da eloquência, recalcará ao âmago do seio as comoções; e dará ao seu arrobo a duração de um sonho de toda a vida.

Eu conheci um homem de quarenta anos nas abas da serra do Mezio, em Trás-os-Montes. Era triste, inalteravelmente triste, como o pai amantíssimo que contempla um filho morto. Perguntei-lhe o segredo da sua tristeza. Respondeu-me assim com esta singela melancolia: «Há vinte anos que eu vi numa procissão em Vila Real uma menina de quinze anos, ou pouco mais, vestida de Santa Maria Madalena. Fiquei a cismar com esta menina, e nunca mais fui bom; perdi a minha alegria; e por mais que faça, em eu querendo espalhar a minha tristeza, vem logo a imagem, que eu vi há vinte anos, apertar-me o coração.

– Era muito linda? – perguntei eu.

– Como as estrelas do céu! – respondeu, e limpou as lágrimas.

Que era isto neste homem da serra do Mezio?

A paixão da vida toda, a chama que se teria apagado, dentro de quarenta e oito horas, no coração espiritual do leitor, que é poeta, que anda neste mundo a penar, porque o mundo não tem a imagem, correspondente à sua celestial quimera.

Destas celestiais quimeras – que são, a meu ver, profanações – não era grande pecador Basílio Fernandes Enxertado.

Tinha o seu tanto ou quanto de ideal, o necessário para arranjo da vida, e adubo do espírito, sem detrimento dos outros órgãos.

Viu ele Guilhermina sentada na rocha, olhando ao mar. Não creio que Basílio desejasse ser poeta, porque, em minha consciência, entendo e creio que ele fez versos então.

A primeira poesia nasceu de uma visão como aquela. Enquanto houverem mulheres,¹² que se sentem em rochas e contemplem o oceano, o céu, o Sol, ou outra qualquer obra magnificentíssima do Senhor, a poesia não morrerá. Quando a brutalização da economia política tiver empedrado o coração do homem, aquela mulher será cantada por árvores, flores, rochas e feras.

Avizinhou-se Basílio do rochedo, e balbuciou:

– Como está linda, senhora D. Guilhermina!...

– Ah! – exclamou ela. – acha?

– Em que estava a cismar? – tornou ele.

– Com...

E susteve-se.

– Não diz? então é segredo!... bem sei!...

– Não sabe.

– Ora,... faça-se... (ia a chamar-lhe *tola*; mas o coração entalou-lhe a palavra na garganta)... faça-se de novas – emendou ele.

– Novas de quê? Ora essa!... O senhor Basílio é que se faz desentendido...

– Eu!... está enganada... V. ex.^a é que... P’ra que fugiu à gente, e veio sentar-se nessa pedra? A senhora D. Guilhermina lá sabe...

– Parece-lhe que vim para aqui namorar? Só se for o Sol, ou o azul do céu.

– Há boas vistas daí?

– Muito lindas.

– Posso ir até lá?

– Venha.

– Irei eu quebrar as pernas por estes penedos acima.

– Suba com cautela: eu não escorreguei.

– Não, que v. ex.^a parece um pássaro a saltar de pedra em pedra! É leve como uma pena... Mas eu cá vou indo. Se morrer, reze-me por alma, faz favor?

Dava-lhe asas a poesia da hora e do local. Era ao pôr do sol. Sintra era o paraíso terreal melhorado, e ilustrado. Não estava ali ignorante

nenhum que pudesse pecar por querer saber de mais. A fruta podia prejudicar o estômago; mas a alma não.

Basílio levava na algibeira do albornoz um embrulho de queijadas da *Sapa*. O outro éden não tinha queijadas. O Adão primitivo era um idiota, ludíbrico da própria costela e da cobra. Bem se via que Basílio representava o nosso comum avô sessenta séculos depois.

Tirou as queijadas da algibeira, e disse:

– Vamos merendar. Suas manas estão lá em baixo a colher flores; nós cá vamos às queijadas...

– Não gosta das flores, senhor Basílio?

– Flor basta v. ex.^a.

Assim começou o namoro, se é que ele não estava principiado, desde o momento em que Basílio, ao quinto dia de conhecimento com a família Raposeira, disse a Guilhermina:

– Eu, se não estivesse comprometido...

Atalhou ela a frase, com desabrimiento:

– Quem lhe pergunta se está comprometido? está a brincar!...

– Zanga-se comigo v. ex.^a? – tornou Basílio.

– Por ventura pergunta-lhe alguém se o senhor está namorado de alguma *criaturinha* do Porto?

O termo *criaturinha*, dito com especial e irónica acentuação, turvou o ânimo do rapaz, e deslustrou a imagem de Etelevina.

A filha do comendador sabia a história de Basílio; e, sempre que cabia de molde, lá vinha alguma alusão à *criaturinha*.

– Com quem vai repartir a sua coroa de barão do Enxertado? – perguntou-lhe, uma vez, Guilhermina, sorrindo.

Ele tartamudeou, e ela prosseguiu:

– Não se atire a algum abismo, senhor Basílio. Olhe que um homem da sua esfera nunca perdoa à mulher, que se não soube conservar na sua, e aproveitou uma hora de cegueira do amante para se dar o valor que não tinha.

Parece que Basílio percebeu este ingranzamento de palavras, que me parecem má tradução de uma máxima de Stendhal, de um livro chamado AMOR, que Guilhermina traduzia sem entender.

Percebesse ou não, o filho de Bonifácia olhou para o seu interior, e viu-se outro. Situações análogas arrancaram raiventas apóstrofes de grandes poetas à versatilidade do coração. Basílio não insultou a natureza do homem, nem se envergonhou de sua miséria.

Refletiu, e disse entre si: «Etelvina é bonita e tem prendas. Canta e toca bem. É admirada na Filarmónica, e na Terpsicore. Isto é verdade; mas é filha do Manuel José despachante. Se eu caso com ela, meu pai leva-se da breca, e é capaz de me não dar nada enquanto for vivo. Que vou eu fazer, casando com ela? Vou-me tolher. Aqui em Lisboa tenho o dinheiro que quero, namoro e divirto-me, todas as mulheres, que eu conheço, me fazem festa... Se eu quiser casar com uma filha do comendador, não tenho mais que dizê-lo, parece-me a mim... Ainda me lembra o insulto que a Etelvina e mais a mãe e as filhas do surrador da rua do Souto me fizeram no Douro em dia de Santa Ana de Oliveira. Depois que eu comecei a figurar é que elas me deram atenção...»

Nesta altura, o monólogo era interrompido pela lacrimosa imagem de Etelvina. Basílio deixava pender o beijo superior, e encostava a cabeça à mão. Daí a pouco, lia as cartas dela, principalmente a que andava em espetáculo nos botequins do Porto. Esta carta espremiava-lhe o coração; mas já não era bastante a resgatá-lo das prisões de um novo amor.

Outras cartas posteriores de Etelvina o intimavam a decidir-se perentoriamente enquanto ao casamento. Respondia ele que estava à espera do título, e já se ia agastando com a teima de o quererem forçar à pronta realização do projeto.

A filha do despachante instava, quando Henrique Pestana a compelia a responder categoricamente; e redobrava de instâncias, quando se viu ridiculizada, e em risco de perder ambas as conveniências.

Basílio deixou de responder-lhe uma semana; e a carta, que lhe enviou na imediata, era fria, desanimadora, e quási um desengano.

Tinham já recolhido a Lisboa as senhoras Raposeiras, e andavam de baile em baile, e Basílio com elas.

Aqui vem cronologicamente a ponto contar uma das irrisórias aventuras de Basílio Fernandes Enxertado, aventura que lhe mudou o norte da vida.

Apeteceu às meninas irem à Mãe d'Água às Amoreiras. O português acompanhou-as.

Naquele tempo era franco o trânsito do aqueduto; mas alguns casos de roubo, acontecidos no interior dos arcos, atemorizavam os curiosos. Ali fizera o celebrado Diogo Alves o seu esconderijo, e algumas vezes lá foram espoliados os provincianos, que visitavam a titânica obra de D. João V.

Queria Basílio que as senhoras entrassem no aqueduto; mas o comendador não consentiu, e aconselhou-o a desistir da temeridade.

– Hei de ir! – exclamou ele. – Isso de ladrões, à hora do dia, são histórias.

– Mas olhe que lá dentro dos arcos é noite a toda a hora. – replicou o Raposeira.

– Pois cá vou!

Disse, e desapareceu na escuridade do aqueduto, enquanto as meninas lhe bradavam que não fosse adiante.

Chegou ele a um ponto em que já não via a claridade da entrada. O aqueduto torcera a direção horizontal. Basílio sentiu frio, e um pouco de medo; mas, como ao longe lhe lampejasse um clarão, animou-se a ir até lá, e cobrar alento à luz para retroceder.

A meio caminho, porém, da almejada luz, foi subitamente assaltado de um recanto por quatro possantes braços, que lhe tolheram os movimentos e a voz na garganta.

Primeiro, apalparam-lhe e despejaram-lhe as algibeiras, que iam bem providas; tiraram-lhe o relógio, quatro camafeus da abotoadura da camisa, um diamante da gravata, e seis anéis de bom preço. Despiram-lhe a casaca, o colete, e as pantalonas, e estiveram discordes acerca do restante, até decidirem que lhe tirassem só as botas, puxadas, com tanta brutalidade, que lhe deslocaram um pé.

Consumado o feito em breves minutos, os ladrões sumiram-se nas trevas, e Basílio permaneceu quieto, petrificado, como aregelada parede a que encostou a cabeça congestionada.

Tornando a si, retrocedeu cambaleando até ver o clarão da saída; deu mais alguns passos; esperou que o grupo das meninas avultasse na claridade, e clamou:

– Ó senhor comendador!

Ouviram elas a voz convulsa de aflição, e chamaram o pai, que estava a ver a catadupa da água.

Correu o comendador à boca do aqueduto. Basílio pedia-lhe que entrasse lá dentro que precisava muito de lhe falar.

– Querem ver, que lhe aconteceu alguma, meninas? – disse o Raposeira. – Ir lá dentro! nessa não caio eu! O rapaz, enquanto a mim, foi assaltado, e despiram-no!

As quatro meninas encararam umas nas outras, e soltaram uma estridente gargalhada, que ecoou no interior dos arcos, aos ouvidos de Basílio como um escárnio.

Apareceu o guarda da Mãe d'Água a quem o comendador revelou suas suspeitas.

O guarda chamou o auxílio de dois soldados, acendeu uma lanterna, entrou até encontrar Basílio tiritando de frio, e veio para fora dizer à família que o tal senhor atrevido tinha sido roubado, e estava em cuecas a bater o queixo com frio, e mandava pedir ao senhor comendador o obséquio de lhe ir ao hotel de Itália buscar fato, e mandar-lhe uma carruagem.

Despregaram nova e insolentíssima casquinada as quatro meninas, e foram embora com o pai.

Basílio, chamado pelo guarda, saiu do aqueduto, embrulhou-se no emprestado capote, e deitou-se na cama do funcionário, que lhe contava, com espanto, as risadas das senhoras num caso tão pouco de rir!

Basílio ouvia-o como corrido e afrontado, pensando consigo deste teor: «Quando eu caí do cavalo, Etelvina desceu do portal e levou-me nos braços para a sua cama. Guilhermina escarneceu-me

agora. Esta chama *criaturinha* à outra. Pois bem! não tornarás a rir-te de mim, Guilhermina!»

Daí a meia hora chegou a roupa e o comendador na carruagem.

Basílio vestiu-se, entrou na sege com Raposeira, e foi ao hotel buscar dinheiro para remunerar liberalmente o bem-fazer do guarda.

Quando Guilhermina mandou, em seu nome, e de seu pai, e de suas irmãs, saber dele, no dia seguinte, Basílio Fernandes tinha partido por terra para o Porto.

Se não fossem aqueles ladrões, que seria hoje de Basílio nesta sociedade de Lisboa, e casado com Guilhermina?

Seria um... marido! Está claro. Que havia de ele ser senão um marido?!

XII

DOIS EXEMPLOS DE AMOR PATERNAL.

Quinze dias antes, recebera Etelvina a carta de Basílio, à qual me referi no anterior capítulo, carta enfadada das repetidas instâncias com que a inquieta menina o chamava ao Porto. Fora ela escrita, no máximo calor do entusiasmo por Guilhermina, depois que a vira sentada nos penedos de Sintra.

A filha do despachante vergou sob o peso desta segunda calamidade. Henrique andava desacreditando-a à hora em que Basílio a abandonava. Cerrou tanto com ela o desgosto que caiu doente, e da cama escreveu a Henrique a humilde carta já mencionada.

Observei que o cavalheiro bragantino fugia de encontrar-se comigo, desde o dia em que eu soube, por denúncia de Ervedosa, que ele recebera de Etelvina uma carta e ficara comovido a ponto de chorar com remorsos de a ter apregoado, em botequins e praças, a mais sórdida, baixa, e mercantil das donzelas portuenses. Eu é que digo *donzelas*: ele não dizia tal. Ponho em escritura somente a mais suave das arguições, os epítetos menos amargos e detratores.

Desconfiei que Henrique me evitava para se furtrar a dar-me explicações, que eu certamente lhe não pedia. Ora, é coisa corrente que um homem, quer seja amante, quer marido, odeia a pessoa que lhe revela os pecados da mulher, o coloca na posição vergonhosa de explicar a razão por que se resigna e perdoa. Este ódio é no maior número dos casos o lucro que tira quem, por compaixão, ou por outro qualquer sentimento honesto e louvável, se intromete na vida

alheia. Tem-se dado exemplos de muitos maridos perdoarem as infidelidades às mulheres e nunca perdoarem aos amigos que lhas anunciaram. O sujo coração humano é assim.

Não me enganei. Constou-me que Henrique andava propalando que eu inventara uma carta de Etelvina a Basílio, para assim me vingar dela, que me rejeitara o galanteio nos bailes da Terpsicore. Deixei ir a calúnia à revelia, estimando muito que ela aproveitasse à pobre moça, e à moral pública.

Manuel José Borges, como visse a desconsoladora carta de Basílio e o quebranto da filha, procurou Henrique Pestana, e, entre lagrimoso e ressentido, responsabilizou o sujeito pela vida da sua Etelvina, tão imerecida e indignamente desacreditada por ele.

O cínico, segundo a voz pública, chorou com o velho, como as cândidas almas dos vinte anos costumam chorar o remorso de uma culpa do coração. Dali saíram ambos, de braço dado, a casa do despachante. A desfalecida menina recobrou alentos, sentou-se no leito, suspirou algumas palavras de perdão, enquanto Henrique lhe osculava os dedos rosados, na presença de D. Bonifácia, que também chorava de enternecida ao ver o fervor com que o mancebo beijava a mão de sua filha, e exclamou soluçante:

– A minha Etelvina é um anjo do céu, senhor Henrique!

– Se é!... – disse ele.

– O que ela tem penado! – tornou D. Bonifácia – Só Deus o sabe!... que ela... coitadinha!... chora, chora, definha-se, e não diz nada!

– Eu fiz o mal, – acudiu Henrique, levando ao coração os dedos flexíveis e nervosos da gentil enferma – eu darei o remédio...

– Está aqui? – perguntou Etelvina, premindo-lhe brandamente o coração.

– Está, minha querida, está! – respondeu Henrique muito comovido.

Saiu o fino amante à sala onde estava Manuel José Borges, e pactuou definitivamente o casamento em dia apazado.

Voltaram ao quarto de Etelvina, onde o jubiloso pai exclamou:

– Está decidido o teu futuro! Antes de quinze dias, filha, serás esposa deste honrado moço, que te merece, e que eu já amo deveras.

O mal feito está remediado. Agora, Etelvina, ergue-te daí. Tens um marido que é uma joia. Eu, cá de mim, se ma pedisse o imperador da Rússia, não ficava mais contente.

Etelvina arquejava de alegria, e rosou-se até às orelhas. Era o pudor, o pudor, leitores, que é a mais jeitosa das máscaras para toda a casta de escarlate, que, sem aquela palavra, não saberíamos dizer o que é.

Passou Henrique ao escritório do despachante, onde a maviosa cena daqueles amores esponsalícios prosseguiu assim:

– Vossa Senhoria, – dizia Manuel José Borges – casa com uma pomba. Não é por ser minha filha, mas eu digo o que diz toda a gente que conhece a minha Etelvina. Enquanto a génio, é meiga e dócil como não sei que haja outra debaixo do sol... É digna de um trono!

– Eu sinto muito não ter um trono para lhe oferecer; mas...

– Tem as suas virtudes – atalhou o despachante, pondo no firmamento os olhos – Estou certo que minha filha achou um marido, que a há de apreciar. – Eu gostei sempre muito do senhor, desde que o vi no baile da Terpsicore. Mal sabe quanto me custou adiar este casamento por causa de vossa senhoria não ter recursos bastantes à sustentação da sua casa... Se o senhor Henrique instasse, dou-lhe a minha palavra que mesmo então lhe daria a pequena, e ficariam em minha casa comendo como eu comesse...

– Obrigado, senhor Borges: eu é que não podia impor-lhe esse ónus. Tenho certos princípios de independência...

– Isso é que é ser honrado, meu amigo! A independência é uma coisa muito bonita! Ora diga-me, a herança, ainda que eu não entro nesta especialidade senão pelo gosto de saber que está bem, sim, dizia eu, se a herança de sua tia...

– A herança de minha tia foram vinte e cinco contos em propriedades de casas, que vendi em Lisboa, porque estavam carecidas de obras, em que eu gastaria os rendimentos de cinco anos. Agora, estou resolvido a pôr o meu dinheiro nalgum banco...

– Banco?! há de perdoar, mas não me parece acertado. O senhor, se quiser, pode fazer que o seu dinheiro lhe renda a quarenta por

cento, ou mais. Eu sei os escaninhos do negócio, senhor Pestana. Tenho sido agente de alguns interesses menos maus, com dinheiro de negociantes que não figuram, mas sabem a quanto monta um pequeno capital bem administrado. O negócio de dinheiro a retalho é o mais lucrativo. Porque não há de o senhor, por segunda pessoa, negociar em empréstimos sobre penhores? Isso digo-lhe eu que é dobrar os pés com a cabeça...

– Usura? não me leva para aí o génio – atalhou Henrique. – O que tenho, legalmente administrado, sobeja-me à decência de minha casa. Não aspiro a dobrar a minha fortuna...

– Valha-o Deus!... mas, se pode dobrá-la, faz-lhe isso algum mal! Que está o senhor aí a falar em legalidades? Pois o meu amigo cuida que alguém hoje enriquece legalmente? Aqui estou eu que sou pobre por amor da lei, e já agora é tarde para tornar ao ponto onde eu dei um pontapé na fortuna. Quantos amigos meus estão no galarim! Para não ir mais longe... olhe o senhor o Enxertado, aquele bruto, que vale quatrocentos contos! Pois três partes da fortuna roubou-as à fazenda nacional! No tempo do cerco meteu no Porto trezentas pipas de vinho sem pagar direitos, e contrabandeia há vinte e cinco anos com felicidade de burro! É um dos cinquenta ladrões mais felizes do Porto!

– Cuidei que o senhor Borges era íntimo amigo do Enxertado – interrompeu Henrique.

– Não, senhor, sou compadre dele; mas, desde que lhe entrei lá no fundo do seu modo de pensar, retirei-me com a minha honra intacta.

– Mas como eu sei que o filho frequentava a sua casa...

– Contra minha vontade. Que havia de eu fazer àquele bruto? Caiu do cavalo aqui na rua, veio cá para casa em braços, apaixonou-se pela minha filha e pediu-ma. Aqui está o que foi. Eu considerei que a pequena, a ter de casar mal, antes com ele que com outro. Disse-lhe que sim; e sabe Deus que lágrimas fiz chorar ao meu pobre anjo! Ela não pensava senão no senhor Henrique; e eu, a dizer-lhe a verdade, cuidava que o senhor estava esquecido de nós. Se alguém teve culpa, fui eu; que a pequena, essa dava um estoiro, se se visse casada com tal alarve, que de mais a mais é um maroto de marca!...

Neste ponto, Henrique Pestana citou o meu humilde nome, a propósito da carta escrita por Etelvina a Basílio. O senhor Borges disse muito mal de mim, chamou-me todos os nomes, que enriquecem o vocabulário do Porto, exceto contrabandista. Com o quê, se separaram satisfeitos, cada qual a tratar dos preparativos para o matrimónio.

No dia seguinte ao destes faustos sucessos, chegou ao Porto Basílio Fernandes Enxertado.

O surpreendido merceeiro, quando viu o filho, deu um pulo de alegria; mas, passado o instante de alvoroço exclamou com aspeto demudado:

– Quem te chamou cá, rapaz?

– Estava farto de esperar pelo título – respondeu Basílio. – Os sujeitos a quem eu levei cartas, são uns tratantes, meu pai. O que eles queriam era apanhar-me p'ras filhas. E, a falar-lhe a verdade, eu, se não tivesse um bocado de miolo nesta cabeça, alguma asneira fazia por lá. Aquilo de mulheres de Lisboa são matreiras que tem diabo! Rapaz, que não tiver lume no olho, embeicha-se, que está perdido! Eu assim que vi com que gente estava, fui-me safando, e não quis mais saber do título. O que eu quero é estar ao pé de meu pai e de minha mãe.

A senhora Bonifácia, que estivera a sofrer as ternas lágrimas, deixou rebentar os diques, e lançou-se nos braços de Basílio, clamando:

– Fizeste bem, filho, fizeste bem! Não tornes a sair da nossa beira!

– E tu vens com mais juízo, Basílio? – perguntou José Fernandes entre grave e meigo.

– Falta-lhe a ele juízo! – acudiu Bonifácia. – Não lhe estejas agora com essas arengas, homem! Deixa-o ir descansar para depois comer alguma coisinha. Parece que o meu coração adivinhava! Olha que temos hoje tripas guisadas, Basílio, o teu petisco de afeição!

– Temos tripas? – disse jubiloso o elegante, – Estimo bem! Lá em Lisboa lembraram-me muito.

– Vens com a barriga cheia de alface, rapaz? – perguntou José Fernandes. – Lá te mandei seis dúzias de salpicões; comeste-os ou não?

– Comeu-os o comendador Raposeira, e mais as filhas!... Cuidava ele e mais elas que eu, por ser cá da província, também era salpicão!... Quási que me iam engolindo!

– Credo! – exclamou a senhora Bonifácia.

– Eu acho que os fidalgotes lá da capital só comem alface, quando não têm salpicões – acrescentou com ares de faceto o especieiro.

– Também me parece – disse o jovem. – Aquilo é tudo casquinha.

– Deus sabe com que linhas cada qual se coze – ajuntou a senhora Bonifácia.

Depois de jantar, como a intumescência das tripas bem avinhadas do velho Porto, conforme o estilo, dessem um tom de satisfação expansiva a José Fernandes, chamou este o filho, e disse-lhe, encostado a uma rima de ceiras de figos:

– Vejo agora que estás outro, Basílio! Estou contente contigo. Se eu soubesse isto, não te deixava estar três meses na capital. Rebentávamos tua mãe e mais eu com saudades de ti, filho! mas o medo de que desses aquela grande cabeçada de casar com a minha afilhada... Valha-te Deus! como te lembraste tu de ir dar àquela rapariga a grande fortuna que tenho andado a arranjar-te! Olha que tu és muito rico, rapaz! Tens quatrocentos contos por minha morte, se a fortuna não desandar. Não há em Portugal menina que tu não arranjes, se quiseses casar. Eu cada vez que me lembrava que a filha do Borges havia de meter a mão na minha burra, sentia-me estoirar cá por dentro!

– Ora, meu pai,... eu casava lá...

Esta interrupção de Basílio saiu tão sobreposse e contrafeita que José Fernandes, e só ele, poderia tomá-la à melhor parte.

– Pois tu não pensavas em casar com ela, Basílio?

– Qual!... – disse sorrindo desdenhosamente o moço.

– Dá cá um abraço, rapaz! Olha que fiz mau juízo da tua cabeça. Então tu, pelos modos, o que querias era passar o tempo com a moça...

– Pois eu que havia de querer?

– Isso lá, sim! Um rapaz não lhe fica mal gostar de uma rapariga, e... como o outro que diz... divertir-se, enquanto não casa... Lá isso

não me importava a mim, nem me importa. Arranja-te lá, Basílio; mas não dê azo a que o compadre ande por aí a dizer na praça que tu lhe casas com a filha, e os meus amigos a virem cá espantados perguntar se tu estás doudo.

Prosseguiu o diálogo até uns termos de muito equívoca moralidade. José Fernandes consentia que seu filho desse casa e mesada à filha do despachante, se tinha paixão por ela. A quantia estipulada e cedida para a desonra de uma família e desmoralização de duas vinha a ser uma verba igual à que o especieiro esmolava para as obras do hospital do Terço e outros asilos de caridade, esmola, que, além do céu rendia ao negociante uma local por mês nos diferentes jornais do Porto, que o denominavam «dispenseiro dos tesouros de Deus, e providência terrestre dos infelizes».

XIII
CHORA O HERÓI.

Na tarde deste mesmo dia, foi Basílio visitar a família do despachante. Quando embocou à rua de Santa Catarina encontrou Ervedosa, que lhe disse:

– Por estes quinze dias, o Henrique Pestana casa com Etelvina.

Enxertado perdeu a cor, e disse:

– Primeiro me há de levar a mim o diabo!

À distância de quarenta passos enxergou Etelvina à janela, e viu-a desaparecer com arremesso.

Entrou no portal, tirou pela campainha três vezes, e à quarta quebrou o arame, sem que ninguém lhe abrisse a porta.

Bateu com os calcanhares até que as portadas gemeram pelas juntas.

Falou D. Custódia perguntando:

– Que brutalidade é esta?

– É Basílio – respondeu o alucinado rapaz.

– Quem procura?

– A senhora mesma.

– Que me quer?

– Quero vê-la.

– Pois eu não tenho vontade nenhuma de o ver ao senhor.

– Faz favor de abrir?

– Não abro: o dono da casa saiu.

– Faz favor de abrir, quando não...

– Quando não quê?...

– Vai dentro a porta.

A última parte desta original disputa foi ouvida pelo despachante, que Basílio não vira entrar no portal.

– Isto que bulha é?! – perguntou Manuel José Borges.

Basílio descobriu-se, e cumprimentou acrescentando:

– A sua família não me abre a porta.

– Lá terá suas razões.

– Não sei quais! Senhor Borges, o senhor faz mal em faltar à sua palavra!

– A minha palavra! O senhor é que faltou.

– Estou ainda aqui, e solteiro.

– Não duvido; mas minha filha já dispôs de si. Vai casar com...

– Já sei; mas ainda é tempo de se desfazer o casamento.

– Isso é lá com ela, e com a mãe. O que eu posso fazer é empregar o poder de pai a fim de que minha filha ouça as razões do senhor Basílio.

– Pois faça-me esse obséquio – disse Basílio, apertando-lhe a mão.

– O que passar com ela – tornou Manuel José Borges com brandura – lho participarei.

– O melhor seria que eu subisse agora, e pode ser que tudo se conseguisse do pé p'ra mão.

– Não, senhor. Vá, que eu cá sondarei o negócio. Minha família está furiosa contra o senhor Basílio; há de ser custoso conseguir que ela não tenha febre, ouvindo pronunciar o nome de vossa senhoria.

Saiu Basílio, com o coração em pedaços.

O despachante foi contar o sucedido no portal. Etelvina, posto que não tivesse febre, cortou a narrativa do pai com interjeições virulentas, e a senhora D. Custódia, de vez em quando, murmurava:

– Coitado!

– Coitado, quê?! – vociferou a menina, já aborrecida dos apartes da mãe condóida.

– Enfim, menina, lá que o homem te quer bem, disso ninguém pode duvidar – respondeu D. Custódia. – Isto não quer dizer que

cases com ele, e despeças o outro; mas a gente tem coração, e o Basílio sempre me pareceu que tarde ou cedo havia de vir procurar-te. Ama-te desde criancinha; é o que é, filha.

– Não quero ouvir falar do pérfido monstro! – redarguiu Etelvina. – Não quero!...

– Tens razão, menina – atalhou o pai. – O teu casamento está tratado, e ficava-te agora muito mal aos teus créditos deixares o Henrique segunda vez. Que pena que o Basílio não viesse antes de ontem! Ainda vinha a tempo.

– É assim, – afirmou a esposa – é assim, Manuel.

– Não tínhamos ainda dado a nossa palavra, – continuou ele – e então o Henrique ficava bem castigado por te andar a desacreditar pelos cafés.

– Dizes bem, Manuel – tornou D. Custódia. – Se ele vem antes de ontem...

– Ele veio barão? – disse Etelvina com um gesto de menospreço da coisa perguntada.

– Não lhe perguntei – respondeu o pai – e, a falar a verdade, fiz mal, porque lhe dei *senhoria*... Enquanto a mim, veio barão. Quem tem quatrocentos contos de réis é o que quer ser. É uma fortuna colossal! O Henrique, coitado, também tem alguma coisa, e pode viver remediadamente; mas o que vai de trinta a quatrocentos é muito bem dele!... Enfim, já agora não há remédio! Acabou-se!... Tu não gostas dele, e deste a tua palavra ao outro, menina; senão, o casamento era daquela casta! Pois não era, ó Custódia?

– Não me fales nisso, homem, que estou triste como a noite! Se eu via a nossa filha com carruagem, e a dar os seus bailes... Ai! a felicidade é p'ra quem ela quer ir, e não para quem a merece...

– Ora, com que estão aí! – acudiu Etelvina. – que me importa a mim a carruagem? o que eu quero é viver em obscura felicidade com Henrique.

– Pois sim, filha, pensas bem; – replicou D. Custódia – mas cá a minha zanga é ver que as tuas falsas amigas da rua do Souto foram fazer escárnio de mim a casa do Ramos droguista por eu ter dito que

tu havias de ter marido que te desse trem. E olha se te lembras que elas, assim que ouviam dizer lá por fora mal de ti (não posso perdoar àquele Henrique as aleivosias que te assacou!) vinham logo pespegar-to nas bochechas para se consolarem com as nossas aflições!

– Ora! – atalhou Etelvina. – Deixar lá as miseráveis...

A chegada de Henrique Pestana cortou a palestra, que, a demorar-se, muito me engano eu, se ela nos não vinha a denunciar uma nova fase da desmoralização dos ânimos desta família.

Henrique já sabia que Basílio Fernandes chegara de Lisboa, e dissera a Ervedosa que primeiro o levaria o diabo que o casamento se realizasse.

Entalado por esta má nova, entrou ele à presença de Etelvina, que estava pensativa, com a face apoiada na mão, sentada em frente do pai e mãe.

– Que tristeza! – disse Henrique.

– Coisas... – murmurou o pai da menina.

– Trabalhos que não faltam! – ajuntou Custódia.

– Mas que coisas e que trabalhos? – perguntou Henrique.

– Nada, nada, inteiramente nada! – disse Etelvina, erguendo-se de golpe, e sentando-se ao piano a dedilhar nas teclas a escala com febril corrida de mãos.

– Aqui há mistério! – tornou o noivo contratado, – Faz favor, senhor Borges, de me ouvir duas palavras em particular?

– Pois não! Vamos ao escritório.

Ao tempo, que passavam do pátio ao escritório, entrou Basílio Fernandes.

Coriscavam-lhe as pupilas, e ressumava-lhe o sangue nas maçãs do rosto.

Tartamudeou algumas palavras, que a tradição me não transmitiu, em resposta das quais Henrique Pestana o olhou de esguelha, e disse:

– Tenha cuidado consigo, senhor Enxertado!

– Que quer dizer isso? – acudiu Basílio empertigando-se e arqueando os braços com um entono não de todo desajeitado.

Henrique Pestana mediu-o d'alto a baixo, e replicou:

– É uma questão muito séria a nossa, senhor Basílio Fernandes.

– Deixá-la ser, senhor Henrique Pestana! – retorquiu Basílio, insinuando os dedos polegares nas algibeiras do colete de cetim branco matinado com silva de todas as cores possíveis.

– Os senhores são dois cavalheiros! – interveio Manuel José Borges acentuando as palavras como o caso pedia. – Não é de esperar que façam ação indigna vossas senhorias. Queiram entrar no meu escritório, e falaremos com o sossego que se requer nestes negócios.

E, dizendo, abriu a porta, e fez a mesura convidativa para que os hóspedes entrassem: o que eles fizeram, guardando-se reciprocamente as deferências na primazia de quem entraria primeiro.

Mantinhm-se em ridículo silêncio os opositores a Etelvina, quando o despachante, saltando a quatro pés por cima das dificuldades do improviso, rompeu assim:

– O senhor Henrique pediu-me a minha filha, e depois por lá ficou um ano, até que se resolveu a vir casar com ela. Neste entretanto, o senhor Basílio também ma pediu, e foi para Lisboa, e por lá se esqueceu da minha filha. Depois, o senhor Henrique veio cumprir tarde e a más horas a sua palavra; mas eu, que não tenho senão uma cara e uma palavra, dei a minha filha ao primeiro que a pediu, visto que o senhor Basílio faltou à sua.

– Faz favor de não falsificar a verdade! – interrompeu o Enxertado. – Aqui estão as cartas de sua filha! Vou-lhe provar que ela me enganou sempre.

E tirou de uma carteira de coiro inglês, marchetada de prata, um macete de cartas, que atirou sobre a escrevaninha do despachante, dizendo:

– Aí tem! veja! e o senhor Henrique pode ver também! Sempre quero que conheça por fora e por dentro a mulher que leva... É boa joia!...

– O senhor está aí a injuriar a minha filha! – disse, erguendo-se impetuoso, Manuel Borges, com os punhos cerrados sobre a banca.

– Qual injuriar! – tornou Basílio. – A verdade está aqui nestes papéis! Hão de ler-se. Leia-os, senhor Pestana.

Ora, o senhor Pestana estava passado do que ouvia, e não desprezava os olhos do macete das cartas. Para ele era de toda a evidência, que eu caluniara, por despeito de amador repellido, Etelvina, inventando cartas escritas a Basílio para Lisboa. Agora, estava ali a terrível prova justificando a minha párvoa franqueza de intrometido em negócios de coração alheio.

A situação do despachante não era mais tranquila. Pouco antes conversando com Henrique, tinha ele rebaixado o carácter de Basílio, dando como certa a desgraça, e, além da desgraça, o arrebatamento de Etelvina, se ela, por mera obediência filial, se visse casada com o paparreta do Enxertado.

Nesta colisão, Basílio lançou mão das cartas, desdeu o laço de fitinha verde que as cintava, e espalhou-as sobre a mesa, exclamando:

– Vejam isso! Olhem se conhecem a letra da senhora D. Etelvina!

E, como nenhum dos dois tocasse nas cartas, lançou ele mão de uma à ventura, abriu-a, chegou-a aos olhos de Henrique, e disse:

– Faz favor de ler!

Quis o acaso que fosse aquela justamente a carta, que eu lera em Lisboa, e começava:

«A tua riqueza não me seduz, Basílio. Para mim valerias mais sem fortuna nem título... *et coetera.*»

– Não faça caso disso, senhor Henrique! – exclamava o despachante. – Isso é talvez uma carta de amizade, e mais nada. Bem sabe que a minha Etelvina é da criação do senhor Basílio, e então não admira que ficassem sempre a corresponder-se; e, de mais a mais, como ele ma pediu, e eu teimava com ela para lhe escrever, a pobre menina, contra vontade, disse p'raí essas coisas, que não valem um caracol.

Bem se vê quão atrapalhado estava este honesto pai de família! O nobre desprendimento da sua índole aconselhava-o¹³ que os mandasse ambos à fava; mas o afazer-se ele à ideia de casar a filha com

um dos dois, sobre molestar-lhe grandemente aquele natural, que o leitor tem de sobra admirado, punha-o na penosa obrigação de não despedi-los ambos para ficar com algum.

Neste enleio, que todos os bons pais de meninas pobres devem perdoar a Manuel José Borges, se contorcia ele internamente, enquanto Henrique lia a carta. Basílio procurava alguma outra mais significativa, quando Etelvina prorrompeu de súbito no escritório, por uma porta de comunicação interior, cruzou os braços, e fitou Basílio.

O filho de José Fernandes Enxertado levantou as mãos de sobre os papéis; Henrique fez um passo atrás, e deixou cair o braço; Manuel José Borges saiu d'entre a escrevaninha e a cadeira, foi direito à filha, e disse-lhe:

– Não te aflijas com as trampolinices do teu amigo de infância! Olha que amigo!...

Etelvina deu um salto à mesa, abriu as mãos, recurvou os dedos, arrebanhou as cartas, machucou-as em duas bolas, e meteu-as às algibeiras do avental de seda verde-gaio.

Depois, voltando-se a Basílio, exclamou:

– É um carácter vil, o senhor! Eu podia também mostrar as suas cartas, se as tivesse guardado; mas... o destino que elas tiveram... foi... entrarem donde saíram...

Estas palavras, aliás eufónicas, escondem um pensamento de mui duvidosa limpeza, e uma comparação que Basílio não farejou, posto ser ela de natureza a incomodar-lhe o faro. Seja o que for há muito espírito neste rasgo de Etelvina, embora digam que a substância da ideia é a menos espiritual deste mundo. Basílio Fernandes ficou mais bruto que o seu ordinário. Henrique Pestana não sabia qual expediente lhe ia melhor em tal conjuntura. Tinha ele ainda na mão a carta, quando Etelvina, arrancando-lha, bradou:

– Se este sucesso te dispõe contra mim, Henrique, manda-me as minhas cartas, que as tuas posso restituir-tas; essas conservei-as sempre, e tenho-as prezado, e copiadas no coração!

Disse; e safou-se, de cabeça alta, e adoravelmente furiosa.

Basílio era a imagem da estupidez; mas estupidez silenciosa, que é uma espécie de estupidez, que o leitor raríssimas vezes terá encontrado. Estava com a boca escancarada, como se o coração em pulos lhe quisesse fugir por ela.

Henrique enclavinhara as mãos sobre o estômago, e olhava para elas.

Manuel José Borges, passeando de parede a parede, bracejava, puxava pelas suíças, e murmurava:

– O que vai em minha casa!... que desgraça! que chuva de infelicidades sobre uma família honesta!...

De súbito, Basílio encara em Henrique, e brada:

– Então o senhor está resolvido a casar com a senhora D. Etelvina?

Pestana olhou de lado o interrogador, e disse:

– A que vem essa pergunta?... Eu não dou explicações da minha vida ao senhor Basílio.

– Muito bem! – replicou o filho de Bonifácia, batendo uma rija pancada sobre a mesa com a copa do chapéu. – Muito bem! o senhor há de saber o que é um homem, ou eu não hei de ser filho de meu pai.

– O senhor parece-me tolo! – retorquiu Henrique.

Palavras não eram ditas, Basílio atirou ao chão o chapéu amassado da rija pancada, abriu os braços, e correu para o rival, com o programa homicida de o escorchar entre os músculos retesados pela ira.

Manuel José Borges, que a fortuna de Henrique interpusera aos dois, lançou-se ao robusto filho de José Fernandes, e pôde retê-lo, não com a força, mas com as suas veneráveis câs.

O moço espumava de raiva, articulando epítetos de baixa companhia, contra os quais Henrique opunha um certo ar impassível, que não parecia medo, mas era realmente medo.

Etelvina, que andava escada abaixo e acima espreitando, entrou no escritório, quando Basílio se debatia nos braços do velho.

O que ela praticou neste lance, se não foi novo, merece ser contado nesta época em que todos os conflitos desta ordem se passam a portas fechadas com um aborrecido ar de domesticidade, e ficam ignorados sob o título de «segredos de família».

Aproximou-se Etelvina do pai, que estava a suar, e disse-lhe:

– Meu pai, largue esse furioso, que eu quero ver o que ele é capaz de fazer.

– Veja lá o que faz, senhor Basílio! – disse o despachante, largando-o.

Ó milagre de amor!

Basílio Fernandes Enxertado, abandonado às suas fúrias, levantou o chapéu do chão, arquejou alguns segundos, olhou em redor de si, sentou-se numa cadeira, e levou as mãos aos olhos, que se debulhavam em copiosas lágrimas.

E os outros três contemplavam-no silenciosos.

Passados dois minutos, ergueu-se o aflito moço, e disse:

– Adeus para sempre!

E saiu, relanceando os olhos torvos sobre o rosto de Etelvina, que, inclinado ao seio, parecia dobrar-se ao peso do desgosto, ou esconder-se ao pejo de semelhantes cenas.

Henrique Pestana, vendo-a assim quebrantada, perguntou:

– Porque estás assim sofrendo, Etelvina? Dar-se-á caso que te fiquem remorsos de o não teres, segunda vez, atendido?

Ia nas palavras *segunda vez* um agro de censura, que molestou o paladar melindroso da menina.

Voltou-se ela com soberano aprumo, e respondeu:

– Veja lá!... está ainda em tempo de retirar a sua palavra.

– Etelvina! cala-me essa boca! – disse com azedume o despachante.

– Deixe-a falar – atalhou Henrique. – Ela sabe que pode esmagar impunemente os corações que a amam. Eu tudo lhe perdoo, porque sei compreender tudo quanto há horrível, menos a desgraça de a perder.

Etelvina estendeu-lhe a mão, e disse:

– Sejamos felizes, Henrique!

Henrique apertou-lhe a mão, e murmurou:

– Serás feliz, Etelvina!...

– Ora pois! – interveio o despachante alegremente. – Gosto de os ver assim! Isto acabou-se. Casem-se vocês, quanto antes melhor, que depois o outro tira daqui o sentido.

XIV
AMA BASÍLIO UMA *PRIMA-DONNA DI-CARTELLO*
DO REAL TEATRO DE S. JOÃO.

Chegou Basílio a casa, e atirou-se a chorar sobre a cama. Os soluços de Basílio, tirados daquele robusto peito, eram arrancos de quem vomita.

Acudiu a mãe, e logo o pai.

Julgaram-no aflito da barriga, porque ele punha as mãos no peito, e para José Fernandes o espaço que vai do pescoço às pernas era tudo barriga. Louvores a Deus, quando pudermos todos pensar como ele!

– Óleo de amêndoas doces! – exclamava Bonifácia.

– Uma sangria no pé para lhe puxar abaixo os humores! – optava José Fernandes.

Foi chamado um retroseiro, entendido em dores, que morava na porta vizinha. O retroseiro apalpou-o e disse:

– É indigestão. Purguem-no já com óleo de mamona.

E, no entanto, Basílio respondia, soluçando, às perguntas do pai em termos que o velho não entendia, até que a senhora Bonifácia, como bom coração que era de mulher e mãe, explicou tudo com admirável penetração, fundada nestas palavras exclamatórias do filho: «Estoira-me o peito! Antes morrer, que vê-la... nos braços doutro».

Ora, o infeliz velhaco abstinha-se de exclamar coisas daquelas, quando o pai estava presente.

José Fernandes, informado pela judiciosa interpretação da esposa, sentiu guinadas de ir ao quarto, e deslombiar o filho com a rasoira do

milho, que tinha à mão. Porém, o retroseiro, que entrara na confiança, foi contar o caso ao boticário da rua Chã, amigo da família e oráculo nos apertos, o qual, encostado à trípode do almofariz, respondeu com ar sibilino: que, a não querer José Fernandes desancar o filho, o melhor seria não fazer caso dele, e deixá-lo curar pelo tempo.

No dia seguinte, por volta do meio dia, Basílio pediu licença ao pai para ir dar um passeio até ao Senhor Jesus do Monte, a Braga. Nem leve hesitação deteve o consentimento, dado com a maior satisfação. Foi um caixeiro alugar um macho, enquanto a senhora Bonifácia enfardelava duas grossas malas, e José Fernandes encartuchava dinheiro, e escrevia aviso da ordem franca.

Basílio bifurcou-se no macho, e partiu.

Como passasse na rua de Santa Catarina, e defronte da casa de Etelvina, a tempo que ela chegava à janela, apertou-se-lhe o coração, e cuspiu duas lágrimas ardentes às orelhas do macho; mas a dignidade reagiu, e as esporas, obedecendo à dignidade, cravejaram-se nos ilhais da cavalgadura, que despediu dois pares de coices.

Etelvina tomou isto como propósito e insulto. Voltou-se para dentro, e disse à mãe:

– Ora, não quer ver o javardo que me vem cá dar coices na sombra!?

A senhora Custódia correu à janela, e, cuidando que alcançava o cavaleiro com a injúria, gritou:

– Fora c'ò mariola!

Chegou Basílio à Ponte da Pedra, primeira estalagem que se encontra no caminho do Porto a Braga.

Eram duas horas da tarde.

A estrada e rossio fronteiros à celebrada estalagem estavam cobertos de carruagens, e as janelinhas adornadas de senhoras, e grupos de outras damas, e dos mais específicos galãs do Porto andavam por debaixo dos soveiros, pela ponte, pelas margens do Leça, e sob as ramadas e caramanchéis do jardim.

Muitas vezes simultaneamente proferiram o nome de Basílio, quando ele e o macho assomaram ao cimo do ladeirante pinhal que

ali formava a estrada. Eram melodiosíssimas vozes de meninas, que fingiam zombar do filho de José Fernandes, quando estavam juntas, e encaravam seriamente nele nos teatros e nos salões.

Basílio apeou na ideia de jantar, e viu sentado à sombra de uma carvalheira o jornalista Ervedosa, que o estava chamando a grandes brados, e acenando-lhe com uma folha de papel almaço.

– O senhor vem ao *pick-nick*? – perguntou Ervedosa.

– Não; vou para Braga.

– Que vai fazer a Braga?

– Eu sei cá! Vou... à ventura! – disse Basílio, sentando-se ao lado do literato, e expedindo um enorme suspiro.

– Que tem o meu amigo? – tornou Ervedosa. – Querem ver que o senhor vai fugindo à ingrata Etelvina...

– Não diga *ingrata* – acudiu Basílio. – aquilo é mais que ingrata; é uma mulher sem honra nem vergonha!

– Realiza-se o que eu lhe disse, e o senhor não acreditava. Casa com o Henrique?

– É verdade... Deu-me um pontapé no coração! matou-me, aquela mulher!... Se você a visse furiosa, como eu a vi ontem!

– O pelo do mesmo cão, amigo Basílio... Outra mulher, outros amores, vinte mulheres, todas as mulheres do globo, já, e sem perda de tempo! O senhor está aqui está esquecido desse monstro. Nem você sai já daqui hoje. Estão aqui dez mulheres, pelo menos dez das mais galantes do Porto. Ame uma, ou ame-as todas. Que vai fazer a Braga? Aqui é que está o bálsamo. Temos logo um jantar dado à prima-donna Dabedeille. Está o senhor convidado em nome da direção, cujo membro eu sou. Vai ver o que é entusiasmo, e entusiasmar-se connosco. Os caixões do vinho já vieram adiante, e não tarda aí um carroção com o jantar. Eu estou aqui escrevendo sonetos, quatro sonetos à Dabedeille, quatro improvisos em que medito há quinze dias. Está dito! palavra de honra! você janta connosco, e apaixona-se por todas estas mulheres!... Ó Basílio! quer você uma coisa? faça a corte à Dabedeille. Gosta dela?

– Bom estou eu p'ra essas empresas! – disse Basílio, arrancando segundo e mais grosso suspiro. – Tenho o diabo cá dentro, senhor Ervedosa! Não há mulher nenhuma que me faça esquecer Eteelvina!

– Pois experimente, e verá. Aturda-se, Basílio! Embriague-se, delire, ame a torto e a direito, embruteça-se nas delícias fáceis desta alegre corrupção em que não é preciso gastar a alma, e você verá que fica bom. Todo homem de juízo, que se vê na posição em que está o senhor, perde o siso por três meses, faz toda a casta de asneira, e joga uma partida com o diabo.

Acabava Ervedosa de ingranzar muito mais longa exposição de inépcias, quando a prima-donna Dabedeille, com algumas damas, e luzido séquito de cavalheiros desembocou do caminho, que os trazia de visitarem o mosteiro de Leça do Balio.

Ergueu-se Ervedosa, metendo à algibeira os sonetos, e foi cumprimentar a cantora, levando pelo braço Basílio Enxertado, que se deixou ir à força.

Seguiu-se ao cumprimento a apresentação.

Dabedeille já conhecia de vista o filho do afamado ricoço, e sabia que uma corista, amada por ele quinze dias, recebera do generoso moço uma pulseira de valor mais que fabuloso, na história das liberalidades com coristas.

Basílio era falado nos camarins, e Dabedeille era uma simpática italiana que entrara no Porto com o coração já dessangrado das tolas quimeras do amor puro, da ternura *gratis*, e de outras inocências que são milagres nos camarins. Isto vai escrito sem desaire da memorável prima-donna, que a esta hora deve estar muito acabada, e muito reformada em inclinações. O certo é que ela amou todos os Basílios do Porto, que, naquele tempo, se acotovelavam em competência, à roda dela.

Recebeu ela, por isso, com mui gracioso semblante o apresentado, e mais ainda a notícia de que o elegante moço naquela hora se inscrevia no número dos seus admiradores ativos, dando Ervedosa a supor que os admiradores inativos, entre os quais Basílio

estivera, eram aqueles que nem quebraram as mãos vitoriando-a, nem flagelavam os joanetes pateando a rival da Dabedeille, que era a Belloni.

A prima-donna revelou vivo desejo de que Basílio fosse convidado para jantar. Acudiu Ervedosa dando-se como feliz por lhe ter adivinhado o desejo, e ter-se ele honrado a si convidando um dos futuros e mais donosos paladinos da exímia cantora. Este *exímia*, adjetivado¹⁴ a Dabedeille, frisa tanto nela como os *exímios* copiosos de José Passos aos patriotas do tempo, cujas barrigas, com o andar de quinze anos, engoliram a pátria, e deixaram o adjetivo a algum raro sandeu, que se julga Codro ou Cévola porque a pobreza lhe dá merecimentos de vítima.

Dabedeille não cantava ária, que valesse a menor das compoteiras de ginja, que abundaram no mais lauto jantar que ainda viram os pinheiros seculares da Ponte de Pedra.

Às três horas e meia começou o jantar na sala grande da estalagem.

À mesma hora apeava eu no alpendre da mesma estalagem, com o meu amigo ***.

Levara-nos ali a malévola curiosidade de analisarmos a pregoada e estrondosa ovação à cantora, contra a qual militávamos nas raras fileiras da Belloni.

Tinha Belloni, a mimosa cantora, mui poucos sequazes: era uma nobre alma, uma completa senhora, uma esposa exemplar. Assim se motiva a pouquidade dos seus admiradores.

Subimos para um quarto, donde se avistava a sala do banquete. Vi Basílio sentado à mão direita de *mademoiselle* Dabedeille, cuja cabeça, ramalhando fitas de vários tamanhos e cores, cintilando vidrilhos, pingentes, e muitas outras coruscantes trapalhices, pendia morbidamente para o lado do vizinho, que, na minha opinião e do meu amigo ***, lhe estava falando do estado do seu coração.

Dei-me ao desenfado pueril de observar a cara de Basílio consoante o jantar se ia adiantando. Quando entraram as travessas dos perus, já o amador de Etelevina estava vermelho, e gesticulava

vigorosamente, em colóquio, ao parecer, muito íntimo com a primadonna. Trocavam-se eles entre si as saúdes tão frequentes, e com uns trejeitos de tão misteriosa inteligência, que pareciam unicamente viver para beberem, e amarem-se.

Quando entraram as sobremesas, a cara de Basílio era um incêndio de vinho sobreexcitado pelo do amor, se é acerto chamar-se amor o quer que é que enrubesce os tecidos da cara.

Eu estava a rir-me o mais inofensivamente que pode rir-se um indulgente contemplador do lodo, denominado homem em história natural.

Basílio viu-me rir, e fitou-me com rosto não propício; ergueu-se, e veio direito à janela, que dava sobre um pátio, e defrontava com a janela donde eu estava espreitando o festim.

Enxertado nunca se esquecera dos favores que lhe fiz no outeiro de Santa Clara, embora se lhe seguissem funestos resultados. Em toda a parte se mostrara meu admirador, respeitador, direi até amigo. Ouvia-me com tal qual seriedade, e consentia que em algumas vezes duvidasse da boa organização da sua cabeça, aliás espaçosa para um luxo de funções intelectuais.

Se eu não desse logo desconto às muitas libações em que o vira arriscar o seu ânimo regularmente quieto, devera espantar-me da insolência com que ele saiu à janela, trejeitando carantonhas minazes, e levando as mãos às orelhas com ar de quem formava programa de me arrancar as minhas.

O meu amigo, que tinha grande nojo de Basílio, e, como costuma dizer-se, o fígado ao pé da boca, tomou a ameaça como com ele, e apostrofou-o com uma roda de epítetos, alguns dos quais, *bêbado* por exemplo, não era de todo descabido¹⁵. Quis conter a acrimónia de ***; mas era tarde para obviar os desastres provenientes.

Alguns convivas, abrasados da comum electricidade que as garrafas haviam descarregado, cresceram por trás de Basílio, e, como era de ver, consubstanciaram-se com ele, vociferando petulantes chacotas, que muito estomagaram a nossa lealdade a Belloni, visto que as chufas refletiam na cantora.

O meu amigo tomou de sobre a nossa modesta mesa de jantar um copo cheio de inocente verdasco, e exigiu que eu o imitasse.

Enchi o meu copo, e segui-o. Descemos umas escadas e subimos outras.

Estávamos na sala do opíparo jantar. As damas já tomavam café; os cavalheiros fumavam, e bebiam ainda, com grande estampido de *hourras*, à saúde de Dabedeille.

O meu companheiro entrou na sala, de copo em punho, e brindou Belloni com uma saúde! Não ousavam crer o que ouviam os pávidos campeadores da prima-donna, e pediram a repetição do brinde. Dei um passo à vanguarda do meu amigo, cuja voz era débil, e vozei, quanto os pulmões mo permitiram, uma saúde à insigne cantora Clara Belloni.

De súbito, irromperam da mesa algumas peças de louça, impelidas por mãos não mais certeiras que o uso das cabeças escandecidas, e logo correram sobre nós os mais covardes dos trinta cavalheiros, que tantos eram os convivas. O meu amigo estava ferido na cabeça, e eu em risco de ser espostejado pelas facas, que momentos antes haviam provado o fio no lombo de boi. Valeu-me o meu anjo da guarda, que, em apertos análogos, é a coragem de morrer, e mais nada.

Basílio Fernandes (honra e louvor ao jovem!) quando me assim viu sobranceado por tantas facas e alguns garfos, correu para o meu lado, estendeu os braços sobre a minha cabeça, e disse:

– Alto lá, que isto tudo é borracheira!

Calou a voz no ânimo dos agressores, que fizeram pé atrás, e foram acudir às damas, que expediam clamorosos gemidos e guinchos.

Travou-me do braço Basílio, e levou-me a um quarto, onde se abraçou comigo, chorando, e clamando:

– Você desculpe eu ir à janela fazer aqueles gatimanhos!

– Está desculpado, senhor Basílio.

– A Dabedeille foi que me meteu naquilo. Ela tem-lhe raiva a você; e eu, vou confessar-lhe o meu pecado, estou a gostar muito da mulher!

– Ah! está?

– Estou caído! palavra de honra! Só ela é que pode fazer-me esquecer Etelvina... aquela...

E rebentou numa trovoada tal de epítetos contra a noiva de Henrique Pestana como eu não sei que haja mulher a quem possam caber tantos.

Quis reprimi-lo; mas não tive força para abaixar a válvula daquele vinho, que lhe espirrava do coração ultrajado.

Saí da Ponte de Pedra com o meu companheiro lanhado no crânio; fui nessa noite ao teatro onde cantava Belloni, e lá vi Basílio pateando-a com frenesi.

Quinze dias volvidos, disseram-me que o filho de José Fernandes Enxertado era o amante exclusivo da cantora, e lhe remontara a casa de estofos e tapetes que seriam digno adorno de uma princesa.

O amante exclusivo?...

Nunca pude acreditá-lo.

A natureza peculiar das cantoras não estava agora a sair da sua órbita regular em obséquio a Basílio Fernandes Enxertado.

E, senão, vamos ver.

XV
QUE ENTRUDO ELE TEVE!...

Convém saber que José Fernandes, ouvindo parar à porta o macho, exclamou:

– Aí está o Basílio, mulher!

A senhora Bonifácia, que já estava na cama, enfiou o saiote amarelo pela cabeça, e foi à janela, a tempo que o filho batia à porta.

– É ele, é, Josèzinho – disse ela ameigando a voz, com receio de que o marido saltasse fora da cama. – Não te levantes que eu vou saber se lhe sucedeu alguma na estrada. Sair-lhe-iam ladrões?!

– Deixa-me lá ir... eu vou saber o que é – replicou José Fernandes ajeitando os tamancos com as mãos para os calçar ao descer do leito. – Eu vou lá... Não sei... mas esta noite há de aqui haver mosquitos por cordas... Chegou-lhe a sua hora ao patife!

– Ó Josèzinho, vê lá o que fazes... O menino que veio é porque teve razão de maior...¹⁶

– Pois sim, sim; eu vou saber porque veio o menino.

Desceu o merceeiro do quarto ao segundo andar, que era o aposento de Basílio.

José Fernandes parou no limiar da porta. Estava Basílio descalçando as botas d'água. Ergueu-se, e disse:

– Sua bênção, meu pai.

– Deus te abençoe – respondeu com carrancuda placidez o velho.

– Que vem a ser isto? porque desandaste, Basílio?!

– Porque já não preciso ir distrair-me, meu pai. Estou distraído, estou curado da maluqueira. Consinta que seu filho lhe dê um abraço.

– Alto lá! – atalhou José Fernandes, repelindo o abraço. – Não te entendo. Põe-me lá isso em miúdos.

– Meu pai, – tornou o moço – eu ia para Braga para esquecer a sua afilhada; no caminho encontrei a satisfação e o prazer; esqueci-a, e tenho-lhe agora raiva. Escuso de sair de minha casa para ter juízo. Aqui está o que foi.

Abriu um brando riso o rosto do especieiro, e logo lhe saltaram no íntimo estas festivas palavras:

– Se assim é, rapaz, tens de mim o que quiseres. Dá cá o abraço! Queres cear?

– Não, senhor. Jantei na Ponte de Pedra em companhia de muitas famílias grandes, que me trataram com toda a cortesia. Se o pai dá licença, vou vestir-me para ir ao teatro...

– Pois vai; mas não fiques por lá até à madrugada, que hás de estar fatigado.

– Aqui está a ordem, e as cem libras que me deu.

– Deixa lá estar as cem libras para as tuas despesas. Basílio, se tiveres juízo, podes viver como um príncipe.

– Esteja sossegado, meu pai, que, por causa da Etelevina, não torna vossemecê a ter o menor desgosto.

José Fernandes foi levar a boa nova à senhora Bonifácia, que ficara no topo da escada ouvindo o diálogo.

Basílio foi ao teatro, como se disse no anterior capítulo, jurar as bandeiras *dabedeillistas*, pateando a quatro pés a pálida Belloni, que saiu do palco, naquela noite, coberta de lágrimas, deitou-se febril, e ergueu-se volvido um mês, para ir morrer na Corunha.

Deixemos em paz e esquecimento quem morreu, e vamos na triilha do rasto luminoso que deixam os vivos, os vivos afortunados, como este meu herói, cuja vida há de ser sempre um éden, embora, uma vez por outra, se pique nos espinhos das rosas, com que a estúpida fortuna lhe amacia a cama.

Basílio era, pois, o amante dileto da prima-donna. Rapazes da melhor roda, bem apelidados, senhores solarengos, e conquistadores irresistíveis não lhes sofria o ânimo verem-se pospostos e sacrificados ao filho do tendeiro de S. Bento. Quando o ensejo caía a ponto, chasqueavam-no, a ver se ele, provocado, fazia jus a uma coça monumental; mas Basílio, tão embebido andava em sua felicidade, que nem dava tento dos remoques nem se temia dos rivais. Ervedosa, um dos raros convivas das suas ceias em casa da atriz, recomendava-lhe que se acautelasse de alguma emboscada; e ele, sem mais defesa que uns certos assomos de intrepidez anexos ao coração soberbo da posse de uma mulher desejada dos outros, ia de frente erguida contra todos os vultos suspeitos.

E o caso é que os donosos senhores de solares tomaram-lhe medo, e deixaram-no gozar-se desassombradamente da fácil vitória.

Fácil, santo Deus!

Perguntassem a José Fernandes se era fácil a vitória!... Com o rosto alegre, e o ânimo torturado, o velho dava ao filho as quantias avultadas, que ele pedia. Bonifácia, ouvindo as lástimas do marido, dizia-lhe:

– Ó homem! Tu estás a dar assim dinheiro ao menino sem peso nem medida!...

– Deixá-lo gastar... Antes isso, que vê-lo casado com a rapariga.

– Mas não vês que o nosso filho, assim neste andar, há de perder a alma! Metido com gentes das comédias! Aquilo dizem que são umas bichas de sangrar, homem!

– Deixa-o, mulher... A Etelvina casa por estes dias, depois, eu lhe levantarei a cesta. O que eu quero é que ele esteja entretido enquanto ela não casa.

Ótimo.

Basílio Fernandes Enxertado combinara com Dabedeille encontrarem-se no teatro de S. João, no baile carnavalesco de domingo gordo, e irem dali cear salame à Águia d'Ouro.

O literato era da súcia, indigno realmente da confiança, porquanto, em uma roda dos motejadores de Basílio, revelou ele a cor

e feitio dos dominós do seu amigo e da Dabedeille. Os morgados provincianos deram-se pressa em arranjar dominós idênticos, com algum plano que vamos conhecer pelos repreensíveis resultados.

A Dabedeille entrou no pórtico de S. João, e viu acercar-se dela um dominó, que lhe deu o braço. Aceitou-o sem hesitação: não podia deixar de ser Basílio.

Meia hora depois, Basílio, estando no salão a observar os dominós que entravam, viu um que não podia ser senão Dabedeille: deu-lhe o braço também.

Os dois primeiros saíram logo, e entraram numa carruagem. Dabedeille, ao entrar na carruagem, episódio estranho ao programa dos brinquedos daquela noite, perguntou:

– Onde vamos?

O condutor entrou sem lhe responder, e a carruagem partiu a todo galope pela rua de Entreparedes, com destino a Campanhã, fora de portas.

Basílio, tirado com força pelo braço da suposta Dabedeille, também depois perguntava:

– Onde vamos?

E o dominó respondia-lhe em falsete:

– É um capricho! Segue-me, *mio caro!*

E entraram noutra carruagem, que tomou o destino da primeira.

Eram seis as carruagens paradas diante do portão de uma quinta de Campanhã.

Basílio, durante a velocíssima corrida, fez algumas perguntas ao dominó, tais como:

– Onde me levas tu? Que mania foi esta?

O dominó fingia não ouvi-lo, e natural seria não ouvir, sendo tamanho o estridor da locomotiva sobre as pedras descalçadas do caminho.

Dabedeille, a genuína Dabedeille, quando viu o rosto do apócrifo Basílio, e reconheceu o seu primeiro amante no Porto, deu um grito, grito de mero espanto, que não se repetiu, nem as carícias do traidor davam lugar a gritos. Aquele espírito sublime compreendeu logo que

a sua dignidade não podia sair suja de tal perfídia, nem a história por tal feito lhe poderia inquirar a reputação, como, na ruim opinião de alguns, acontece com Lucrecia.

Da carruagem passou a tranquila cantora a uma sala, onde estava posta uma ceia de carnes frias e variados vinhos. Eram oito os convivas, rapazes das províncias do norte, já conhecidos da dama, e uns menos felizes que os outros na solicitação de seus impuros amores. Receberam-na com urbanidade, dando-lhe na mesa o primeiro lugar, e, trovejando um *viva à cantora exímia*, que teve o pasmoso sangue frio de responder com *Champagne* ao brinde.

E falam das mulheres fortes da Bíblia!

Mulher forte era aquela! Nenhuma força houve nem há aí que exceda a força que pode dar a robusta filosofia de uma prima-donna, como era aquela, e como todas deviam ser para valerem o que as empresas lhes dão!

Mas, o coração como o teria ela lá por dentro? Tinha-o como a cara cá por fora: tranquilo, quieto, alegre, bem, naquela atmosfera de rapazes, de bons ditos, de ótimos costumes, porque, em bom português, péssimos costumes é aquilo a que não estamos acostumados, e por isso nos molesta. A italiana pensava então à portuguesa em matéria de costumes. Os alentos desafogavam-se-lhe da compressão em que os tinha, há dois meses, o ciúme de Basílio. É verdade que ela vendia caríssima a sua liberdade; mas contra a ignóbil escravidão da alma reagia o hábito, o instinto, o coração. Um quarto de hora depois, Dabedeille relanceava um olhar de reconhecimento ao raptor, que a salvara de ir ceiar estupidamente salame *vis-à-vis* de Basílio Fernandes Enxertado.

– Como há de ser isto? – exclamava ela.

– Isto quê? – perguntava um morgado de Penafiel.

– O pobre Basílio que me está esperando!... – disse a atriz ajeitando piedosamente as feições com a mais sarcástica momice.

Ouviu-se um rodar de carruagem.

– É ele! – disseram todos.

– Ele quem? – perguntou Dabedeille.

– O primeiro personagem da comédia! – disse um.

E cobriram todos o rosto com as máscaras.

A prima-donna perguntou se devia mascarar-se. Disseram-lhe que não.

Entrou Basílio com o outro dominó, e deu logo de rosto em Dabedeille que estava à cabeceira da mesa, descarnando, à mão, a perna de um pombo.

– Ah! – exclamou Basílio, recuando.

A cantora abriu os seus belos olhos, e reconheceu o dominó, e a exclamação.

Neste momento, o primeiro amante, que estava ao seu lado, inclinou-lhe a face sobre a espádua, e disse-lhe:

– Linda, pede ao filho do tendeiro que nos diga qual daqueles dois queijos flamengos é o melhor para a sobremesa.

Basílio arrancou a máscara do rosto, e correu de punhos fechados contra a italiana.

A mulher, que fingira Dabedeille no corpo, e na voz, susteve-o pelo dominó, e disse-lhe:

– Não te botes a perder, Basiliozinho!

E ele, vertiginoso como as fúrias, lançou-se ao rosto da mulher, que o retinha, arrancou-lhe a máscara, e reconheceu a corista a quem dera a pulseira.

Dabedeille esteve em dúvida se devia erguer-se com ímpeto, e exclamar alguma coisa.

Mas, como quer que visse que toda a exclamação vinha ridícula e fora de tempo, deixou-se estar, de olhos abatidos sobre a perna do borracho meio esbrugada.

Um morgado do Marco de Canavezes aproximou-se solenemente de Basílio, e disse-lhe:

– Escolha um daqueles queijos, sôr Basílio Fernandes Enxertado.

O moço respondeu sisudamente uma frase completa, um eufemismo muito em uso, mas que não pode ser trasladado num livro que tem sua moral, e faz pontaria a moralizar a espécie dos seus leitores.

Este conflito não podia durar muito, e vai acabar, de modo que a simpatia do leitor se decida a favor do meu herói.

Basílio deu um salto, mesmo um salto do tigre, ao pescoço da atriz.

Então se ergueram os oito membrudos provincianos; repartiram entre si o encargo difícil de reter os ímpetos do pujante moço, e lançaram-o fora da porta.

A cantora, tateando o pescoço, perguntou aos seus velhos amigos, que voltavam de expulsar Basílio a empurrões:

– Olhem se ele me fez alguma arranhadura no pescoço?

A ceia terminou às duas horas da manhã. Quando os dez domínios entraram no teatro de S. João, sentiu-se uma reanimação, um alarido, uma trovada de espírito, que convergiu a curiosidade de toda a gente sobre os máscaras recém-chegados.

A prima-donna principalmente estava divina de graça e requebros.

Como esquecida do que devia à sua honestidade, polkou no salão entre as mulheres de virtude equívoca, e fez passos maravilhosos, trejeitando o mais senhoril *cancan*, aplicado à polka, e conforme à decência da localidade, e das famílias assistentes.

Basílio Enxertado, àquela hora, tinha a testa envolta em panos d'água sedativa de Raspail.

Que entrudo teve o pobre moço!

Se ele não tivesse muito dinheiro, havíamos de chamar-lhe aqui infeliz!

Qual infeliz!...

Homens assim nunca foram infelizes.

O acontecimento de Campanhã chegou, relatado pelos jornais, em termos meio-velados, ao conhecimento do boticário da rua Chã. Era ainda o localista Ervedosa que divulgava a notícia do escândalo, na mente de castigar a perversidade das primas-donnas, propiciando aos leitores do seu jornal pábulo à gargalhada. O jornal vitima assim os seus sacerdotes.

O boticário averiguou e esclareceu os pontos escuros da notícia, cuja leitura, com largos comentários, foi fazer a José Fernandes Enxertado.

O especieiro afligiu-se, e Bonifácia chorou.

No entanto, Basílio oferecia sintomas de cataclismo cerebral. Diz ele agora que não era tanto a agonia da afronta recebida que o penalizava, como o pesar de ser ridículo aos olhos de Etelvina, cuja imagem, mais formosa ainda no calor da cólera, o perseguia sempre nos falsos deleites com que buscava atordoar-se.

Foi três vezes sangrado, e mergulhado em banhos sedativos, que lhe deram tom, e lhe puseram o coração em sofrível harmonia com o intelecto e com o estômago.

Ao entrar no período da convalescença, José Fernandes cuidou em tirá-lo do Porto, visto que Basílio, nos acessos febris, rugira com ternura de tigre o nome da filha do despachante, e ousara abraçar-se no pai chamando-lhe *Etelvina!*

Foi o boticário de opinião que Basílio devia ir passar um ano fora do reino, ou fazer uma longa viagem. Aceitado o alvitre, José Fernandes deu a escolher ao filho o país onde queria passar algum tempo.

O moço, que nunca mais saíra de casa, de envergonhado que ficou, aprovou a ideia, e escolheu Paris.

Feitos os aprestos rapidamente, Basílio foi para Espanha, e de lá embarcou para Saint-Nazaire.

No dia em que ele chegava a Paris, recebiam-se na igreja de Santo Ildefonso D. Etelvina Borges com Henrique Pestana.

Neste mesmo dia, José Fernandes, ao receber a nova, deu dez pintos ao sacristão que lha levou, deu vinte e cinco mil réis de esmola ao Asilo de Mendicidade, quinze mil réis às Entrevadas da Cordoaria, e mandou dizer cinquenta missas de cento e vinte réis pelas almas da capela de Santa Catarina e das Taipas, vinte e cinco missas por cada grupo de almas, correlativas a cada capela.

Afora isto, brindou o boticário com uma barrica de açúcar, dois queixos de cabeça-de-preto, e um alguidar de azeitonas de Sevilha, e uma carta, cuja alegria era um tantinho aguada pelas torturas da gramática, e agonias da ortografia. O boticário foi pessoalmente espremer nos braços o amigo, e recomendar-lhe que não participasse ao filho, por enquanto, o casamento, nem o chamasse para casa.

Henrique Pestana, alguns dias depois, foi para Lisboa com sua mulher.

Eu não sei se mentirei por minha conta em agravo do coração humano, dizendo que estes casados foram ditosos quinze dias.

O leitor não me acredita: não importa. A consciência de romancista salta por cima da confiança pública, e salva-se na crença e no aplauso dos raros espíritos, que se abonam com bem saberem o que é esta vida, a preço de tragarem muito fel de experiência.

Ao décimo dia de noivos, Henrique Pestana interrogou o coração de sua mulher acerca do passado com Basílio Fernandes.

Etelvina teve de corar para responder. Rara mulher há aí que perdoe ou conformadamente tolere perguntas de marido ou amante que a façam corar pelo seu passado.

As respostas, que ela deu, foram concisas, categóricas, e algum tanto irritadas.

As posições eram já outras.

Henrique redarguiu com marital entono. A réplica foi brava. A contrarréplica sarcástica. E a contenda terminou por lágrimas dela, e uma risada de Henrique.

Estava rompida a confiança entre estas duas almas, que poderiam soldar-se, se aquelas lágrimas fossem humildes. Não eram. Os olhos tinham aberto respiradouro a indignação, justa indignação, diremos; que nenhum homem deve explicar o seu fastio com o desaire da mulher, que aceitou culpada, e perdoada.

Desde aquele dia, Etelevina considerou-se uma das mais desgraçadas criaturas, e Henrique Pestana perguntava a si mesmo se não estava doido ou ébrio, quando casou com ela.

As cartas, que Etelevina escrevia a seu pai, eram entregues cavilosamente ao marido pelo criado. Lia ele as lástimas e acusações; rasgava o maior número das cartas, e escrevia ao despachante, pedindo-lhe o favor de espaçar mais a correspondência, visto que sua mulher tinha a seu cargo o governo de uma casa, incompatível com uma palestra epistolar tão ociosa, quanto inconveniente à paz doméstica.

Etelevina vivia sozinha, sem relações, sem o menor quinhão das regalias de Lisboa. Valia-lhe no maior número das horas solitárias, o seu piano, e os livros que trouxera da casa de seu pai.

Havemos de acusá-la de nimiamente inflexível. Há mulheres que parecem ensoberbecer-se com o seu mesmo infortúnio. A docilidade, a humilhação sem desdouro, poderia, nos casos de muitas, revirar a pouco e pouco a sorte. Etelevina era uma das infelizes orgulhosas. À ironia replicava com a ironia; e, na luta, como ela tinha mais estilo que seu marido, um terceiro havia de dar-lhe a ela a palma da vitória, se quisesse ser justiceiro.

O pior era cair ela cada dia mais da estima e até da comiserção do marido.

Algum romance lhe segredara¹⁷ que o ciúme era um emplasto confortativo nos corações asténicos. Lembrou-se a indiscreta

criatura de farpoar o marido, até o enfurecer, com a garrocha do ciúme.

Enganou-se. Sucedeu ser ela uma das raras e infelizes exceções!

O marido soube que um oficial de lanceiros vizinho achava benevolência nos benignos olhos de sua mulher, e conseguira ver-lhe os dentes num sorriso, que, muitas vezes, é um postigo franqueado do coração. Pois não se enfureceu! Encaminhou a usual polémica de jeito, que disparou nesta conclusão:

– Se alguma vez te lembrar ser-me infiel, tem cuidado de escolher homem que te sustente.

A mulher, que tal ouve, e não responde com a infernal energia do crime a olhos de todo o mundo, ou com a sublime virtude do martírio a portas fechadas, está morta ou perdida. Etelvina achou em resposta um bom, mas insuficiente epíteto.

– Miserável! – disse ela.

Como caíra Henrique Pestana, tão depressa, neste enojo de uma mulher por amor de quem sovara aos pés a sua dignidade, desprezando as provas da leviandade, com que depois a flagelava?

Eu penso que, em cada cento dos meus leitores, escassamente haverá dez que não respondam a ponto e de pronto.

Anda a gente a fazer umas perguntas, assim formuladas com um ar de problemas, acerca do coração humano.

Vai-se a ver a coisa na essência, e descobre-se que qualquer lavrador da Penajoia ou Maçãs de D. Maria sabe dizer porque é que Henrique Pestana parecia amar muito Etelvina antes de casado, e porque é, outrossim, que a não amava depois.

O lavrador dirá: «é porque não a amava antes». Torçam e sofismem a argumentação, que o lavrador há de redarguir sempre: «é porque não a amava antes».

Alguém haverá que deseje ver aqui um arrazoado tendente a explicar a fenomenal desfiguração operada, em quinze dias, no espírito de Henrique Pestana. O lavrador já explicou tudo com sete vozes; não obstante, convinha tratar a matéria noutro ponto de vista: saber do que procedia a cegueira de Henrique; que preponderância

teve nele a bruta animalidade; se a alma foi parte naquela fascinação; se a saciedade das sensações... Matéria intratável é esta num livro, que tem sua moral, como já está dito, e nunca me cansarei de o dizer, para sossego dos pais de famílias.

Etelvina conseguiu que alguma das suas cartas mais queixosas chegasse à mão do pai. Manuel José Borges foi a Lisboa, e ficou espantado da magreza e desfiguração da filha.

Henrique Pestana, encontrando de surpresa o sogro em casa, cortejou-o fria e grosseiramente. O velho, que devia ser castigado, sofreu ali uma áspera censura pela má educação que dera a Etelvina.

– O senhor criou-a, como se ela viesse do ventre da mãe fadada para soberana – dizia Henrique. – Estes ares de princesa irada não parecem de uma criatura que nasceu na pobreza. Acha ela que os seus merecimentos obrigam o género humano a estar em permanente lausperene diante de sua excelência!

Etelvina elevou três vezes as espáduas à altura das orelhas, e disse:

– Sempre o mesmo miserável!

– Veja isto! – replicou Henrique. – Aí a tem! Olhe se há marido que consinta atrevimentos desta ordem!...

– Meu pai! – atalhou Etelvina, erguendo-se. – Este homem proibiu-me de lhe escrever, desde que me pôs a tormentos. Praticou a indignidade de se entender com o criado, para me subtrair as cartas, que eu lhe mandava, com a história, dia por dia, do meu martírio. Aqui estou encerrada há cinco meses. Nem à missa vou, porque meu marido parece que se vexa de me acompanhar. Vestidos tenho apenas aqueles que trouxe de minha casa. Nunca fui ao teatro, nem ao Passeio. Nunca recebi uma pessoa nesta casa, nem ouvi outra voz, senão a deste homem, que me está constantemente lançando à cara ter eu tido correspondência com Basílio, o ter-lhe escrito a ele uma carta que era a cópia doutra que escrevi a Basílio. Já lhe disse que assim aconteceu, e ele faz da minha confissão o uso que faria se eu tivesse confessado um crime. Oxalá que eu tivesse amado Basílio! Seria a esta hora uma mulher ditosa. Desgraçado! repeli-o, quando ele me dava a maior justificação do seu amor. Rasguei as cartas dele, e vi-o chorar, e

não tive palavra de amor e perdão que lhe dissesse. Estou sendo atrozmente castigada pelo crime da minha dureza de alma! Por amor de mim, lançou-se o pobre moço nos braços da libertinagem, expatriou-se, e Deus sabe quantas angústias ele está penando lá fora!... Infeliz!...

Henrique soltou uma cascalhada de afrontoso riso, quando Etelevina, embargada pelos soluços, exclamou «infeliz!». Pode ser que o leitor também se risse, ouvindo-a no tom declamativo com que ela, talvez sem querer, e por instinto de grande artista, remedava a entoação enfática de Emília das Neves. O riso do leitor era desculpável; o do marido não; principalmente quando Manuel José Borges estava limpando as lágrimas.

– O senhor de que se ri?! – disse, trémulo de ira, o despachante.

– Rio-me¹⁸ das atitudes teatrais da senhora D. Etelevina. Perdeu-se uma grande trágica!

– E no senhor aproveitou-se um grande tratante! – exclamou Etelevina.

– Isso é verdade! – murmurou o velho.

– Meu pai! – tornou a nervosa senhora, crispando dos lábios e dos olhos umas como faíscas de lume. – Se não quer ver-me morta, ou caída na extrema ignomínia a que pode chegar uma mulher, leve-me para sua casa, que eu prometo alimentar-me com o meu trabalho.

– Pois vem, filha, vem, que não te há de faltar nada.

– Não me oponho, disse Henrique.

– Se quer oponha-se, – atalhou Etelevina – a ver a importância que eu dou à sua oposição.

– Está perdida! – tornou o marido.

– Ainda não! – replicou ela – Apesar das suas diligências, e dos seus empurrões, ainda não caí, ainda não estou perdida, senhor Henrique. Por enquanto, a única vergonha que me faz corar, é ser sua mulher!

Henrique fez-se roxo, e avançou um passo contra ela.

O despachante lançou mão da sua grossa bengala de cana, e exclamou:

– Alto lá, que eu estou aqui!

Henrique Pestana pegou do chapéu, e saiu.

XVII
A MINHA CORRESPONDÊNCIA
COM BASÍLIO FERNANDES ENXERTADO.

«Paris, 10 de maio de 1852.

Amigo e senhor.

Estimo saber que vive contente, e que ainda se lembra daquele ditoso Basílio, que adorava os tachos das freiras de Santa Clara.

Aqui estou há dez meses em França, cheio de saudades do nosso Porto. Meu pai já me disse que posso ir; mas eu, a falar-lhe a verdade, ainda amo aquela ingrata mulher.

Pedi notícias dela a alguns amigos, que me responderam dizendo que é desgraçada.

Digo-lhe sinceramente que não vou para Portugal porque me faz pena a Etelvina. Antes não quero vê-la.

Você foi sempre meu amigo; e por isso não me negará um grande favor, que vou pedir-lhe. Diga-me tudo o que souber de Etelvina; perca algumas folhas de papel comigo. Se nos tornarmos a ver, eu lhe darei um abraço, e contarei as minhas aventuras. Espera merecer-lhe este importante obséquio o seu amigo e venerador obrigadíssimo

BASÍLIO FERNANDES.»

RESPOSTA

«Lisboa, 8 de junho de 1852.

Meu caro senhor Basílio.

Etelvina foi para o Porto, há quinze dias, em companhia de seu pai.

Estive com ela no hotel “dos dois amigos” na véspera da partida.

Contou-me as desventuras do seu casamento, e citou o seu nome com as lágrimas nos olhos.

Está muito acabada: já não é aquela flor que perfumava o salão da Filarmónica portuense, e atraía os elegantes aos bailes da Terpsicore.

O marido dela é agiota. Quem tal diria!... Eu quis ser uma das vítimas de Henrique Pestana, que empresta a juro de cinquenta por cento; mas não é ele carrasco que estrangule todas as vítimas, que se lhe oferecem: meditou antes de lançar mão do esparto, e mandou-me delicadamente embora: é que me achou insolvente.

Consta-me que ele, depois que a mulher se retirou, anda em consultas para salvar o que tem de algum processo judicial instaurado pela mulher.

Por enquanto, não sei que mais lhe diga. Do que souber darei parte, se isso lhe agrada.

Divirta-se, ame, espalhe o dinheiro, e aprenda a viver.

Seu amigo, etc.»

BASÍLIO A MIM

«Paris, 21 de setembro de 1852.

Meu caro.

Tenho esperado outra carta sua. Li no *Comércio do Porto* a notícia da morte do Manuel José Borges, e lá se diz que ele não deixou nada.

Fiquei a cismar na pobreza de Etelvina, se o marido lhe não dá alimentos. Como você agora está no Porto, diga-me o que souber. Eu penso sempre nela. Meu pai agora já me diz que não vá para a pátria. Bem o entendo, e é escusado cuidar ele que pode acabar um amor que nasceu há dezoito anos. Eu amo Etelvina desde que me conheço. Escreva-me por quem é.

Amigo, etc.»

EU A BASÍLIO

«Porto, 2 de outubro de 1852.

Meu presado,

Etelvina está trabalhando para sustentar-se e sustentar a mãe. Henrique, sabendo que ia ser citado para divórcio, alienou tudo fraudulentamente. Sei que ele vive em Lisboa com outra mulher.

Manuel José Borges morreu deste desgosto: à força de meditar em fazer a filha rica, esta ideia, afinal malograda, deu cabo dele.

O procedimento da sua companheira de infância tem sido admirável. Recebe discípulas de piano e canto, e desvela as noites a costurar. Nunca mais a vi, desde que nos despedimos em Lisboa.

Seu pai tem muito em vista afastá-lo do Porto. E eu, sem ser consultado, ousarei dizer-lhe que você não deve aqui vir tão cedo.

Creio que o senhor Basílio tem um coração maior que o vulgar. Nascido com tantas condições de felicidade, necessariamente

a infausta estrela do ser humano lhe havia de descontar tantos bens com o mal de ser sensível.

Esquecia-me, ou talvez de propósito lhe não disse, que por acaso ouvi cantar, há dias, Etelevina. Eram duas horas da manhã. Que tristeza me fez ouvi-la, e que pungente cantar era o dela! Eu que sabia a desditosa que ali estava, e assistira ao pobre enterro do pai um mês antes, entendi que ela não cantava; mas, na voz dos anjos, orava a Deus pela alma do pobre velho.

Adeus. Se principio a dar trela ao sentimento, receio que você me peça, em vez de lamentações, uma linguagem mais epistolar.

«Seu, etc.»

BASÍLIO A MIM

«Paris, 20 de outubro de 1862.

Fez-me chorar a sua carta lágrimas de sangue. Pobre Etelevina, que sorte a sua! Vou para o Porto. Você é a única pessoa que o sabe. Lá me arranjarei com meu pai. Suceda o que suceder. Você me dirá como eu hei de dar recursos à minha amiga de infância, sem que o mundo o saiba, nem ela possa perder a reputação. Vou por Lisboa. Quero ver as barbas ao Henrique Pestana.

Está o correio a partir. Até lá. Eu, logo que chegue a Lisboa, dou-lhe parte. Etc.»

Um ano de Paris tinha dado a Basílio Fernandes Enxertado este dizer fluente: sucesso não vulgar em pessoas que de cá vão com fama de saberem escrever cartas.

A profecia do frade, com referência à cabeça de seu sobrinho, não era de todo em todo absurda.

Vamos ver o que ele era em coração e pulso.

XVIII

O MAIOR MURRO QUE AINDA LEVARAM QUEIXOS DE HOMEM.

Em meado de novembro, desembarcou Basílio no «Cais das colunas.»

Era domingo. Hospedou-se no «dois irmãos unidos» e dali me escreveu, logo que chegou, uma carta, que não conservo.

Ao meio dia, foi ao Passeio. Encontrou as meninas Raposeiras. Guilhermina olhou-o de esguelha, por sobre o ombro do marido, sujeito de anos, e bacalhoeiro grandemente afazendado.

Basílio trazia o ar de Paris, aquela inimitável compostura, peculiar dos homens, que insensivelmente se habituaram aos olhares, aos jeitos, às levíssimas coisas em que está o ser-se pessoa de boa companhia.

Acercou-se ele do grupo das meninas, e cortejou-as com o desempenho de quem em toda a parte, e com toda a gente, mantém integralmente a consciência de sua superioridade.

– Amália e Guilhermina já estão casadas – disse o comendador Raposeira.

– Estimo muito – respondeu Basílio.

– O marido de Amália é oficial superior de marinha, e está em Moçambique. O marido de Guilhermina é este senhor João Joaquim Alves.

– Muito gosto em cumprimentar o senhor João Joaquim Alves – disse Enxertado, e acrescentou logo: – É poeta?

– Não sou poeta, não, senhor! – disse o marido de Guilhermina, piorando a cara que tinha com uma visagem de ultrajado pela pergunta.

Basílio sorriu-se, e disse:

– É que a senhora D. Guilhermina, se eu bem me lembro, aqui há dois anos era muito poética, e achava eu que ela, a casar-se com alguém, havia de ser com uma pessoa das mesmas inclinações.

– Como vem espirituoso de Paris! – disse a esposa de João Joaquim Alves.

– Venho assim...

Basílio interrompeu-se, e disse abruptamente, vendo perpassar Henrique Pestana com uma mulher pelo braço:

– Minhas senhoras, às suas ordens! – E afastou-se por uma das áleas laterais do Passeio.

– Está cada vez mais doido e lorpa! – disse o comendador Raposeira à família.

Basílio cortou a vanguarda de Henrique, e atravessou a álea, alguns passos adiante dele, encarando-o de revés.

O marido de Etelvina conheceu-o e achou-se incomodado por aquele sinistro olhar.

Passada meia hora, Henrique e a dama saíram do Passeio pela porta oriental, e tomaram para a Praça d'Alegria.

Enxertado seguiu-os, e viu-os entrar em uma casa de boa aparência na rua da Conceição. Henrique observou a espionagem, e ficou mais incomodado. Não saiu mais de casa naquele dia, nem no outro, porque o criado, posto em vigia pelo amo, dissera que, na esquina da calçada da Glória, estava quási sempre parado um homem.

Ao outro dia, o vigia tinha abandonado o posto; e Henrique, forçado pela urgência de segurar um devedor que saía de Lisboa sem reformar a sua letra, saiu.

Chegou a salvamento ao Rossio; aí, porém, o aguardava um desastre que seria ignominioso, se a Providência não escolhesse um homem do Porto como instrumento do castigo. Um homem do

Porto, quando bate, honra sempre as costelas que quebra. Sou insuspeito, aqui o declaro, porque não tive a gloriosa sina de ser conterrâneo de Basílio, nem o Porto me concedeu ainda cartas de concidadão dos seus homens fortes e timbrosos.

Estava Basílio em uma das janelas do hotel dos «dois irmãos unidos.»

Entreviu, e reconheceu Henrique a entrar no Rossio.

Desceu à rua, e esperou à entrada da rua do Ouro.

Aproximou-se dele, e perguntou:

– Que fez o senhor daquela pobre menina que se chamava Etlvina?

Henrique tartamudeou uma resposta assim:

– Etlvina é minha mulher, e está no Porto.

O medo é a mais estúpida das paixões: responde sempre a mais tola das lembranças.

– Bem sei que é sua mulher e está no Porto, trabalhando para sustentar-se; mas pergunto eu se você casou com ela para a fazer assim desgraçada?

O agiota supôs que Basílio, declinando para o sentimentalismo, mostrava um ânimo menos disposto ao ataque, e esta conjetura deu-lhe espíritos.

– Com que direitos – disse ele – vem pedir-me o senhor Basílio contas da minha vida? Eu importo-me com a sua?!

– Eu não lhe peço contas da sua vida, – redarguiu o portuense – pergunto-lhe se valia a pena você tirar-me aquela menina, que eu amava desde a infância, para a reduzir à situação em que ela está.

– Ora, senhor Basílio, – retorquiu Henrique – acho estranho o seu arrojo. Eu não lha tirei: foi ela que o não quis ao senhor. Livrei-o de uma boa peça... Deve dar-me os agradecimentos...

– Pois é para dar-lhe os agradecimentos que eu vim de Paris procurá-lo – disse Basílio e atirou-lhe incontinenti à cara um murro capaz de matar um elefante.

Henrique Pestana é ocioso dizer que deu um salto, como se o murro fosse um choque de pilha elétrica, e caiu fora do passadiço.

Por instinto de defesa, ficou de costas, com as pernas ao alto. Basílio avançou para ele, ergueu-o pelas lapelas do casaco, sacudiu-o como quem desperta um sonâmbulo, e, quando o viu acordado, estampou-lhe dois homéricos pontapés, que o fizeram voltar ao ponto donde o deslocara o murro.

Em menos de dois minutos, seriam duzentas as pessoas que se rompiam e encavalgavam para verem Henrique lavando os narizes na tenda de um salchicheiro, e Basílio questionando com um cabo de polícia, que o intimava a segui-lo ao regedor.

Como o portuense encarasse de um modo suspeito nas ventas do cabo, este funcionário, que via arderem as barbas do vizinho Henrique, chamou os municipais e outras tropas, que iam passando, para o ajudarem a fazer cumprir o artigo da polícia, mantida a inviolabilidade de sua cara.

Basílio condescendeu. Henrique Pestana foi obrigado a ir também à presença da autoridade, sem embargo dele encarecidamente pedir que o dispensassem da formalidade, visto que, por sua parte, desistia da querela.

– Eu também desisto – acrescentou Basílio com alguma graça.

O regedor tomou conta da informação do cabo, e mandou os presos ao juiz criminal. O juiz ouviu a alegação de Basílio, exposta com a eloquência da paixão, e até com lágrimas, quando narrou a situação de Etelvina. Chegou o magistrado a interessar-se nos pormenores do que ele chamava um romance, que tinha simplesmente contra si o estilo de se não darem assim murros daquele tamanho entre os personagens dos romances modernos.

– Admira-me, dizia o facecioso juiz, que o senhor, chegado há quatro dias de Paris, não tenha andado mais bizarramente neste negócio, desafiando o seu antigo rival com as formalidades assinadas no romance!

Basílio olhou contra Henrique, abatido sob o peso da sua covardia, e disse:

– Estes bandalhos lá em Paris ninguém os desafia.

– Pois bom era que os matassem por cá como quem atira aos lobos! – disse o ajudante do escrivão, que estava presente. – Aqui onde o vê, senhor juiz, – continuou ele – é o mais refinado agiota de Lisboa! Eu aposto que ele era capaz de vender a mulher, se ela não fosse para o pai!

Houve quem achasse graça a isto, e com a risada terminou o episódio, mandando-os embora o juiz, que recomendou a Basílio Fernandes toda a prudência em espancar um sujeito, que seria capaz de criar uma fonte de receita com as costelas.

Ora vejam no que deu aquele galã dos bailes da Terpsicore de 1848! Ali está o laureado cínico de Coimbra, o estúrdio imérito das bambochatas portuenses! Fora a sordícia da usura que o despenhara naquele lamaçal. Os vinte contos herdados, postos a caminho de volverem com um cento de contos em poucos anos, absorveram-lhe a alma, aviltando-a até perder a sensação do opróbrio!

Henrique recolheu a casa feliz e sossegado, porque teve a dita de apanhar o devedor, que reformou a letra, e reformou o aceitante substituindo-o por outro mais idóneo, chão e abonado.

Basílio, na manhã do dia seguinte, saiu para o Porto.

XIX
LÁGRIMAS. CAPÍTULO FASTIDIOSO.

Recebi a nova da chegada de Basílio a casa de seu pai. Fui procurá-lo, que assim mo pedia ele. José Fernandes, primeira pessoa que eu vi no armazém, chamou-me de parte, para me dizer que seu filho vinha perdido de Paris. Fundamentava o velho a perdição de seu filho na desobediência, vindo para o Porto contra sua ordem, e na arrogância com que respondera que não saía mais do Porto.

– Se ele não pratica ato algum por que mereça ser expulso da sua terra, da sua casa e da sua família, que razão tem o senhor José Fernandes para o querer longe do Porto? – perguntei eu.

Respondeu o especieiro que, enquanto Etelvina fosse viva, seu filho não teria descanso.

– Mas, – atalhei – espera o senhor que Etelvina morra, para depois aceitar benevolmente seu filho?

– Disseram-me que ela está ética.

– Não sei se lhe disseram a verdade; mas, se está ética, que tem que seu filho esteja no Porto quando ela expirar? Não é de presumir que ele a vá desenterrar.

José Fernandes pensou alguns minutos, enquanto pesava três arrobas de açúcar, e disse-me:

– Olhe se lhe tira alguma asneira da cabeça... Eu estou com medo que ele a vá procurar.

– Para lhe dar alguma esmola?

– Isso é o menos.

– Pois, se é o menos, porque não socorre o senhor a sua afilhada e a sua comadre?!

– Nunca me pediram nada.

– Nem pedirão.

– Deram-me muitos desgostos – tornou ele. – Sabe o senhor quanto eu tenho gastado por causa delas? Doze contos de réis. É o que eu tenho dado a Basílio a ver se o distraio; e, pelos modos, o rapaz vem doido como foi.

– Não tem razão de queixa, senhor José Fernandes – repliquei. – Seu filho pudera ter sido o que muitos são: desobedecer-lhe, casar com Etelvina, e esperar do tempo a pacífica solução que tais acontecimentos costumam ter.

– Nunca lhe perdoaria; dou-lhe a minha palavra de honra! Se ele tal fizesse, eu, em menos de dez anos, que é o que eu poderei viver, desfazia-me de tudo que tenho; atirava com toda a minha fortuna ao fundo do Douro!

– E seu filho seria um ladrão para lhe honrar a sua memória, senhor Fernandes. A sociedade, antes de o culpar a ele, condenaria o mau pai que legou ao filho o exemplo da sua perversidade, como estímulo para toda a casta de infâmia.

– Homem, você!... – murmurou o merceeiro.

– Eu, quê! Acha que me vou descomedindo no atrevimento das frases!?

– Não digo isso; você parece-me que tem razão... Eu não devia deixar pobre o rapaz, ainda que ele tivesse casado com a moça; mas, enfim, estar eu a trabalhar cinquenta anos para ela depois andar por aí de trem a figurar...

– Pois bem: Etelvina já não pode figurar em trens com dinheiro seu, senhor José Fernandes. Segundo dizem, brevemente irá ela dar um passeio de sege ali para o cemitério do Prado. Que receia agora o senhor? Não apoquente seu filho. Se ele quiser dar uma esmola àquela família, que ele conhece desde os seis anos, deixe-lha dar.

– Pois eu não vou contra isso: mas que lha não leve ele.

– Assim será – terminei eu com muita alegria.

Esperava-me Basílio com os braços abertos. Contou-me o conflito com Henrique Pestana.

– Essa sua nobre aventura – disse-lhe eu – há de remunerá-lo de outras, que farão rir a nossa posteridade.

– Não me diz você agora – perguntou Basílio – como eu hei de fazer algum bem à desgraçada?

– Facilmente. Aqui estou eu, à falta de outra pessoa, para lhe entregar o que você quiser.

– Mas meu pai já me disse que eu o matava, se me tornasse a relacionar com Etelvina.

– Seu pai não morre. Consente que dê uma esmola à família de Manuel José Borges.

– Sou feliz! – exclamou ele, abraçando-me. – Tem-a visto?

– Não. Ela já não vive na mesma casa. Os interesses, que fazia ensinando piano e canto, diminuíram desde que ela não pode cantar.

– Etelvina já não canta?! – atalhou Basílio com os olhos vidrados de lágrimas.

– Já não. Está muito doente.

Basílio deu-me o dinheiro que tinha: eram algumas libras. Deu-me o relógio, a cadeia, alfinetes de preço, e anéis, exclamando:

– Venda tudo, que eu não tenho mais; e, se for pedir a meu pai, ele é capaz de me dizer que uma libra ou duas é esmola bastante. Venda tudo, e dê-lhe tudo, o mais breve que possa.

– Não há precisão de vender nada. Aqui estão dez libras, que podem sustentar dois meses duas pessoas. Depois, proverá ao resto, se Etelvina viver.

– Pois ela há de morrer! – exclamou ele com desesperação.

– Há de morrer, que dúvida! Deixe-me lá ir. Eu virei dizer-lhe o que se passar.

Fui procurar Etelvina à rua de Malmerendas.

Entrei numa saleta, em que ela estava concluindo a lição a duas meninas. Contemplei-a alguns minutos, e compreendi a razão de a julgarem tísica. As faces extremamente descarnadas, o roxo das olheiras, a aridez dos lábios, e as manchas escarlates sobre a saliência

dos ossos malares, eram sobejos característicos de uma morte próxima.

Saíram as discípulas.

– Não o vejo há muito tempo – disse-me ela.

– Desde Lisboa.

– É verdade. Cuidei que ainda lá estaria. Sabe que estou sem pai?

– Sei, minha senhora...

– E brevemente estarei sem vida para amparar minha mãe...

– Talvez a demasia de trabalho...

– Terá concorrido; mas a causa principal é o desgosto; é ver-me moralmente morta... Creio que nem o mundo perdoou à minha desgraça...

– O mundo não perdoa aos desgraçados...

– É assim... A mãe de Basílio, minha madrinha, e santa na opinião de toda a gente, encontrou há dias minha mãe, e disse-lhe que eu me botara a perder pela minha má cabeça... Assim foi... mas, estando eu tão infeliz em resultado do meu nenhum juízo, parece que deviam esquecer-me para me censurarem, como me esqueceram para me beneficiarem...

– Assim devia ser; porém, minha senhora, nem todos a esqueceram.

– Lembrou-se o senhor que veio procurar-me... Bem haja...

– Eu venho saber de sua saúde enviado por Basílio. O merecimento de visitar uma pessoa infeliz não é exclusivamente meu.

– Basílio!... – disse ela muito concentrada. – Ainda está em França?

– Está no Porto.

– Sim?! É feliz? está contente de me ver assim humilhada?

– É feliz, se a senhora D. Etelvina reconhecer nele o irmão, o amigo de infância. Roga-lhe ele que lhe restitua estes carinhosos títulos, que lhe dava quando eram meninos.

– É assim que ele se vem vingar de mim? Tem razão. A ironia é a mais dolorosa das ofensas. Diga-lhe que me não tenha ódio, que eu estou morta.

– Eu não vinha a sua casa, minha senhora, com uma missão de zombaria. Basílio fala-lhe nas minhas palavras, que são sérias, quanto podem sê-lo. Quer o filho de sua madrinha que v. ex.^a e sua mãe recebam dele os recursos necessários à sua subsistência independente do trabalho.

Etelvina ergueu-se, apertou-me convulsivamente a mão, e disse com a voz cortada de soluços:

– Diga-lhe que a desgraçada Etelvina lhe beija as mãos, onde ele lhe oferece a esmola; mas que não a aceita. Minha mãe cá fica. A pobrezinha não pode trabalhar; ele que a socorra depois que eu tiver morrido.

– Quer ele socorrê-la desde já. Rejeite a senhora D. Etelvina o auxílio de seu irmão; rejeite; faça essa má ação; tenha esse descaridoso e ofensivo orgulho; mas não prive sua mãe de ter um fim de vida mais sossegado. É a ela que eu vou dirigir-me. Onde está sua mãe?

Encaminhei-me para uma alcova, onde ouvia tossir.

– Minha mãe está aí dentro de cama. Queira esperar, que eu vou ajeitá-la para ela o poder receber.

Entrou Etelvina no quarto, e eu logo com ela. Esqueci-me de ser delicado para obviar a que algumas palavras da filha a demovessem de aceitar a oferta.

– Espere, senhor... – disse Etelvina.

– Perdão; mas não espero, minha senhora.

D. Custódia estendeu-me a mão cadavérica, dizendo:

– Eu ouvi tudo, e só faço o que a minha filha quiser.

– Sua filha – atalhei eu – quer que sua mãe viva, e eu quero que sua filha obrigue o orgulho, que a perdeu, à penitência de ser uma vez dócil.

Etelvina saiu do quarto a soluçar. Depositei as dez libras no regaço de D. Custódia, e vim pedir à linda criatura, que eu aplaudira na Filarmónica, que tocasse a ária triste, que eu lhe ouvira, às duas horas da noite, um mês depois da morte de seu pai.

Etelvina cobriu o teclado de lágrimas. Beije-lhe as mãos, e saí.

O contentamento de Basílio, ouvido o feliz desempenho da minha comissão, foi extremo, por que as lágrimas se encontravam nos lábios com o sorriso d'alma.

Contei lealmente os sucessos ocorridos a José Fernandes, exceto a quantia remetida.

Neste entretanto, Basílio fora expandir a sua alegria nos braços da mãe enferma, cujo temor da morte e da eternidade lhe inflamara incêndios de caridade. Disse-lhe ela ao ouvido que, numa boceta do seu baú amarelo, estavam vinte peças de duas caras, que seu pai lhe dera no dia do casamento. «Vai buscá-las, – ajuntou Bonifácia – e dá-as à minha comadre para que ela me perdoe alguma palavra dura que eu lhe tenha dito, sem me lembrar que Deus lá está para nos julgar a todos».

Correu Basílio em procura de mim, e fez-me também esmolel-mor de sua mãe. Sem demora, tornei à rua de Malmerendas, e entreguei as vinte peças a D. Custódia, que ergueu as mãos, clamando:

– «Bendito seja o Senhor!»

Sem embargo destes recursos, Etelvina piorava; os indícios de curta vida agravavam-se. Deixou de lecionar em piano e de costurar.

O médico, admirado de o chamarem tão tarde, aconselhou-lhe ares do campo, nos arrabaldes de Lisboa, ou, se as posses lhe permitissem, na Madeira.

Etelvina alugou uma pequena casa em Valbom, dizendo que escolhia ares de campo mais vizinhos do cemitério do Prado.

A casa era contígua ao quintal onde, em menina, costumava ir às merendas do peixe frito, com a família Enxertado.

Basílio, sabendo que Etelevina, conquanto os recursos lho concedessem, não quisera sair das vizinhanças do Porto, inferiu deste ato não sei que alegres esperanças.

– Esperanças! – dizia-lhe eu. – Que espera você de Etelevina?!

– Vê-la com saúde, e bela como era.

E eu abstinha-me de o desenganar. Que mal me fazia a mim uma ilusão que tão doce lhe era a ele? Similhante desejo era inocentíssimo. Amasse-a ele embora. Que mal podia fazer este amor à moral pública?

Fui, passados quinze dias, visitar Etelevina. Encontrei-a a prender umas hastes de roseira a um caniço, que devia no verão receber as trepadeiras já plantadas.

Disse-me que estava muito melhor, que respirava livremente, e estava quási salva da pior dor, que era a da espádua esquerda. As faces tinham menos cor, menos daquela sinistra púrpura que mais realça na lividez do todo. Agourei bem disto; mas desconfiei que o bem-estar da doente eram as chamadas melhoras da morte.

Quando saí eram dez horas da noite. Fugira-me o tempo, ouvindo-lhe circunstanciadamente as flagelações de sua vida com Henrique, e contando-lhe pela primeira vez o encontro de Basílio com ele em Lisboa.

A poucos passos da casa, vi um vulto a encaminhar-se para mim. Reconheci Basílio.

– Como está ela?

– Melhor.

– Você diz-me a verdade?

– Digo-lhe o que ela me disse. Está sem a dor, fala com menos fadiga, e tinha já outros olhos, quando saí. Que faz você por aqui?

– Nada... Estava à sua espera... e estava a recordar os meus dez anos, ali, naquele quintal, a brincar com Etelevina.

– E agora? vamos para o Porto?

– Fico ainda por aqui. Sinto-me bem neste lugar; e, se for para casa, vou sofrer.

– Pois fique.

Era uma noite de lua cheia.

O Douro, adormecido naquela bacia bordada de armazéns, de palacetes, de florestas, de choupaes cerrados, resplandecente da lua e estrelas, alumiaría com a santa luz dos poetas o íntimo sentir de Basílio, se a saudade e o amor não bastassem a dar-lhe o condão que o génio goza imperfeito, se a paixão o não aquece.

Do átrio da igreja do Bonfim olhava eu além, onde alvejava a casinha, e pensava comigo naquele moço, de quem o mundo ria, de quem eu mesmo rira, tão longe, o mundo e eu, de imaginarmos que maviosa alma aquela havia de ser!

Àquela hora que fariam os remontados espíritos que o tinham escarnecido? Ervedosa saía ébrio de um alcouce; Henrique Pestana descansava da sordícia gananciosa do dia, nas lícitas devassidões da sua concubinação; um cavalheiro do tom delapidava o património no jogo; outro aguardava o silêncio da meia-noite para instilar a desonra no seio da família, onde tomara o chá e jogara o voltarete. Estes, e outros da mesma plana, chanceavam da estupidez de Basílio Fernandes Enxertado.

Às sete horas da manhã fui acordado por Basílio.

– Que madrugada é esta?! – exclamei.

– Chego de Valbom.

– Ainda agora?! Que fez você toda a noite?

– Nada. Estive por ali.

– Que extravagante prazer!

– Vi-a.

– Viu-a?!

– À meia-noite, abriu a janela, e estive a olhar pelo rio abaixo, e a cantar muito baixinho. Depois, foi para dentro, e tocou.

– Queira Deus que ela não ganhe alguma constipação! – atalhei eu.

Veja o meu leitor que ele estava sendo o antigo poeta, que eu tinha sido, e eu transformado no Basílio que ele fora!

Estas mudanças fazem-as três anos de mais, o coração de menos, e uma bronquite crônica.

Quanto o sono me permitia, ouvi-o dizer as tristes e afetuosas coisas que dizem os amantes, na linguagem dele, desenfeitada, pitoresca e original, mas sobre tudo apaixonada. Que hipóteses ele estabeleceu! Fugir com ela, parar num sertão de África, tecer uma cabana, sentá-la num trono de folhagem, e adorá-la, morrer a amá-la! Isto dizia-o ele muito melhor, com lágrimas que são a santificação de todos os desvarios. Outra hipótese, mas esta cruenta, e só perdoável no caso em que... Era a hipótese matar Henrique Pestana, e casar-lhe com a viúva! Negra ideia!... e, na essência, nobre desejo!... Hipótese só perdoável no caso em que... a lembrança fica na hipótese, e Henrique Pestana vivo, alegre, estimado, preciso à organização social, e... conselheiro, santo Deus, Henrique Pestana conselheiro, como afirma o *Diário do Governo* de 16 de julho de 1854!

Como é, pois, que...

O leitor finge que se espanta, e pergunta.

– Como é, pois, que Henrique Pestana está conselheiro?!

Os governos, leitor amigo e entendido, são como as fábricas, que recolhem o farrapo sujo das barricadas de lixo, e fazem deste farrapo um acetinado papel.

Henrique Pestana figurou numas eleições, emprestou dinheiro para a sustentação de um jornal, e escreveu nele com mais ciência e consciência que nos jornais do Porto.

Que havia de dar o ministério a um homem, que punha ombro a uma situação, já desembolsando dinheiro, já dispendendo-se em inteligência?

Uma carta de conselho, essa bagatela que por aí recebem sujeitos, que não deram inteligência nem dinheiro. Ora aí está como foi.

Voltando a Basílio, e às hipóteses:

A última foi a mais racional.

– Se Etelvina – dizia Basílio – me permitisse que eu, às escondidas de minha família e de todo o mundo, a visitasse...

- Pode ser; mas não acho acertado que você a visite.
- Eu sou incapaz...
- Bem sei de que o senhor é incapaz.
- E então?
- E então é que a vai colocar na precisão de lhe rejeitar o benefício.
- Não percebo...
- Perceberá. Se você se apresenta a Eteelvina, cuidará ela que a sua caridade era uma máscara; e antes que você desfize a máscara, será possível que ela apresse a morte com a miséria.
- Diz bem.
- Não sei se digo bem; mas conjeturo isto. Deixe ver se ela se restabelece. Um sangue novo modifica o gênio, o temperamento, tudo. Pode ser que alguma hora ela mesmo me diga que quer ver o senhor Basílio.

A repetidas instâncias do meu inseparável amigo, voltei a Val-bom, passados oito dias.

Eram sensíveis as melhoras de Eteelvina. Vi uns longes da graciosa criatura da Filarmónica portuense. Olhava como quem vê o anjo da esperança a adejar num céu azul. Agitava-se como avezinha que sacode da asa os gelos da estação triste ao sol de abril.

– Estou quasi boa! Já não morro! – exclamou ela. – Não tardo a poder outra vez dar as minhas lições de canto. Sinto forte o peito. Quando ensaio a voz, encontro-a áspera sim, mas forte como era. Antes de deixar esta casa, desejo beijar as mãos de minha madrinha, e agradecer tanto amor de irmão a Basílio. Consentirão eles?

– Basílio decerto deseja – respondi eu – ver a afilhada de sua mãe, e agradecer-lhe o favor de o considerar seu irmão; enquanto a sua madrinha, essa, minha senhora, sepulta-se hoje.

– Morreu! – exclamaram ambas, debulhando-se em lágrimas.

– E morreu sem eu lhe pedir perdão da minha soberba! – disse Custódia. – Deus sabe quantas vezes me tenho arrependido de ter dado a minha filha uma educação, que tantas amarguras nos trouxe. A minha santa comadre bem mo disse!...

– E, na hora da morte – ajuntei eu – disse ao filho que amparasse a sua afilhada.

Voltei aos responsos de D. Bonifácia, e da igreja fui consolar a grande mágoa do filho asseverando-lhe que Etelvina estava salva.

XXI
COMO ELES SE AMAVAM,
SEM AFRONTAREM A MORAL PÚBLICA.

No inverno de 1854, Etelvina vivia no Porto, revigorada, vigorosa, bela; mas triste.¹⁹

Dava lições de piano e canto, saía com algumas de suas discípulas, e era estimada nas casas que frequentava.

Ninguém o há de crer; mas dava-se o caso de haver gente honesta que a respeitava como esposa do conselheiro Henrique Pestana!

Como era que um homem de vida infamada refletia brilho na pobre esposa, que dava lições para viver? Se ela fosse mulher de um artista honrado, cujo pão fosse insuficiente para ambos, a desconsideração viria naturalmente, mesmo contra vontade de quem a desconsiderasse. Que querem? Vamo-nos revolvendo nesta lama. O espantar-se a gente não tarda a ser um sintoma de demência.

Os benefícios de Basílio tinham sido delicadamente desaceitos, a pouco e pouco. Com as economias das primeiras dádivas, reformara Etelvina a sua casa, que os móveis da casa paterna quási todos tinham sido vendidos nos dias da enfermidade e indigência.

Basílio, de mês a mês, ia em minha companhia, visitar as duas senhoras, que nos recebiam sempre juntas. Ali passávamos algumas horas de dias feriados em conversações, que Basílio reputava palestras como elas devem ser na bem-aventurança, e eu recebia, em desconto dos meus pecados, quando Etelvina não cantava.

José Fernandes, desde que D. Bonifácia lhe fugiu para o céu, começou a perder o gosto da vida, o amor ao trabalho, e a declinar de si o encargo do governo dos seus armazéns. Queria ele que Basílio continuasse o negócio; mas o moço convenceu-o de sua inaptidão para o comércio. José Fernandes liquidou os seus haveres, trespassou as lojas, e deu-se todo à vida devota, e aos esplendores das procissões portuenses, comprando adornos para os andores. Isto não é razão para duvidar do seu claro entendimento; mas outras se deram, que confirmam o juízo dos que o julgavam a cair em idiotismo, sendo a principal a indiferença com que ele recebeu a notícia de ir Basílio a casa de Custódia Borges.

Correram três anos regularmente monótonos: no primeiro domingo de cada mês Basílio visitando Etelvina; e Etelvina recebendo a visita de Basílio, sem que entre os dois se proferisse palavra com alusão às cenas posteriores aos bailes da Terpsicore.

E, no entanto, Basílio Fernandes Enxertado rejeitou convidativas propostas de casamentos, já com ricas herdeiras da classe comercial, já com filhas segundas de nobilíssimas casas das províncias do norte.

– Que espera o senhor? – lhe dizia eu. – Porque não dá nova direção à sua vida? Que significa esta visita mensal a Etelvina?

– Espero – dizia ele.

– E não o aflige esse amor sufocado?

– Aflige-me a ideia de que ela me não ama ainda.

– Isso não sei.

– Mas que lhe parece?

– Parece-me que o ama... não pela razão de dever amá-lo.

– Como? não deve?!

– Não se ama por dever, amigo Basílio Fernandes – repliquei em tom pedagógico. – É uma bárbara tirania quereremos, com alguns punhados de oiro, o usurário lucro de um coração, nada menos que um coração, o maior tesouro do céu e da terra, o supremo poder abaixo de Deus, e tal que, se um coração pudesse entrar no inferno, o inferno seria aniquilado.

Fiquei em dúvida se Basílio me entendera. É certo que perdeu as cores rosadas, que nenhum pavor ou desgraça iminente²⁰ lhe havia emaciado. E exclamou:

– Não dever ela amar-me! Quem amará então ela neste mundo?!

– Poderia amar um celerado, que a infamasse, e desprezá-lo a você, que a salvou da fome, da nudez e da morte.

– Isso não pode ser! – clamou ele, apertando entre as mãos as fontes arquejantes.

– Pois não será, amigo Basílio. Encarecidamente lhe peço que esqueça esta caluniosa conjectura. Este maldoso ajuizar do mundo ao mundo o devo. Pode ser que Etelvina seja uma das raras pombas que eu tenho visto voar por sobre este dilúvio de fezes, em busca de um raminho onde poisarem. Pode ser; Deus se digne permitir que seja, e confundido seja eu para glória da espécie humana!

Fiz mal ao pobre rapaz.

Deixei-o a ruminar a peçonha do meu estilo. Estilo, meu Deus, vós bem sabíeis que o era, porque eu sinceramente acho bonito o mundo, adorável o universo moral, e santas todas as mulheres, desde a que se baloiça em coxins de damasco até à que sentada na alcatifa lamacenta das ruas não tem já coragem de dizer aos que passam que está ali uma mulher algum dia desejada, acariciada, seduzida, e alanceada pela desonra.

No costumado domingo do mês seguinte não me apareceu Basílio, para irmos a casa de Etelvina.

Procurei-o. Soube que ele na véspera tinha saído para Braga.

No dia imediato recebi um bilhete de Etelvina, que rezava assim:

«Estará doente o meu irmão? Só assim, compreendo a falta de ontem. Acaso ignora Basílio que eu preciso hoje tanto de saber que ele é meu amigo, quanto noutra tempo precisei dos seus benefícios?! Diga-lhe que pode ser feliz sem me esquecer. Uma tarde de cada mês é tão pouco para quem tem tantos dias e noites que repartir!...»

Nesta mesma hora recebi de Braga uma carta de Basílio. É extensa. Sumariamente dizia que ia fugindo de Etelvina e de mim.

Respondi, incluindo o bilhete da esposa do conselheiro.

A réplica foi ele pessoalmente. Quis que eu lhe fosse o Joseph intérprete do bilhete, que ele chamava um sonho.

– Sem vacas magras, nem gordas – acrescentei – Isto é claro, meu amigo. Você é amado. Agora, prudência; mas, se lhe parecer que a prudência é uma caturrice minha, faça o que quiser, na certeza de que não faz nada original.

Tive de parafrasear estas palavras, às quais ele respondeu:

– Sou incapaz disso.

Ficou satisfeita a minha consciência.

As visitas amiudaram-se. Primeiro, todos os domingos, depois todos os dias santos, que eram muitos naquele tempo; e, ao cabo de três meses, todas as noites, que eram as do inverno de 1855, grandes para toda a gente, exceto para Basílio Fernandes Enxertado, e para o leitor, que nesse ano casou, ou estava em arranjos disso, que é muito melhor.

A moral pública farejou aquela silenciosa felicidade e honesta alegria dos dois amantes. Zangou-se a moral pública, e fez soar as cem trombetas da infâmia. O conselheiro Henrique Pestana foi avisado anonimamente. Como naquele tempo o porte das cartas era pago pela pessoa que as recebia, o usurário, à segunda que recebeu, exclamou:

– Segunda carta é pouca vergonha!

A terceira, cujo sobrescrito era visivelmente letra fingida, não quis aceitá-la.

E, por sua parte, deu um testemunho de homem pacífico e honesto, em sua ignomínia, como está estabelecido pelas conveniências sociais.

Em 1857, reapareceram maus sintomas de enfermidade em Etelvina: demasara-se nas fadigas de sua profissão, ao passo que a calúnia a indigitava amante de Basílio Fernandes.

O médico aconselhou a saída do Porto sem demora, confiando na simples mudança de ares e descanso o restabelecimento.

Basílio, que assumira entre as duas senhoras uma branda autoridade de irmão e filho, convidou-as a irem passar o restante do outono em Coimbra, e fixarem ali sua residência, se a terra e o clima lhes agradassem.

Partiram para Coimbra os três. Este ato, a dizer a verdade, não me pareceu muito de molde e talho para tapar as bocas do mundo. Dispensei-me de moralizar de viva voz o sucesso, e despedi-me deles desejando-lhes dias felizes, dias da pastoril e ditosa Arcádia nas margens do cismador Mondego.

XXII
QUE FIM!

Chegaram à hospedaria do Lopes, que olha sobre o decantado rio, cujo murmurar dá infinita e suavíssima tristeza.

Etelvina saiu ao terraço, que sobranceia o cais, e exclamou:

– Ai! como isto é lindo! que desafogo! quem me dera aqui viver!

Basílio, pouco dado de seu natural a enlevos e poesias de rios e árvores, obedeceu ao condão da maga, que, ao invés da Circe fabulosa, converte os brutos em requintados sentimentalistas.

Deste arrobo, foram ambos espertados por alguns gritos, coados por uma das janelas laterais ao terraço.

– Que gemidos serão estes?! – perguntou Etelvina. – Estará alguém doente ali?

Foi Basílio informar-se com o criado dos quartos, e soube que estava a morrer o homem que gemia.

Era um sujeito que, a fugir à peste que abrasava Lisboa, fora dar a Coimbra; e, logo que chegou, caiu de cama, atacado da febre amarela, que trouxera da capital.

Quis Basílio mudar de hospedaria; mas assegurou-lhe o médico assistente do moribundo que não havia exemplo de contágio, dadas as circunstâncias daquele caso.

Não obstante, o timorato moço saiu em demanda de outro hotel, e achou todos ocupados por famílias fugitivas de Lisboa. Resignou-se a ficar no Lopes; e Etelvina, mais resignada ainda, ocupou com

sua mãe o quarto único devoluto, separado do do agonizante por uma lona forrada de papel.

Às onze horas da noite, D. Custódia, fatigada da jornada, dormia serenamente, e Etelvina, com os olhos fitos na lamparina, e a face encostada à mão direita, escutava os arrancos estertorosos do febricitante, e dizia entre si:

– E está ali a morrer aquele homem sem ouvir uma palavra de conforto! Morre, sozinho, sem esposa, ou irmã, que lhe enxugue na face o suor da agonia! Nem sequer um sacerdote que lhe fale em Deus! Que pavorosa morte aquela! Quanto melhor lhe fora esperá-la no seio da sua família!... E ninguém o socorre!... Tem pedido tantas vezes água! Se eu soubesse onde é o quarto²¹ de Basílio, ia pedir-lhe que desse um copo d'água a este desgraçado!...

Aumentavam as ânsias do moribundo, que, a espaços, rouquejava um som que dizia: «água, água!»

– Que infeliz! – disse Etelvina, saltando do leito. – Não posso ouvi-lo... Faz-me febre aquele horrível sofrimento!... Se ele beber água, morrerá mais consolado... Vou ver se consigo que alguém lhe acuda... Se eu achasse uma campainha!...

E, assim dizendo mentalmente, vestiu-se à pressa, e procurou debalde uma campainha; encontrou, porém, uma garrafa de cristalina água, e um copo.

– Água, água! – exclamava, revolvendo-se no leito, que rangia, o agonizante.

Etelvina superou com um ímpeto de piedade o pavor de entrar naquele quarto. Abriu de manso a porta do seu para não acordar a mãe, deu dois passos oscilantes no corredor, e viu cerrada a porta do quarto imediato.

Susteve-se ainda instantes no limiar, até que uma nova exclamação do moribundo lhe deu valor.

Etelvina parou a dois passos do leito, sem ver o rosto do homem que estrebuchava, com meio corpo descaído para o chão, e os braços, já como mortos, a tocarem no pavimento.

– Aqui está água – murmurou ela, vazando-a da garrafa ao copo.

– Água! – regougou o moribundo, sacudindo-se em vascas horrendas, com os cabelos empastados sobre a testa, e faces.

Etelvina não sabia como chegar-lhe aos lábios o copo, sem que alguém levantasse o corpo do enfermo, debruçado na borda da cama. Relanceou em derredor os olhos, viu uma campainha, saiu ao corredor a tangê-la com força, e esperou que um criado estremunhado assomasse no corredor.

– Venha erguer o doente para lhe darmos água – disse ela.

O criado, esfregando os olhos, e cambaleando, murmurou:

– Então ele chamou a senhora?

– Não; fui eu que vim sem ser chamada. É uma crueldade deixar assim morrer sozinho este homem! Não haver quem lhe chegue uma gota d’água!...

– Isto aqui não é hospital, é hospedaria! – murmurou o criado, entrando de má vontade ao quarto do doente.

– Vamos lá – continuou ele, puxando pela cintura do agonizante, até conseguir encostá-lo ao espaldar do leito de ferro, e levantando-lhe o rosto, que, descaído sobre o peito, se não deixava ver.

No instante em que o criado lhe ergueu a face, a garrafa e o copo caíram das mãos de Etelvina, que expedira um estridente grito, e recuara até ao tabique do seu quarto.

O moribundo abriu os olhos pávidos, e estremeceu, como abalado pelo estrondo dos vidros, e pelo grito.

O criado, transido de horror supersticioso, largou o quasi cadáver, e, com os cabelos hirtos, e os olhos esgazeados, contemplou a hóspeda, que estava de joelhos, e mãos erguidas, sem proferir um som.

– Água! água! – exclamava de novo o agonizante.

O criado, a pretexto de ir buscar água, saiu do quarto.

Etelvina esforçou-se para arrancar-se à letargia, deu alguns passos até ao leito, vazou num copo água do jarro do lavatório, e murmurou:

– Henrique!... Henrique! ouves-me? aqui tens água...

O conselheiro Henrique Pestana deu um forte sacão, descerrou as pálpebras, alongou os braços, pegados com a camisa molhada de

glacial suor, roçou as mãos na face de sua mulher, e rugiu uns sons desarticulados.

– Sou eu, Henrique! – tornou ela. – é Etelevina, que te perdoa... Conheces-me, Henrique?...

– Etelevina! – murmurou ele cortando a palavra nas quatro sílabas, que lhe saíam em ânsias do peito, como se os pulmões arfassem as últimas quatro aspirações do alento.

– Sim, sim, sou eu... vê-me, Henrique?

Inclinou um pouco ao lado a cabeça o moribundo. Etelevina supôs que ele procurava o copo com os beiços requeimados, e amparou-lhe a face no ombro, aproximando-lhe o copo. A face do agonizante procurou inertemente²² outro apoio, resvalando até à cintura de Etelevina.

Estava morto Henrique Pestana.

Neste momento, entrou Basílio espavorido.

O criado, aturdido pelo medo, tinha ido chamá-lo e contar-lhe o sucesso. Basílio, sem poder conjeturar o que movesse Etelevina a entrar no quarto do doente, correu, sem bem discernir se ia sonhando.

– Que é isto? – exclamou ele, vendo-a de joelhos ao lado do cadáver.

– É meu marido! – respondeu ela, sem destapar o rosto, que cobria com as mãos.

XXIII
CONCLUSÃO.

Um ano depois deste sucesso, estando eu em Lisboa, recebi a seguinte carta de Basílio Fernandes Enxertado.

«Meu amigo. Se lhe não custa, venha ao Porto. De hoje a quinze dias, Etelvina é minha mulher. No dia imediato vou mostrar-lhe Paris, e não sei quando voltarei para poder dar um abraço no meu amigo. Faça este sacrifício à velha amizade do seu

Basílio.»

Fui ao Porto, e tive a honra de ser testemunha do casamento.

Etelvina, de linda que estava, parecia uma noiva de quinze anos. Basílio, conquanto principiasse a engrossar de cintura, e desdissesse algum tanto das formas nervosas e franzinas de sua mulher, o júbilo bastava a dar-lhe aquela misteriosa auréola, a invejável poesia do noivo, que vai receber das mãos do ministro sagrado um tesouro de inexaurível felicidade.

Ao lado dos noivos estava José Fernandes! Pasmei! E o bom velho – quem diria! – estava alegre, e dizia à nora, assim com uns ares de idiota:

– Ó afilhada! olha se me engordas este rapaz! não trates só tu de engordar!

Até o abade de Santo Ildefonso se riu com este dizer do velho, e piscou o olho ao sacristão. Botou malícia no dito o bom do padre! Não sei que a tivesse.

Depois de jantar, Basílio saiu comigo a uma varanda, e disse-me:

– Estou feliz!

– Bem vejo. Está você completamente feliz.

– Completamente.

– E sua mulher?

– Que pergunta! Você duvida que minha mulher esteja feliz?!

– Não.

– Então!...

– Qual de vocês quer ir amanhã para Paris?

– Sou eu, e ela condescende.

– Que vai você procurar em Paris? é a felicidade?

– Não.

– Pois, se não, deixe-se estar no Porto. Concentre-se, e mais sua mulher, na embriaguez das delícias, que estão a trasbordar-lhe da taça da fortuna amiga. Mais tarde, quando os olhos de ambos estiverem cansados de mutuamente se contemplarem, então abalem para Paris, na certeza de que o tédio os espera em toda a parte. Meu amigo, o seu dever agora é, mais que nunca, alegrar a decrepitude de seu pai. Ali o tem a fazer carícias a sua mulher; reparta com ele do coração de Etelvina, e não queira privar também a mãe da filha. Eu não lhe dou quinze dias de bem-estar em Paris.

– Não irei.

– Faz bem: não vá. Outra coisa lhe lembro e peço: trabalhe, senhor Basílio; trabalhe, se quer espancar o enojo da vida. Seja negociante como seu pai, ou lavrador como seus avós; mas trabalhe. De cada doze horas do dia, dê duas a sua mulher, e dez aos cuidados de distrair as suas faculdades do espírito para recobrar e vigorizar as do coração.

– Trabalharei.

Basílio Fernandes Enxertado cumpriu. Eu fui sempre *ótimo* conselheiro da felicidade alheia.

Ele aí está no gozo de grandes haveres, de grandes créditos, de grandes armazéns do vinho, e da consorte mais extremosa entre as mais sensíveis esposas de que tenho notícia.

Escrevi as *Aventuras* deste meu amigo, segundo as diversas impressões, que me ele causou, nas sucessivas fases de sua vida. Ele, quando me ler, e se vir ridículo, há de consolar-se, olhando em torno de si, e vendo *homens sérios*, que envelheceram ridículos, e pior ainda, miseráveis e infames, à socapa da sua astuciosa seriedade.

De D. Etelvina Borges Enxertado, direi o mesmo, defendendo-me da censura, aliás sisuda, de a não ter desculpado de suas juvenis leviandades. Desculpada está ela diante do júri consciencioso que conhece os costumes do seu tempo. Foi criança, ouviu a sereia das falsas alegrias, não teve pai menos derrancado que o maior número dos pais pobres corrompidos naquela atmosfera do Porto. Que havia de fazer ela? Se pecou, reabilitou-se pelas lágrimas, e pelo coração.

De cada cento de mulheres adoidadas, haverá uma que possa dar a seu marido o coração imaculado de Etelvina? Haverá, Deus o permita!

Ora, quando a culpa da inconsideração do ânimo não arrasta à mil e uma vergonhas, que a sociedade absolve, a mulher, que tão leve desconto oferece em suas virtudes, merece veneração de santa.

Assim mesmo, receio muito que se ria dela uma grande dama que mora num palacete aqui perto de mim.

Esta grande dama vivia, há seis anos, com o conselheiro Henrique Pestana, e disfruta hoje cinquenta contos do amante, os quais ninguém lhe disputa.

FIM

NOTA EDITORIAL

Não era raro Camilo dar nomes diferentes à mesma personagem, umas vezes advertindo e corrigindo esse efeito da pressa ou da falta de planeamento da escrita, outras vezes não. Neste romance, algo mais peculiar acontece com os nomes dos protagonistas. A heroína muda o seu três vezes, não por distração do escritor, mas por vontade própria, ou dos enleios da narrativa: batizaram-na como *Bonifácia*, porque assim se chamava sua madrinha, mas aos nove anos, por altura do crisma, foi renomeada *Custódia*, agora em imitação de sua mãe. E depois, já mulherzinha, passou a *Etelvina* e assim ficou.

Já o herói é *Basílio* de uma ponta à outra do romance. Quando o escritor entende picá-lo, o que às vezes acontece, sobretudo no início, tem à sua disposição tanto o apelido *Enxertado*, que considera alcunha propícia a chacota, como o *Basílio* batismal, de que alguém diz no capítulo IV: «– Tem cara de lorpa; cara mesmo de Basílio». Camilo classifica *Enxertado* como alcunha, mas em rigor não o é, e sim topónimo convertido em apelido pelo pai de Basílio. «José Fernandes, por alcunha o *Enxertado*»: levada talvez por esta citação indutora, alguma bibliografia regista «José Fernandes, o Enxertado», mas em lugar algum do romance aparece essa menção, e sempre «José Fernandes Enxertado». Não se trata, portanto, de um apodo depreciativo colado à cauda do nome, mas antes de um apelido que o filho recebeu do pai e que este havia tomado do sítio

onde nasceu, o Enxertado, aldeia da margem sul do Douro, situada perto de Resende, distrito de Viseu (e não em Trás-os-Montes, como Camilo assevera em uma dessas imprecisões que fazem delícias aos catadores de factos). É prática corrente os portadores de nomes indistintos, como este *José Fernandes*, reforçarem a sua individualização com a transformação em apelido do nome da sua terra natal (ou, noutros casos, com o nome do seu ofício ou até de uma alcunha, mas esta perde acutilância ao ser transmitida aos filhos). Foi o que aconteceu neste caso. Ao tratar como alcunha o que era um simples apelido, Camilo mostra a mão, que pouco de bom augurava para a sua personagem.

Quem também pega no nome *Basílio* é a crítica moderna, que não resiste a estabelecer confrontos com o homónimo queiroziano. Face a um desnível cronológico que exclui interações para montante, genéticas ou outras (*O Primo Basílio* seria publicado em 1878, quinze largos anos depois do romance de Camilo), sugere-se que o que liga ambos os romances é os protagonistas terem um antepassado comum, o D. Basílio do *Barbeiro de Sevilha* de Beaumarchais.*

Mais interessante talvez seja a sugestão** de que Basílio, antes de o ser, estava para se chamar *Tanas* e que *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* seria a concretização de um romance que Camilo fizera anunciar em 1860, ao ser detido na cadeia da Relação do Porto. Esse romance chamar-se-ia *Aventuras Sentimentais de Ambrósio Tanas. Obra Póstuma, Edificante e Consultiva* e iria ser publicado pelo editor António Maria Pereira, o mesmo que publicou em 1863 as *Aventuras de Basílio Fernandes*. Seria o mesmo romance, com mudança no nome do herói? Tanas, como recorda Alexandre Cabral, era a alcunha (essa, sim, atestada) por que era conhecido um inimigo de Camilo, João Félix Rodrigues, que com ele tivera em 1859 violenta polémica (Cabral, *Dicionário*, p. 700); daí crer Cabral que o

* António Coimbra Martins, Nota Preliminar a *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1966.

** Alexandre Cabral, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, 2.ª ed., Lisboa, Caminho, pp. 54-55.

romance anunciado no ano imediato visaria esse dito inimigo e que o romance efetivamente publicado três anos mais tarde, pelo mesmo editor e igualmente intitulado *Aventuras*, seria a concretização desse desígnio.

Abundam nestes cenários pontos carecidos de ligação, mas é inegável que os nomes de ambos os protagonistas por diversas razões se prestam a alguma especulação. Nela, Etelvina, pode entrever-se uma figura que evoluciona por etapas de metamorfose onomástica. Como propõe Maria de Lourdes Ferraz, quando Etelvina muda de nome, muda igualmente de atividade e de personalidade, a ponto de se poder dizer que acaba convertida em personagem nova. * Nele, Basílio, vemos o nome próprio e o apelido entrarem como ingredientes distintivos do retrato inicial que é esboçado da personagem, contribuindo com a cabeça desproporcionada e a inabilidade social para comporem uma figura pronta a ser ridicularizada, antes de mais pelo autor, que foi quem escolheu tais ingredientes a pensar, talvez, no velho Tanas a que prometera uma sátira.

Antes de abandonarmos a clave onomástica em que vamos indo, algo pode ser dito a respeito do narrador, que a si mesmo se chama autor, sem revelar que nome tem, e que leva uma vida ocupadíssima dentro e fora da narrativa. Habitados que estamos a sentir a presença de Camilo por perto das suas narrativas, espreitando para dentro, perguntando às leitoras o que acham de certa cena, lembrando uma anedota a propósito de qualquer coisa, mesmo assim não deixa de causar surpresa a frequência das suas aparições neste romance, e a sua eficiente participação no desenrolar da narrativa e na condução das outras personagens. No capítulo X, que tem por título *Em que entra o autor*, faz isso mesmo, recebendo durante uma viagem de vapor as confidências de Henrique

* Maria de Lourdes Ferraz, Apresentação, *Dicionário de Personagens da Novela Camiliana*, Lisboa, Caminho, 2002, p. 25.

Pestana, que queria casar com Etelvina, dando-lhe conselhos mas guardando para si (e para nós) segredos essenciais ao desenrolar da história, que escapavam ao conhecimento dos mais interessados (cartas análogas enviadas a destinatários diferentes, por exemplo). O capítulo XVII intitula-se *A minha correspondência com Basílio Fernandes Enxertado* e contém cinco cartas trocadas entre ambos quando Basílio estava em Paris, a polir-se de civilização, mas cheio de saudades do Porto. Basílio pede ao autor («Você foi sempre meu amigo») notícias de Etelvina, e recebe-as na carta de volta. Este extraordinário autor, que as personagens elegem por confidente e por quem se deixam guiar, tinha tido já outros ofícios: aceitara ser *ghost-writer* de Basílio, que queria oferecer versos a uma criada («vendi a minha musa, e fui grande parte nos desgostos novos do senhor Basílio», cap. V). Com Basílio passeia-se no Chiado (cap. XI), mais tarde intermedeia um vai-e-vem entre Basílio e Etelvina (cap. XXI). Em suma, como disse Coimbra Martins (*loc. cit.*), Camilo «faz de personagem», a única personagem do romance que não tem nome.

Isso não a impede de ter, além de assíduas entradas em cena, a função fundamental de ser o óculo através do qual vemos Basílio e podemos acompanhar a sua transformação num homem mais decente e digno de consideração do que as primeiras páginas do romance fariam esperar. Porquê? Porque o narrador foi mudando de opinião sobre Basílio e assim influenciou a nossa. Segundo Maria de Lourdes Ferraz, «em *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* esse narrador é claramente interferente, muito apostado em mostrar um ridículo que se vai atenuando à medida que a ação vai progredindo e que as personagens se vão de certo modo redimindo do seu ridículo pela constância do amor. E, neste caso, a empatia vai-se tornando cada vez mais simpatia.» (Ferraz, *loc. cit.*). De facto, é esse interferente autor que não resiste a explicar, na última página, o que fez e fez fazer aos outros: «Escrevi as *Aventuras* deste meu amigo, segundo as diversas impressões, que me ele causou, nas sucessivas fases de sua vida. Ele, quando me ler, e se vir ridículo, há de consolar-se,

olhando em torno de si, e vendo *homens sérios*, que envelheceram ridículos...» (cap. XXIII). Comparado com eles, Basílio é, afinal, um homem com sorte: até a cabeça, que era tão volumosa, parece ter-se reduzido a dimensões mais normais ao longo da narrativa, pois deixa de ser objeto de comentários.

Não é crível que Ambrósio Tanas tivesse um percurso idêntico, do menos para o mais, se as suas aventuras tivessem sido escritas. Como não é crível que Camilo as tenha efetivamente escrito e que elas sejam, sob novo título, estas aventuras de Basílio. De facto, a evolução redentora de Basílio torna difícil concordar com Alexandre Cabral quando avança, é certo que a título de prudente conjectura, que os dois romances são um e o mesmo e que o seu «esquema ficcional foi imaginado» quando «estava Camilo preso na Cadeia da Relação do Porto» (Cabral, *Dicionário*, p. 54). Primeiro, Tanas não seria candidato a beneficiar da simpatia final que no autor vai crescendo para com Basílio; como a narrativa depende da percepção e do gosto do autor, o esquema ficcional seria necessariamente outro. De Tanas, Camilo certamente não diria «Escrevi as *Aventuras* deste meu amigo».

Depois, há que reconhecer que a cronologia afasta, mais do que coliga num único, os dois romances e suas circunstâncias. Não se conhece manuscrito das *Aventuras Sentimentais de Ambrósio Tanas*, mas isso pouco impressiona, pois também não se conhece o manuscrito das *Aventuras de Basílio*, como, em boa verdade, da maior parte dos romances de Camilo. Também não se conhece uma linha do seu texto, por citação ou mera alusão. Apenas se conhece uma nota de imprensa (escrita pelo próprio Camilo ou aliado seu?), que foi colocada em pelo menos dois jornais na semana seguinte à entrada na cadeia da Relação do Porto, e dada a conhecer por Alexandre Cabral.* Essa entrada na cadeia ocorreu em 1 de outubro

* Alexandre Cabral, *Cartas de Camilo aos Editores António Maria Pereira*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1973, pp. 74-75.

de 1860 e as notícias saíram poucos dias depois em *A Revolução de Setembro* (4 de outubro) e n' *O Nacional* (6 de outubro). Dizia a nota:

«*Um livro curioso* – O distinto escritor o Sr. Camilo Castelo Branco acaba de escrever uma obra que vai brevemente entrar no prelo e que há de extrair-se facilmente, como acontece a todas as que trazem o nome do ilustre romancista. Chama-se *Aventuras Sentimentais de Ambrósio Tanas. Obra póstuma, edificante e consultiva, publicada por Camilo Castelo Branco, herdeiro do defunto*. A obra é escrita em estilo picaresco, acomodada a todas as capacidades, e formará um volume de 400 páginas, oitavo francês. É fácil de presumir qual será o interesse deste livro, tanto de ocasião, uma vez que estamos na época e no governo dos Tanas.»

O objetivo oportunista desta nota é evidente: importava publicar que para o escritor encarcerado a vida continuava como usualmente, sem perturbação de maior. O que em substância veio a suceder: basta consultar a ocupadíssima agenda do escritor entre esse outubro de 1860 e o outubro seguinte* para se ficar com a certeza de que pouco mudou na sua agitada vida durante o ano de cárcere. Apenas interrompido pelas visitas que recebia e por passeios 'higiénicos' nas ruas do Porto, Camilo esteve uma parte importante desse período ocupado a escrever: os capítulos iniciais de *Anos de Prosa*, as traduções da *Fanny* de Feydeau e de *O Romance de um Rapaz Pobre* de Feuillet, metade de *Doze Casamentos Felizes*, duas novelas inteiras, *O Romance dum Homem Rico* e *Amor de Perdição*, rematando com as *Memórias do Cárcere*.

* Consulte-se, por exemplo, a muito documentada obra de Fernando de Castro Brandão, *Camilo Castelo Branco. Uma Cronologia*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, pp. 71-76.

Mas nenhum vestígio, em tão intensa produção, das aventuras de Ambrósio Tanas. Visto que o que Camilo escrevia era logo publicado, antes que a tinta secasse, é plausível crer que, se já tivesse escrito essas aventuras, como a nota de imprensa anunciara, ou se as tivesse escrito na cadeia, ou nos tempos imediatos, como Alexandre Cabral parece tentado a admitir, elas não teriam deixado de aparecer em forma de livro o mais tardar em 1861. Recorde-se que todas as obras escritas na cadeia foram publicadas nesse ano, salvo *Amor de Perdição* e *Memórias do Cárcere*, que foram criadas nos meses finais de detenção e só saíram em 1862. O ritmo era sempre o mesmo: escrito o livro, a edição vinha meses depois.

Não no caso das *Aventuras*. Das de Ambrósio Tanas, nem cheiro; das de Basílio, se foram publicadas em 1863, isso só pode significar que foram escritas pouco antes e que não figuravam entre as obras escritas no cárcere, que estavam todas publicadas e algumas já em vias de segundas edições.

O livro que os jornais de 1860 anunciaram não seria, pois, mais que uma ideia, e não um livro escrito e fechado. O que teria Camilo guardado dessa ideia, dois ou três anos mais tarde, para as aventuras de Basílio? Sem dúvida, os títulos, que seguem um esquema de construção paralela. E dois protagonistas que apetecia tratar mal, pelo menos de entrada. Mas algo mais estrutural se vislumbra: se repararmos no longo título das aventuras de Ambrósio, Camilo não só se inseria nele, como se apresentava na qualidade de herdeiro e editor do livro; essas funções preludiam de alguma forma a sua relação com Basílio, mais distante e diluída, mas assídua e com momentos determinantes. Assim, é de admitir que a figura do autor feito personagem encostada ao protagonista já fizesse parte da ideia prematuramente anunciada em 1860 e fosse, assim, um estímulo para a concretização do livro de 1863.

Não existe, ou não é conhecido, o manuscrito de *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*. A edição do romance faz-se, como é norma, a partir da edição mais digna de crédito. Não são numerosas

as edições deste livro, e apenas duas em vida do escritor: a 1.^a em 1863 e a 2.^a em 1872. Ambas na casa de António Maria Pereira, de onde saíram mais quatro edições, em 1907, 1920, 1946, 1966, todas póstumas portanto, além das que foram modernamente publicadas por diversas editoras. Há igualmente notícia de uma edição brasileira muito precoce, de 1864, no Rio Grande do Sul, a qual deve ser considerada contrafação feita a partir de exemplar da 1.^a. Todas estas informações, inclusive o opróbrio lançado sobre a edição brasileira, constam da 6.^a edição, 1966, de que tenho citado a introdução de Coimbra Martins.

Esta 6.^a edição declara na folha de rosto ser «conforme a 2.^a, última revista pelo autor». Mas não é, duplamente. Não é verdade que a 2.^a edição tenha sido revista por Camilo, sendo essa alegação filha da convicção de que os escritores reviam e se responsabilizavam por todas as edições de todos os seus livros. Camilo é rico em provas contrárias. Neste caso, o cotejo da 2.^a edição com a antecedente revela um número escasso de lições divergentes, todas elas classificáveis como erros de impressão ou de composição. O aparato crítico que se segue a esta nota permite comprovar que nenhuma dessas lições próprias da 2.^a edição tem a natureza de emenda, estilística ou de conteúdo, que se possa atribuir à revisão do autor e cuja manutenção na edição crítica constituiria uma melhoria para o texto, ainda que pontual. A conclusão é simples: Camilo não reviu a 2.^a edição, que em nada supera a 1.^a, antes pelo contrário. Esta é uma das inverdades da afirmação constante da folha de rosto da 6.^a edição.

A segunda inverdade é que esta edição não é conforme a 2.^a edição, como declara, mas sim conforme a 1.^a, aliás com isso ganhando bastante. Em todos os passos do texto em que 1.^a e 2.^a edições divergem (ou seja, na prática em todos os passos que formam o aparato crítico), verifica-se que a 6.^a edição acompanha as lições da 1.^a, que são superiores. Assim, acompanha sem hesitação a invulgar, mas correta, lição *toupeiricida* da 1.^a edição, que a 2.^a não entendeu, dando-nos *toupeiriçada*. Claro que a 6.^a fez o que está certo, não cumprindo o que declara.

Em conclusão, a presente edição crítica segue a 1.^a edição, que não sabemos se terá sido revista pelo autor, mas foi feita a partir do seu manuscrito. A 2.^a edição, embora contemporânea do escritor, não teve da sua parte intervenção textual visível, ou alegada. Quanto à 6.^a edição, se não tivesse dado informações enganadoras sobre o modo como foi feita, nem teria sido aqui mencionada.

Ivo Castro

APARATO CRÍTICO

- ¹ a gente de gosto deve ouvi-lo, podendo,] a gente de gosto deve ouvir-o podendo, *em ambas as ed.*
- ² Ó mulher!] mulher! *1.ª ed.*, mulher *2.ª ed.*
- ³ todos os poros] todos os poros *1.ª ed.*, todos poros *2.ª ed.*
- ⁴ O moço, como tivesse] O moço, como tivesse *1.ª ed.*, O moço, como se tivesse *2.ª ed.*
- ⁵ carro] carro *1.ª ed.*, corro *2.ª ed.*
- ⁶ aquela galharda esquadrilha] aquella galharda esquadrilha *1.ª ed.*, aquella galharda esquadrilhas *2.ª ed.*
- ⁷ podagra] podraga *tanto na 1.ª como na 2.ª eds.*
- ⁸ toupeiricida] toupeiricida *1.ª ed.*, toupeiriçada *2.ª ed.*
- ⁹ cadeira.] cadeira. *1.ª ed.*, cadeira: *2.ª ed.*
- ¹⁰ ^{S/C}] *sigla usada em correspondência, antes da data, para indicar o local de escrita: equivalente a sua casa.*
- ¹¹ indignidade,] indignidade, *1.ª ed.*, indignidade *2.ª ed.*
- ¹² houverem] *o uso plural de haver não é infrequente em Camilo, e outros escritores.*
- ¹³ aconselhava-o] aconselhava-o *1.ª ed.*, aconselhava-os *2.ª ed.*
- ¹⁴ Este *exímia*, adjetivado] Este *exímia*, adjectivado *1.ª ed.*, Esta *exímia*, adjectivado *2.ª ed.*
- ¹⁵ alguns dos quais, *bêbado* por exemplo, não era de todo descabido.] *Assim nas duas edições: Camilo faz concordar o verbo (não era) com bêbado, e não com alguns dos quais.*

- ¹⁶ teve razão de maior...] teve razão de maior... *1.ª ed.*, teve a razão de maior... *2.ª ed.*
- ¹⁷ Algum romance lhe segredara] lhe *1.ª ed.*, lho *2.ª ed.*
- ¹⁸ Rio-me] Riu-me *em ambas as edições.*
- ¹⁹ bela; mas triste.] bella; mas triste. *1.ª ed.*, bella, mas triste. *2.ª ed.*
- ²⁰ iminente] eminente *nas duas edições.*
- ²¹ Se eu soubesse onde é o quarto] Se eu soubesse onde é o quarto *1.ª ed.*, So eu soubesso ondo é o quarto *2.ª ed.*
- ²² inertemente] inertemente *1.ª ed.*, incrtemenc *2.ª ed.*

ÍNDICE

- 9 I Nasce o herói. A cabeça e as espertezas do mesmo.
- 13 II As delícias portuenses do peixe frito, antes da civilização.
Custódia banhada pela luz do século. Bonifácia sustenta
as saudáveis doutrinas da estupidez.
- 19 III O herói em mangas de camisa.
- 29 IV Afoga-se Basílio, e desafoga-se milagrosamente.
- 41 V Basílio poeta. Conquista um tacho. O que lhe aconteceu na capoeira.
- 55 VI A paixão fatal do herói. Memórias dos nossos dias.
- 63 VII O coração inimigo das pernas.
- 69 VIII Com comendas e bolos se enganam os tolos.
- 77 IX Basílio entre as sr.^{as} Raposeiras, e o mais que se disser.
- 83 X Em que entra o autor.
- 89 XI Vantagens do roubo contra os inconvenientes da predestinação,
segundo Balzac.
- 97 XII Dois exemplos de amor paternal.
- 105 XIII Chora o herói.
- 115 XIX Ama Basílio uma *prima-donna di-cartello* do Real Teatro de S. João.
- 123 XV Que estrudo ele teve!
- 131 XVI Castigos de leviandade. Capítulo de muita moral.
- 137 XVII A minha correspondência com Basílio Fernandes Enxertado.
- 141 XVIII O maior murro que ainda levaram queixos de homem.
- 147 XIX Lágrimas. Capítulo fastidioso.
- 153 XX A santa poesia da caridade.
- 159 XXI Como eles se amavam, sem afrontarem a moral pública.
- 165 XXII Que fim!
- 169 XXIII Conclusão.
-
- 173 Nota editorial
-
- 183 Aparato Crítico

